

*Revista do*

# ENSINO



*Edi Díaz Pereira*

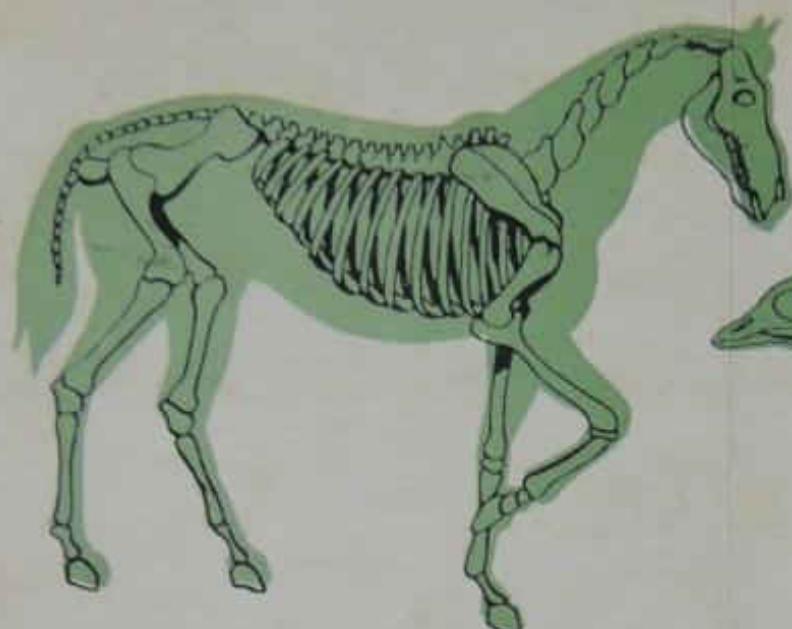
PUBLICAÇÃO DA EDITORA GLOBO

ANO 2 — N.º 9

SETEMBRO 1952

C-5 10,00

# ANIMAIS VERTEBRADOS



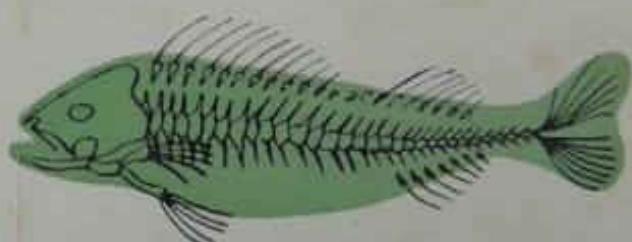
CAVALO



AVE



SAPO



PEIXE



ELEFANTE



COBRA

PERIÓDICO  
DE INTERESSE  
DO MAGISTÉRIO

Publicação da  
Editora Globo

Ano II Setembro 1952 N.º 9

Diretora:

MARIA DE LOURDES  
GASTAL

Secretária:

GILDA GARCIA BASTOS

Redatora-Chefe:

ABIGAIL TEIXEIRA

COLABORARAM NESTE  
NÚMERO:

Antônio Acciú, A. G. Lima, Andreia Cecília de São Brito, Benjamim C. Camozzini, Cláudia Cidade Pinto, Cecília C. Thaís, Direcção Brandão, Elida Freitas e Castro Druce, Edy Flora Cabral, Eloah M. Bina, Estilho Bueno Homero, F. G. Gaetano, Gilberto Garcia Barreto, Hélia de Carvalho Armento, Honerina Caubiro Massaia, Geraldo C. Costa, Ida Passini, Irmã Maria José, Itália Arnone de Leão, Janirro P. Gastal, Manoelina Freita, Maria de Lourdes B. Medina, Maria M. Bina, Matilde B. Cox, Maria Lotufo Lisboa, Maria F. Barcelos da Silva, Ney Duarte Luz, Otávio Rosa, Padre Alvaro Negroni, Rubim Teixeira Torres da Silva, Sarah Azambuja Rosa, Suelly Avelino, Susy Skring, Teresinha Seroni, Vilma M. Palizzi Cirio, Vânia de Almeida Lima.

REVISTA DO ENSINO é publicada mensalmente pela "Editora Globo" Henrique d'Ávila Bertazzo, diretor; Adelmo Gibert, gerente. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Redação: Andrade, 1429. Preço: número avulso, Cr\$ 10,00; assinatura anual, Cr\$ 80,00.

# Revista do ENSINO

## ÍNDICE

O FATO HISTÓRICO DO MES	3
GALERIA HISTÓRICA	4
POESIAS PARA O MES	5
BIBLIOTECA INFANTIL DE SÃO PAULO	8
APRESENTE SEU PROBLEMA	12
A GUERRA DOS FARRAPOS	18
RETHATANDO MESTRES	17
OBSERVACOES E EXPERIENCIAS	18
CONTOS PARA OS SEUS ALUNOS	20
O CIVISMO	22
SUITE DA PRIMAVERA	24
EDUCACAO PRE-PRIMARIA	26
FRUTAS GOSTOSAS	29
LICOES DE GEOGRAFIA	30
BIBLIOTECA ESCOLAR INFANTIL	31
ENSINO RELIGIOSO	32
MASCARAS PARA DRAMATIZACOES	34
AJUDICABA	35
TEATRO DE BONECOS	39
ENSINO SUPLETIVO	42
PILATELIA	44
ESTUDEMOS JUNTAS	46
BIBLIOTECAS A UMA PROFESSORA	47
LEQUE EXECUTADO COM LÂMINAS DE MADEIRA	48
ORIENTACAO E ENSINO	49
UNIDADE DE TRABALHO: SEMANA DA PÁTRIA	50
EXERCICIOS PARA TODOS OS GRAUS	52
COMPOSICAO	54
UM PLANO E UMA PROVA	56
ARTE INFANTIL	61
GEOMETRIA	62
RECHEACAO PÔBLICA	64
HISTORIA DA EDUCACAO	65
EDUCACAO RURAL	66
HIGIENE MENTAL NA ESCOLA	68
EDUCACAO FISICA	69
NOTAS DE PORTUGUES	70

Os trabalhos estão sob inteira responsabilidade de seus autores.  
Correspondência: Toda correspondência deve ser enviada para:

"REVISTA DO ENSINO"  
Rua das Andradinhas, 1429  
Porto Alegre  
Rio Grande do Sul

# SETEMBRO

DOMINGO	2º FEIRA	3º FEIRA	4º FEIRA	5º FEIRA	6º FEIRA	SÁBADO
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				



• • • **O FATO  
HISTÓRICO  
DO MÊS**



## INDEPENDÊNCIA OU MORTE

De D. AQUINO CORRÉA

*Foi sobre a tarde, quando o sol declina,  
Hora divina das contemplações,  
Hora de Gólgota, sublime hora,  
Marcada outrora para as redenções...*

*Deus decretará redimir a terra,  
Que o nome encerra da sagrada Cruz:  
E a um jovem Príncipe entregou a espada  
Dessa cruzada de infinita luz.*

*O herói passava em seu ginete airoso  
Ao sol radioso que esmolhava os céus  
O ideal tremia-lhe na fronte inquieta,  
Era a silhueta de um estranho deus.*

*Tinha a seus pés por pedestal o outeiro  
Alvareiro do Ipiranga em flor;  
E a brisa e as árvores e a onda flava  
Tudo cantava de esperança e amor.*

*E quando erguer aquelle sabre de ouro,  
E como estouro de vulcão fatal,  
Rugiu nos céus: INDEPENDÊNCIA OU MORTE!  
Tinha no porte um heroísmo ideal.*

*Responde ao grito e, delirante, brado,  
A cavalgada que nos fez rução:  
E o luso tope que algemava os braços,  
Rola em pedaços no brasília chão.*

*Entanto, o brado: INDEPENDÊNCIA OU MORTE!  
De sul a norte num fulmineo ecoar,  
Livres bandeiras pelo azul desata  
Numa fragata lá transpõe o mar.*

*Desde o Itatiaia que assoberba os ares  
Até Palmares repercute a voz;  
Ouvem-na os maués de fatais guerreiros  
Dias, Negreiros e Poti feroz.*

*Sorri-lhe o espirito imortal de Anchieta  
Anjo e poeta que o Senhor nos deu;  
E do além-mundo como que suspira  
A infesta lira do gentil Dirceu.*

*Brota de tudo e se ouve um hino ardente,  
Ardentemente pelo céu cantar,  
Um como Hino de Natal que erra  
Do céu à terra e da montanha ao mar.*

Continua na pág. 6



Encuadres  
CECILIA C. PITREZ  
Foto: da G. R. Photo Studios, P. A.

# GALERIA



D. David Canabarro



Giuseppe Maria Garibaldi



Antonio de Sousa Neto



José Gomes de Vasconcellos Jardim

# HISTÓRICA

GIUSEPPE GARIBOLDI

Garibaldi — o herói dos dois mundos — está ligado à história brasileira, não só pelo seu consórcio com o admirável Anita, mas também pela sua atuação militar na Guerra dos Farrapos.

Brasil — o intrepido Garibaldi, com completo éxito, uma façanha sem igual na América.

A sua esquada, isolada na Lagoa dos Patos, com a retirada corrida pelos imperialistas, que ocuparam a Ilha do Rio Grande, estava na iminência inevitável de ser batida pela ação conjunta da esquadra inimiga.

Garibaldi, compreendendo a situação, subiu quanto foi possível o armazém Capivari que desagua na Lagoa da Ilha oriental.

Ali então retomou para terra os célebres barchões Seival e Bú Pardo e, colocando-os sobre ríos, tirados a 40 juntas de barcos, transportou-as em direção ao Oceano, no lado do Transatlântico.

Após alguns dias de perigo e dificilíssima travessia, os longos diaqueiros planícies amontoados, chegaram os barchões à barra da Tijuca, fondeando-se de vela em direção à Lagoa, para esperar entre as fôrmas de Canabarro.

O aparelhamento dos navios de Garibaldi, deixado da Lagoa, constitui, por certo, uma prova sensacional que mostra o gênio de Garibaldi iluminado pelo patriotismo de Anita, seria capaz de conceber e realizar.

DAVID CANABARRO

A 22 de agosto de 1770, nasce em Taquari o fundador da República Catarinense, o ilustre cabo de guerra — David Canabarro.

Desde 1820, David José Martins, era esse o seu nome, consagrou-se ao serviço militar, salientando-se, desde o início, por não de incompatível bravura.

No drama heróico de 12, a atuação do bravo gaúcho, embora algumas vezes contestada por diversos historiadores, foi um dos mais fortes alceses sobre que se ergueu esse monumento das glórias ourivesas.

Tristante de início, a república de Paraná, tentando republicanizar o País, conseguiu a extensão suas raízes.

A terra de Anita foi a primeira para onde se transportou o gênesis fecundo, Leste-e-Canabarro.

Após dez anos de lutas traiu o exílio de Pouso Verde. Chegada a luta, decorreu um período de vinte anos, até que a incômoda parceria veio encadeando de novo os pampas.

Canabarro foi dos primeiros a enfrentar o lúcido invasor. Sua espada não descanhou na bainha. Foi ele próprio quem, na redação de Uruguaiana, mostrava ao Imperador disse:

— Vou velho e fraco, mas Santa Margarida prometeu a d'Elia me seu auxílio e está comigo ainda jovem.

A 12 de abril de 1867, em Santana do Livramento, em estranha aldeia, após meio século de peripécias inacreditáveis, o velho guerreiro encantado na morte como havia na vida no pleno cumprimento da sua glória.

ANTÔNIO DE SOUZA NETO

No sangrento combate das milícias gaúchas, destaca-se, singularmente, o valente Antônio de Souza Neto.

Comandando a escassa república, executou fúndidas incursões de valer e perturbou a grande parte dos triunfos que conquistou, foram devidos à sua respeitável milita e singular valentia.

Depois da paz de Pouso Verde, permaneceu para a sua estância no Uruguai, recebendo sua esquadra de soldados pelo lado de levadas e pelo lado de estradas.

Multiplicando suas juntas pelo território da Bahia, tornou-se um dos maiores abastecedores do Estado Oriental e adquiriu uma influência extraordinária, tornando-se chefe e abôno supremo da impetuosa polícia brasileira ali establecida.

Seguiu-se a guerra com o Paraguai e Ela, comandando a cavalaria do exército de Osório, marchou de Montevidéu para Corrientes.

O seu célebre batalha solo, sem cavalo, de grande valor para a sorte da campanha, se a desgraça adquiriu no mesmo, não lhe pôs termo à vida.

Sentindo-se adiante gravemente ferido a batalha — o fato que habilitou desse seu célebre batalha e combate — e a morte vêm encontrando no comprometimento do mais sagrado dos deuses, e 2 de junho de 1868. Sua despedida tornou mais apressível ainda, se acertarmos para o fato de que tudo quanto fiz foi inteiramente expedição e sempre inspirado pelo amor da Pátria, pelo seu extraordinário espírito e prontidão de que dotou, e que serviram relevância indescritível.

GOMES JARDIM

O ilustre político catarinense José Gomes de Vasconcellos Jardim, fundado vice-presidente da República Riograndense, foi não só um dos primeiros a pegar as armas pelo cause farroupilha, mas também um dos delimitadores do pleno bairral da independência.

Em sua residência, na fronteira paraguaia de Pedro Bento, hoje Caibaté, fizeram lugar as primeiras reuniões preparatórias de movimento, nesse

Continua na pág. 5

# SETEMBRO DE 51 -- SETEMBRO DE 52

Há precisamente um ano surgiu o primeiro número da "Revista do Ensino", levando em suas páginas uma mensagem e um apelo à boa vontade e à compreensão dos leitores.

A nossa mensagem foi compreendida, e a boa vontade dos leitores correspondeu ao que dela esperávamos. A "revista dos professores do Brasil" tem recebido numerosas demonstrações de simpatia e apoio, quer sob o aspecto redatorial — a aprovação da nossa orientação e das contribuições oferecidas — quer sob o aspecto publicitário — a divulgação da sua existência e o aumento da sua circulação. Por nosso lado, cremos ter atendido aos anseios do magistério, que nos são manifestados por todos os meios, fazendo vitorioso assim o nosso objetivo: servir a instrução primária nacional.

Quanto ao nosso apelo, nem todos o atenderam... Muitos dos que desejariam ver ao nosso lado na estocada, ainda se mantêm arredios; não participam do nosso trabalho, não tomam consigo o contato útil e entusiástico da sugestão, da crítica, da colaboração.

Aos que com ela têm cooperado, a "Revista do Ensino" nesta data comemorativa do seu primeiro aniversário, apresenta sinceros agradecimentos, e com eles se congratula pelo triunfo comum. Aos demais a "Revista do Ensino" renova o seu convite à cooperação, pois só do trabalho de equipe pode resultar o almejado ideal deste periódico: dar aos professores brasileiros uma valiosa contribuição para o aprimoramento do ensino primário no Brasil.

## O FATO HISTÓRICO DO MÊS

Continuação da pág. 2

*Sublime grito: INDEPENDENCIA OU MORTE!*

*Que o jugo do opressor destrói,*  
*Da liberdade é o fatal dilema,*  
*O eterno temor de um país de heróis.*

*Não és o grito da anarquia infame,*  
*Que espuma e brama contra Deus e o Rei,*  
*Tu és o cântico da Liberdade*  
*Que não evade os muralhões da Lei!*

*Tu és um raio desta Cruz bendita*  
*Que além palpita em nossos puros céus,*  
*É o dilema de uma Pátria ingente*  
*Que, livre e crente, só se humilha a Deus!*

## GALERIA HISTÓRICA

Continuação da pág. 5

zadas à sombra do velho cipreste, testemunha ainda desse plano e que ainda hoje assiste ao desdobrar dessa grandeza, cujo passo inicial seus ramos abrigaram.

Foi daí que na tarde de 19 de setembro de 1835, Gomes Jardim, à frente de seus homens, se transportou para a Azenha a fim de auxiliar o movimento que devia irromper na madrugada seguinte.

Dai por desante sua história é a própria história dos Farrapos, desde a aclamação do Seival até os últimos dias da República.

Foi na vizinha cidade de Guaiuba também que, em avançada idade, faleceu a 7 de abril de 1854 o ilustre riograndense.



## 7 DE SETEMBRO

de Beira Leite

Bela terra onde julge o rútilo Cruzeiro,  
Terra de meus avós cheia de amor e glória.  
Ó, Pátria sem rival do Mártil e mineiro  
Que, plácido, subiu à força expiatória!

Tu, que mostraste, há pouco, ao pâmo mundo inteiro  
Que sabes conquistar os louros da vitória;  
Sem fazezes correr o sangue Brasileiro,  
Sem manchares com crime a tua nívea História;

Tu que és grande no solo e grande no sentir,  
Que tens, de par em par, aberta no porvir,  
Estrada luminosa e bela e aleandorada;

Ó, faze germinar em nossos débeis peitos,  
Tão altos, divinais e tão sublimes feitos  
Que cada qual de nós se torne um novo Andrada!

## O CREDITO

Olavo Bilac

Crê no Dever e na Virtude!  
É um combate insano e rude  
A vida, em que tu vais entrar.  
Mas, sendo bom, com esse escudo  
Serás feliz, vencerás tudo;

E crê na Pátria! Inda que a vejas,  
Préa de idéias malfazejas,  
Em qualquer época, infeliz.  
— Não a abandones! porque a Glória  
Inda há de ver numa vitória  
Mudar cada uma cicatriz.

E crê no Bem! Inda que, um dia,  
No desespero e na agonia,  
Mais desgraçado que ninguém,  
Te vejas pobre e injuriado,  
De toda gente desprezado,  
— Perdou o mal! E crê no Bem!

E crê no amor! Se pode a guerra  
Cobrir de sangue toda a terra,  
Levando a tudo a assolação,  
— Mais pode, limpida e sublime,  
Caendo sobre um grande crime  
Uma palma de perdão!

## A ÁRVORE

de Ricardo Gonçalves

Ama-a: — toda árvore é sagrada —  
Ama esta esplêndida morada  
De abelhas de ouro e aves gentis!  
Busca entender tanta poesia  
E faze côro à sinfonia  
Da natureza que a bendiz!

Ama-a, na glória matutina,  
Entre os vapores da neblina,  
Que toda a envolve, como veus,  
Cheia dos prantos da alvorada;  
Ou melancólica, estampada  
No ouro e na párpara dos céus...

E reza então: "Bendita sejas  
Por tuas frondes benfazejas,  
Pelos teus cíanticos triunfais,  
Por tuas flores e perfumes,  
Pelos teus pássaros implumes,  
Por tuas sombras maternais!"

## NOSSA SENHORA DA PRIMAVERA

de Augusto Meyer

Nossa Senhora da Primavera vai pelos campos,  
toda vestida de jôhaz verdes,  
palmas abertas como um sorriso,  
olhos cheios de madrugada  
e a auréola da Iuu, branca e fria.

Nossa Senhora sobe a coxilha  
para abençoar o vale fecundo.  
Brinca, inocente, um pôdem touro  
nos seus cabelos de orelhada,  
saltam em torno risos de plumas,  
passarinha... passarinha...

Nossa Senhora leva no manto  
lábios roxos como um suplício,  
rendas tecidas pelas uranhas,  
pingos de seiva, musgos molhados  
e laçarotes de parasitas...

Nossa Senhora pelas baixadas  
veio correndo como um arroio...  
Sobe a coxilha, rasga o seu manto  
sobre a sia de uma tapera...  
Grita — Aleluia! canta — Aleluia!  
Nossa Senhora da Primavera!



"Hora do Conto". O narrador, via de regra, é um autor de histórias infantis, convidado especialmente para relatar de viva voz as peripécias dos seus heróis.

# BIBLIOTECA INFANTIL DO DEPARTAMENTO DE CULTURA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Organização de  
D.<sup>a</sup> LENYRA FRACCAROLI  
Bibliotecária - chefe da B. I. de São Paulo

III

*FILATELIA E NUMISMÁTICA* — Possuímos em mostruários apropriados, alguns exemplares de selos e moedas do Brasil e estrangeiro, que estamos devidamente classificando com a cooperação das crianças.

Últimamente, têm se desenvolvido bastante, tendo mesmo tomado grande impulso com as várias doações recebidas por intermédio dos que se mostram interessados. Satisfazendo finalidade educativa, são

tais coleções dos mais belos elementos decorativos que figuram em nossas salas.

*GRAVURAS* — Embora à primeira vista pareça de pouca importância, essa seção tem sido muito procurada, não só pelos habituais frequentadores da biblioteca, como também pelas professoras das nossas Escolas Normais a fim de obter material ilustrativo para suas lições e aulas práticas.

Organizada exclusivamente com recortes, de revistas usadas, constitui interessante documentação para história, geografia, ciência, artes, etc.

Atualmente, possuímos cerca de 50.000 gravuras dispostas em pastas classificadas por assunto. Esse número, tende, naturalmente, a crescer com a entrada de material que semanalmente se acumula para ser classificado e colocado nas respectivas sub-divisões.

**JOGOS EDUCATIVOS E RECREATIVOS** — Contamos com uma seção de jogos muito apreciada pelos jovens leitores, não sendo mais suficientes os tabuleiros de Xadrez e Damas. Por sugestão das próprias crianças têm sido organizados longos torneios, empregando-se nêles grande número de meninos e meninas, em luta para obter os prêmios reservados aos vencedores. O prazer da disputa, o incentivo da vitória, atraem grupos heterogêneos dentre aqueles que alegremente persistem em prosseguir no emaranhado raciocínio das batalhas em que se batem reis e rainhas.

**CINEMA** — Proporcionamos semanalmente, às quartas-feiras, sessões cinematográficas às crianças frequentadoras, tendo sido apresentados filmes recreativos e educativos.

Contamos com aparelhamento moderno que permite, à semelhança dos nossos bons cinemas, a exibição de filmes sonoros.

A sala destinada às sessões cinematográficas e festas que já têm sido realizadas, tem capacidade para 150 crianças. Somos algumas vezes obrigados a permitir até três sessões — duas, é habitual — para satisfazer o grande número das que acorrem à Biblioteca nesses dias. "Mickey", "Poppey", "Pato Donald", e todos os habitantes do maravilhoso mundo colorido, criado por desenhistas extraordinários, não têm mais segredo para as nossas crianças.

Entretanto, não tem sido possível, até agora, suprir a lacuna existente pela absoluta falta de filmes educativos no mercado, o que impede a esta seção, preencher cabalmente a sua finalidade.

**MÚSICA** — A constituição dumha parte destinada ao cultivo das tendências musicais, foi uma das nossas primeiras realizações.

Parece, não deveria fazer parte dumha biblioteca; entretanto, como não foge ao largo domínio das atividades educacionais exercidas agora no sentido de ampliar, entre as crianças, o conhecimento do nosso folclore, algumas encantadoras canções regionais, já têm sido por elas muito bem interpretadas. Além disso, a organização do Departamento de Cultura comportava perfeitamente essa sub-divisão, tendo-nos sido facilitado a presença de professor competente.

**PUBLICAÇÕES** — JÁ foram feitas algumas publicações, tais como: Biografia de Carlos Gomes, por ocasião do seu centenário de nascimento; Exortação a São Paulo, Semana da Criança, quando se iniciou na nossa Capital a série de dias dedicados à nossa infância, etc.

**COMEMORAÇÕES** — A fim de exaltar fatos, vultos ou acontecimentos nacionais, fazemos comemorações em que tomam parte as crianças que o desejarem. Nessas ocasiões, a Biblioteca é sempre decorada com cartazes alusivos à data comemorada, incentivando, dessa maneira, o amor às coisas nossas, solidificando conhecimentos ainda às vezes não bem definidos.

Palestras, poesias, dramatizações, audições musicais, têm sido levadas a efeito nesses dias. Adultos e crianças estranhos à Biblioteca nos têm dado a sua colaboração; ouvimos já pequenos violinistas, pianistas, amadores de teatro, etc., que gentilmente accederam ao nosso convite. Levamos, há dois anos mais ou menos, uma originalíssima peça do sr. Monteiro Lobato, escrita especialmente para ser interpretada pelos nossos pequenos leitores.

**HORA DO CONTO** — Outro estímulo para incentivar a presença das crianças na Biblioteca, é procurar avivar o gosto pela leitura, por intermédio da chamada Hora do Conto. Temos sido auxiliados por escritores, professores e alunos dos nossos estabelecimentos secundários, que não se negaram a gentilmente proporcionar aos nossos consulentes, esses momentos por eles tão apreciados. Ainda há pouco, o professor Tales de Andrade, veio de Piracicaba, especialmente para contar às nossas crianças, uma história de sua autoria.

Essa parte da nossa organização, tem oferecido às crianças o ensejo de conhecer pessoalmente os escritores de literatura infantil.

**EXCURSÕES** — Temos procurado, sempre que se nos depara uma ocasião oportuna, proporcionar aos nossos leitores, visitas a fábricas, estabelecimentos de ensino, instituições protetoras da infância, museus, etc., que vêm não sómente completar as leituras oferecidas na Biblioteca, como dar à bibliotecária a oportunidade de exercer influência mais direta nas suas atividades.

Do contato mais seguro com os leitores, surgem tantas vezes, ocasiões favoráveis para que se orientem as vocações despertadas, podendo-se dirigir-lhes eficientemente as leituras, ensinando-lhes como empregar as horas de descanso.

**JORNALZINHO** — Por iniciativa das crianças, foi fundado um jornalzinho "A Voz da Infância", órgão oficial da Biblioteca Infantil. O 1º número, saiu no dia 10 de julho de 1936. Publica quaisquer trabalhos dos consulentes, desde que sejam aprovados pela diretoria, constituída de 10 membros e renovada anualmente.

Para preenchimento das vagas verificadas, submetem-se os candidatos a provas escritas examinadas pelos diretores que se servem dos mesmos processos usados pelos ginásios nos exames de promoção; os nomes dos candidatos são destacados dos respectivos

# A V O Z D A I N FÂNCIA

Revista da Biblioteca Infantil Central  
Prof. General Osório, 100 - Centro - S. Paulo

Editorial  
Márcia Nogueira

Redação  
Lilia Góes  
Illustrações  
Lilia Góes

Rev. 100



O Jornalzinho de B. I. de São Paulo tem 16 anos de publicação!  
Inteiramente feito pelos frequentadores da Biblioteca.

trabalhos. Fazem parte da diretoria os melhores elementos dentre os frequentadores da Biblioteca. Não bastam as tendências literárias para que dela participem; é julgado indispensável para atingirem os cargos mais elevados, a frequência regular e atividade de cooperação. Têm plena liberdade de agir, sendo exigida a minha intervenção apenas para esclarecimentos que por vezes são necessários.

Os trabalhos apresentados pelos colaboradores, artigos e ilustrações, são semanalmente julgados. De todas as reuniões realizadas, são feitas atas que patenteiam o valor e a responsabilidade que as crianças assumem, timbrando em desempenhar perfeitamente as atividades a seu cargo.

Além dos trabalhos literários e ilustrações que constituem a maior parte do nosso periódico, há ainda uma seção charadística, palavras cruzadas, cartas enigmáticas, que suscitam o mais vivo interesse dos leitores. Os torneios, com prêmios aos decifradores, são muito disputados.

Publicação mensal, a "Voz da Infância" tem atualmente uma tiragem de 300 exemplares.

**RESTAURAÇÃO DE LIVROS** — Temos feito na medida do possível, a restauração dos nossos livros. Não contamos, entretanto, com uma seção de encadernação que seria de grande utilidade, não só

pelos resultados diretos que muito beneficiariam uma organização como a nossa, como poderia também dar às crianças a oportunidade dum aprendizado que muito lhes iria servir no futuro. Esperamos, no entanto, poder suprir essa falta.

**GALERIA DE ESCRITORES** — A diretoria do jurnalzinho, está empenhada na organização de uma galeria de escritores brasileiros.

Um dos membros é destacado para ir falar com o escritor escolhido pela maioria. Terá de, depois de amistosa palestra aproveitada para colher dados sobre o entrevistado e suas obras, solicitar uma fotografia sua para ser colocada numa das nossas salas, onde as crianças poderão ler as expressivas dedicatórias que lhes são dirigidas.

Temos, assim, uma grande coleção de retratos dos nossos escritores.

**NOSSOS LEITORES** — Três são as categorias dos frequentadores da nossa Biblioteca.

- 1) os que leem exclusivamente revistas.
- 2) os que procuram livros de gravuras, embora tenham amadurecimento para leituras mais elevadas.
- 3) os que gostam de leitura.

Para os últimos, a Biblioteca só pode interessar durante um ou dois anos de freqüência regular, pois, após esse curto espaço de tempo, não mais terão livros para ler. Temos verba que permite suficientemente as aquisições necessárias ao acervo, recebemos o mais franco apoio do nosso diretor, mas não temos o que comprar.

## NOSSOS ESCRITORES

É pena que entre nós, com exceção de um ou outro Estado, ou melhor, São Paulo, Rio Grande do Sul e Distrito Federal, não se tenha cuidado com mais carinho da produção de livros e revistas infantis à altura das nossas possibilidades. Já contamos com alguma coisa, mas não é o bastante, o quanto poderia ser realmente oferecida à nossa criança irrequieta, vivaz e curiosa. Ultimamente, a população literária destinada ao mundo infantil, aumentou bastante, empregando-se nela os nossos melhores escritores, com contribuições valiosíssimas. É necessário que uma estimulação eficiente, não permita um decréscimo nessa produção, ao contrário, incentive, quer por meio de concursos, prêmios, facilidade de publicação, etc., as iniciativas livres de influências forasteiras, norteadoras de rumos novos e bem-nossos.

## NOSSOS LEITORES

Contamos com leitores de 6 a 15 anos de idade, procedentes de todas as classes sociais, estando os meninos representados por maior número que as meninas.

E mais elevada a percentagem de crianças matriculadas de 12 anos tanto para o total representa-

tivo dos 16 anos de funcionamento da Biblioteca, como para cada um dos totais parciais correspondentes a cada um desses anos.

### FREQUENCIA

A Biblioteca Infantil atendeu desde a sua fundação a 11 de abril de 1936 — até dezembro de 1950 a 702.136 consulentes, dando uma média anual de 43.883 leitores.

A frequência média diária oscila entre 150 e 200 crianças, tendo se verificado a máxima com 310 crianças e a mínima com 54, num sábado, dia em que a Biblioteca está franqueada aos consulentes apenas durante 3 horas.

**LIVROS LIDOS** — Observa-se também que o número de livros lidos tem crescido gradativamente, como se pode verificar pelos resultados seguintes:

1936	25.639	livros
1937	31.623	"
1938	38.951	"
1939	50.267	"
1940	61.999	"
1941	77.122	" e revistas
1942	78.160	"
1943	88.190	"
1944	73.117	"
1945	88.657	"
1946	86.717	"
1947	91.199	"

**BAIRROS DE ONDE PROCEDEM OS NOSSOS LEITORES** — Os nossos leitores provêm de todos os bairros de São Paulo, mesmo dos mais longínquos.

Aquêles que nos oferecem maior número de consulentes são os bairros onde se encontra a Biblioteca e os localizados nas suas proximidades.

### GREMIO CULTURAL MONTEIRO LOBATO

Surgindo de iniciativa exclusivamente infantil, esse grêmio se destina a promover palestras, excursões a fábricas, conferências e tornejos de xadrez e dama. Sua realização de maior vulto foi o 1º Congresso Juvenil de Escritores, do qual participaram crianças paulistas e mineiras.

**SEÇÃO PARA CRIANÇAS CEGAS** — Foi criada, a 29 de abril de 1946, uma seção destinada a leitura de crianças cegas. Duzentos volumes em alfabeto Braille, constituem o seu acervo. Outras atividades como Hora do Conto e livro falado por meio de discos estão sendo desenvolvidas por essa seção da Biblioteca Infantil. Projeta-se ainda criar dentro dela uma seção de empréstimo para leitura a domicílio.

**BIBLIOTECA INFANTIL DO ITAIM** — Inaugurada a 25 de Janeiro de 1946, a Biblioteca Infantil Municipal do bairro do Itaim constitui a primeira sucursal da Biblioteca Infantil Municipal, inaugurando a série que se projeta fundar em todos os bairros de São Paulo. Está atendendo a mais de 3.500 leitores por mês, sendo de 4.500, mais ou menos, o movimento de leitura, no mesmo período.

Pelos dados apresentados poder-se-ão aquilar os nossos trabalhos e verificar a premente necessidade da criação de Bibliotecas para a infância e a adolescência em todos os estados do Brasil, favorecendo, dessa maneira, aquêles que têm necessidade de assistência social e cultural.

## SANTO AGOSTINHO

Continuação da pág. 63

“Só quem opta pela contemplação e orienta seu espírito ao Divino e Universal, elevado a critério de conhecimento e conduta, consegue a Sabedoria.”

Quem opta pelo mundo das mutáveis aparências das coisas sensíveis e o concebe como um fim em si, para dominá-la e tirar proveito material, não se pode elevar além da Ciência. Quem nela se encerra e a transforma de meio em fim, está perdido para a Sabedoria”.

### OBRAS:

Um ano antes de ser ordenado

sacerdote de Hipona, Agostinho escreveu uma obra, conjunto de princípios e ideias já amadurecidas, que serviriam para orientar seu programa de vida, na sua futura atividade de Pensador: “Da religião verdadeira”.

De preocupações eclesiásticas nasceu a obra: “Da Doutrina Cristã” onde traçou as primeiras normas de um programa de estudos para a futura formação de sacerdotes.

Além da: “Contra Acadêmicos”; “Vida Feliz”; “Sólitóquios” I; expressão de Fé; “Da imortalidade da alma”; “A alma e sua origem”;

“Da ordem”; ocupa lugar destacado na evolução do pensamento pedagógico de Agostinho.

Defende a necessidade da formação inteligente da mente e o ensino das Artes Liberais.

### Encyclopédia das Artes

“Confissões” — é a tumultuosa e apaixonante descrição de suas lutas internas, para buscar a Verdade.

Santo Agostinho foi o autor por exceléncia de vários humanistas do Renascimento e considerado o traço de união entre o pensamento clássico e o pensamento cristão.



# Apresente seu

# PROBLEMA

Se Você tem dificuldade em conduzir seus alunos ou no ensinar certa matéria, dirija-se a esta seção que está ao seu dispor para ajudá-la a resolver seus problemas. Enderece para:

REVISTA DO ENSINO  
Conselheiro de (citar a coluna)  
Rua dos Andradas, 1428  
Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

## L I N G U A G E M

SARAH A. ROLLA

Auxiliar-técnica do C. P. O. E., da Secretaria de Educação, R. G. S.

A composição escrita deve ser feita diariamente? Acho difícil a correção de muitas composições. Como proceder neste caso?

A aquisição de uma boa sequência de idéias, a expressão lógica do pensamento através da linguagem escrita constituem, por assim dizer, a finalidade preceipua do ensino da composição no curso primário.

Para isso torna-se necessário, além do enriquecimento das experiências do aluno, das freqüentes oportunidades de exercício da linguagem oral, da apresentação de formas evoluídas de linguagem através de leituras de trechos literários em prosa e verso, de dramatizações, etc., o treino regular e diário, sempre que possível, da composição.

Muitas são as formas por que os alunos poderão expressar seu pensamento por escrito.

Assim, poderá sé-lo através de:

1 — Atividades ligadas às necessidades sociais da classe: escrita de bilhetes, cartas, telegramas, convites, agradecimentos.

2 — Atividades decorrentes do funcionamento das instituições escolares: relatórios de excursões, atas de sessões de clubes, notícias para jornal de classe ou da escola, programas para auditório, cartazes, menus ou receitas para a merenda escolar, etc.

3 — Reprodução ou imaginação de histórias sugeridas pela apresentação de gravuras, por uma poesia lida, por uma história conhecida, etc.

Não deixe faltar em sua biblioteca estes livros:  
*Correspondência Oficial, Comercial, Bancária e Particular — Seleções de Português Prático.*

Pedidos à Editora Globo — Porto Alegre

1 — Redação de problemas ou de resumos (lições de matemática, estudos naturais e sociais).

5 — Narrativas de fatos observados.

6 — Descrição de aspectos da natureza, de animais ou plantas conhecidos, etc.

A correção da composição deverá constar de dois aspectos:

O primeiro está preso à aquisição pelos alunos da boa seqüência das idéias.

Para isso o professor, realizada a composição, procurará ler os trabalhos de seus alunos, assinalando os aspectos positivos, isto é, mais evoluídos de seus trabalhos.

Esses aspectos deverão ser objeto de comentário e as formas evoluídas encontradas serão rapidamente assimiladas pelo professor que fará comparar, coletivamente, no quadro negro, uma composição; os alunos registrarão esse trabalho em seus cadernos.

As composições individuais serão colecionadas à parte, para a verificação dos progressos realizados pelos alunos nesse aspecto da linguagem.

Uma vez por semana, porém, o professor fará realizar pela classe uma composição que terá por finalidade a correção dos erros de gramática.

Assim, realizadas as composições, o professor as recolherá e assinalará em todas elas os erros mais comuns e mais graves.

Apresentará depois à classe, com os exemplos colhidos nessas composições, devidamente corrigidos, exercícios tais como:

— Emprego de verbos, de pontuação, de concordância, etc.

Mais tarde, devolverá essas composições aos alunos que deverão efetuar as correções dos seus próprios trabalhos.

Os erros de ortografia não serão aqui considerados, devendo o professor colhê-los para o treino necessário, nas horas destinadas à ortografia.

Essas composições, após serem totalmente corrigidas, serão registradas pelos seus autores em seus cadernos.

# MATEMÁTICA

SUELY AVELINE

Auxiliar-técnica do C. P. O. E., da Secretaria de Educação, R. G. S.

## ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA E SUGESTÕES PARA A ORGANIZAÇÃO DE UMA PROVA NA FASE PREPARATÓRIA DA APRENDIZAGEM

### 1 ANO PRIMARIO

Ao ingressar na escola primária, a criança já possui uma série de conhecimentos e de experiências relacionados com a matemática como, por exemplo, já sabe distinguir o mais pesado do mais leve, o mais baixo do mais alto; conta e realiza operações muito simples de cálculo, etc....

Estes conhecimentos e estas experiências foram adquiridas espontaneamente, assistematicamente, fora da escola.

Serão eles claros? Precisos? Bem ou mal definidos?

E durante o primeiro período de trabalho que o professor vai sondar os conhecimentos que a classe, em geral, e cada aluno, em particular, apresenta, estabelecendo, para isso, um período preparatório à aprendizagem, durante o qual, também se processará a ambientação do aluno na escola.

Nesta fase preparatória à aprendizagem haverá oportunidade não só para o inventário dos conhecimentos que a criança possui, como para conhecê-la melhor, tomando as suas experiências como base para a sistematização e desenvolvimento de noções previamente adquiridas.

Assim, poderá o professor atender melhor às diferenças individuais e manter o interesse do aluno durante todo o trabalho escolar.

O material educativo deverá ser escolhido de

acordo com as necessidades reais, e assim, o trabalho será qualitativa e quantitativamente dosado, havendo exercícios mais difíceis para os alunos mais desenvolvidos e outros especiais para as crianças ainda imaturas ou que já apresentem alguma dificuldade específica para esta matéria de ensino.

O professor aproveitará todas as ocasiões para fazer o aluno contar e sentir o número, dentro de situações reais e em relações diversas, limitando, porém a dezena as suas primeiras experiências.

Dentro de uma situação de jogo procurará fixar nos alunos, concretamente, as noções de forma, tamanho, direção, posição, etc....

Entre as vantagens que o período preparatório apresenta, lembramos a economia de tempo e esforço, pois serão facilmente evitadas repetições desnecessárias de conhecimentos já assimilados, segundo processos naturais.

Chamamos atenção aqui para o fato de que as crianças que freqüentam "Jardins de Infância" bem organizados estão melhor preparadas para a aprendizagem da matemática do que aquelas que passam diretamente do lar para a escola primária.

Por que o "Jardim de Infância" influí numa melhor aptidão para a aprendizagem em geral, e em especial, para o da matemática?

Porque a criança é livre e feliz nas suas atividades espontâneas, e em suas concepções imaginativas; orientada sempre com muita sutileza, permitindo-se-lhe que se expanda, que brote nela o espírito de cooperação e de compreensão, o afã de distinguir-se e a satisfação de afirmar-se.

Quase, constantemente, em contato com a Natureza, a criança encontra muitos estímulos para sentir a necessidade de pensar, além de inúmeras oportunidades para contar, medir e pesar.

O "Jardim de Infância" realiza sem objetivo específico esta fase que no início do ano escolar, no primeiro ano, chamamos período preparatório.

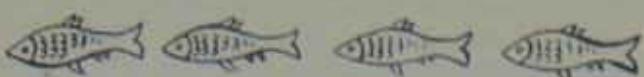
Nome da Escola: .....  
Nome do aluno: .....  
Classe: ..... Data: .....



Pedrinho e Isis têm coelhinhos.



Pinta de vermelho a roupa da criança que tem mais coelhinhos.



Separar a mesma quantidade de peixinhos para Pedrinho e Isis.

Pinta os peixinhos de Pedrinho de azul e os de Isis de amarelo.



Quantas flores há aqui?

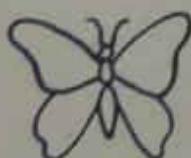
R. ....



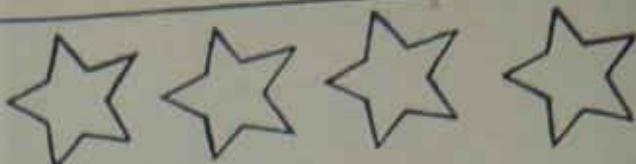
Em qual dos quadrinhos há mais bonequinhas?  
Pinta de verde o vestidinho delas.



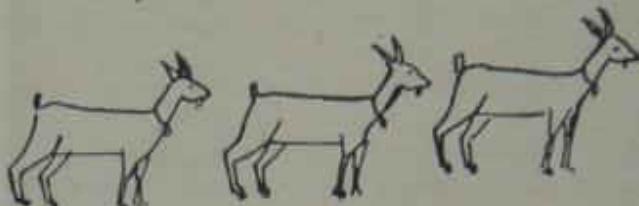
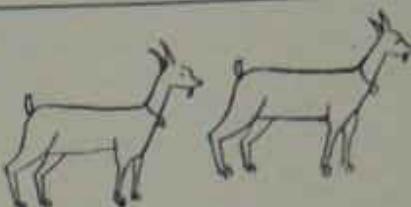
Desenha uma bolinha à esquerda do dado.



Desenha uma flor entre a borboleta e o cãozinho.  
Desenha uma bolinha bem longe do cãozinho.



Desenha, no espaço em branco, a mesma quantidade de estrelinhas que vês neste quadrinho.



Quantas são duas cabritinhas mais três cabritinhas?

R. ....



Se o vento levar 3 folhinhas destas, quantas ficam?

R. ....



Pinta de verde o balão mais alto.  
Pinta de azul o vestido da menina menor



Desenha uma flor em cima da mesa.

# DESENHO E ARTES APLICADAS MÚSICA E CANTO ORFEÔNICO

IDA PAOLINI  
Orientadora de Música  
e Canto Orfeônico

P — Quero ensinar a uma turma de V ano o ponto "Acidentes".

R — Deverá iniciar com uma melodia em Dó Maior, em que apareça uma alteração passageira. Recorrer ao manossolfa. Exagerar a mímica da nota alterada.

Ex.:



Chamar a atenção para o som que subiu (diferente) e que a professora marcou com o gesto para o lado. (manossolfa).

Poderá, também, escrever no quadro-negro um trecho da música e mostrar que, para diferenciar um Fá, do outro, se usa um sinal ao lado (♯). Dizer que todas as notas alteradas (esquesitas) são acompanhadas do referido sinal.

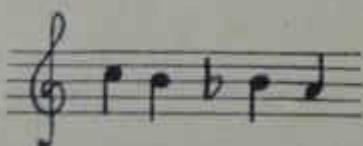
Conforme a mentalidade da classe, também pode ser dada uma música com sustenido, sem contudo falar nisso, isto é, antes do conhecimento do sinal, apenas com o gesto característico.

Nesta primeira aula, não convém ainda falar nos "dobrados". O bequadro sim, poderá surgir, mesmo porque, talvez seja necessário o seu emprego na melodia escolhida, porém melhor seria que a professora se limitasse sómente ao aprendizado do sustenido para melhor fixação do novo conhecimento. O essencial, é que a turma sinta que o som subiu um pouquinho. Em aula subsequente, então dar o "bemol". Novo acidente.

(b)

Dizer que parece que a nota se tornou triste, mais sentimental, o som desceu um pouquinho.

Ex.:



Para que fique bem clara a função dos acidentes e para auxiliar a fixação destes conhecimentos, pode-se aplicar uma ginástica simples que também tornará a aula bem interessante. É o seguinte:

Quando a turma entoar o som sustenizado, a professora se elevará nas pontas dos pés, e para o bemol, flexionará os joelhos.

Também uma ginástica com a cabeça, dando o

(♯), com uma inclinação para a direita, e, para a esquerda, quando a classe dar o (b) e para demonstrar a distância maior ou menor que os acidentes causaram, fazer uma ginástica com os braços.

YOLANDA M. BELLIZZARI CIRIO

Orientadora de Desenho e Artes Aplicadas

P — Aqui no interior lutamos com a falta de material adequado ao colorido dos desenhos, principalmente tratando-se de tintas. Poderia nos dar alguma orientação a este respeito?

R — Use esta receita, muito simples, de tinta para diluir e que tem ainda a vantagem de ser muito barata. É a seguinte:

Tinta em pó para pedreiro ...	100 gramas.
Goma arábica .....	2 colheradas
Água .....	½ litro.

A goma arábica deve estar já diluída. Pode-se preparar todas as cores e depois guardá-las em vidros. As sobras, mesmo depois de secas, voltam a servir, bastando, para isso, pôr água novamente.



# A GUERRA DOS FARRAPOS

*Oliveira Rosa*

De 20 de setembro de 1835 a 1.<sup>o</sup> de março de 1845, pelo espaço, portanto, de quasi dez anos, o povo do Rio Grande do Sul sustentou uma luta tremenda contra o governo do Império do Brasil.

Uma guerra civil, de irmãos contra irmãos, é sempre dolorosa. E quando tem por motivo, ou causa, apenas ambições pessoais, preocupações de mando ou domínio, choques de vontades individuais, reveste-se mesmo de aspectos reprováveis.

A revolução farroupilha, porém, não padeceu desses vícios de origem. Nasceu de um protesto legítimo de injustiças que vinham fazendo ao Rio Grande do Sul; e decorreu, toda ela, dentro de um clima inferior e arejado, de respeito à vida e aos direitos humanos. Os revolucionários farroupilhas, que seriam depois de 12 de setembro de 1836, os "republicanos de Piratini", estiveram sempre ao serviço de um grande ideal cívico e por ele pelejaram e se sacrificaram com uma inteireza moral assombrosa.

Os seus chefes, como Bento Gonçalves, Antônio de Souza Neto, David Canabarro, José Gomes de Vasconcelos Jardim, Domingos José de Almeida, João Antônio da Silveira, e outros muitos, deram sempre exemplos de notável desprendimento. Pelo seu ideal, que era assegurar a liberdade e o progresso ao Rio Grande do Sul com a forma republicana-federativa de governo, eles lutaram longos anos, arriscaram as suas vidas e os bens materiais. Ao terminar a luta, todos eles estavam pobres; se alguns, como Neto, Canabarro e Almeida, depois da paz, com o seu trabalho, conseguiram reconstituir as suas fortunas, outros, como Bento Gonçalves, Vasconcelos Jardim e João Antônio da Silveira, morreram na pobreza, o que prova que eles deram tudo pela revolução e da revolução, da qual foram os chefes civis e militares nada tiraram para si.

Esse idealismo, essa desambição, foram notas constantes na revolução farroupilha. Os gaúchos dessa década gloriosa, do general ao mais humilde soldado, revelaram e mantiveram tão altos atributos guerreiros e morais, que fizeram, da guerra de 1835, a verdadeira legenda do Rio Grande do Sul. A própria paz, feita com o Império em 1.<sup>o</sup> de março de 1845, em Ponche Verde, eles deram um elevado caráter patriótico, pois que a aceitaram por amor ao Brasil, no tempo ameaçado por inimigo estrangeiro! Diante dessa ameaça, sacrificaram o seu ideal republicano em benefício da Pátria, — ideal que muitos deles ainda veriam vitorioso em 15 de dezembro de 1889.

Todos os povos têm a sua legenda.

E precisam tê-la, para viver plenamente. O espírito de um povo se reaviva e fortifica recordando os seus minutos de glórias, as suas horas de sacrifi-

cios, os seus dias de grandeza. E a glória, o sacrifício, a grandeza do Rio Grande resplandecem nos fastos impercetíveis da revolução farroupilha, que podemos e devemos evocar de alma serena e coração tranquilo, porque os farrapos, se lutaram contra o Império, guardaram sempre, no pensamento e no coração, exemplar fidelidade ao Brasil.

A sua capacidade de sacrifício por um ideal foi a soberba lição que elas nos legaram — patriotismo moral que nos cumpre sempre enaltecer e honrar.

Neste pequeno comentário, escrito singelamente, pois que se destina à leitura de crianças, vamos incluir um exemplo eloquente da grandeza desses homens.

Joaquim Teixeira Nunes foi um heróico soldado da revolução farroupilha. Serviu-a desde o primeiro instante. Quando, em 6 de novembro de 1836, a câmara municipal de Piratini consagrou em solenidade oficial a proclamação da República, feita pelo general Neto no Seival, era ele major das forças revolucionárias e teve a honra de carregar, pela primeira vez, a bandeira da revolução, hoje insignia oficial do Estado.

Como coronel, tomou parte na expedição a Santa Catarina; e como coronel, comandante do regimento de lanceiros negros, foi uma das almas da resistência, no desastre de Porongos. Dias depois, em novembro de 1844, quasi ao fim da luta, morre em combate, no Passo da Conceição.

Durante dez anos servira ao seu ideal; e tanto dera por ele que morre, como os seus chefes e irmãos d'armas, na penúria. O único bem que possuía, vendera durante a guerra, como faz certo o inventário que sua viúva requereu, em Piratini, em 2 de setembro de 1846, do qual consta esta informação, que textualmente transcrevo, como o mais expressivo documento da superioridade moral da grande geração de 1835:

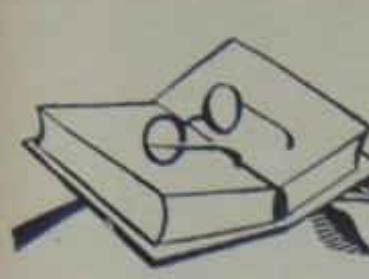
— Ilmo. Sr. Juiz d'Orfãos —

Tenho notícia por pessoas que conhecem a supplicante, que os bens do seu casal são mui poucos ou nenhuns, pois que os maiores bens que possuia seu casal heram algumas rezes no Estado Oriental, que foram consumidas pelas forças beligerantes; e um pedaço de campo no município de Porto Alegre, que foi vendido pelo falecido marido da supplicante; por isso que hoje vive mais da beneficencia de seus vizinhos, assim como cinco filhos menores, do que do pouco que possue; tendo alem díssas dívidas contrahidas por aquele falecido.

He quanto pode informar a V. S. —  
O Esc.º d'Orphãos —

Antonio Belarmino Ribeiro. —

E assim viveram, e assim morreram, lutando pela liberdade e pelo futuro do Rio Grande, os republicanos de Piratini. E a homens de tal quilate, é nosso dever honrar-lhes a memória.



# Retratando

## MESTRES

Esta coluna está à disposição de professores e alunos que desejarem homenagear um mestre. Para isso deverão nos enviar, devidamente datilografados em farda simples e dois espaços, os dados biográficos do homenageado, retrato e algum trabalho ou fragmento de autoria do mesmo. Os trabalhos enviados devem trazer assinatura da diretora ou professora responsável por ele e endereço completo.

Endereçar para: "Retratando mestres", Revista do Ensino, Rua dos Andradas, 1428, Porto Alegre — Rio Grande do Sul.

### MARIA ORFILA TEIXEIRA ALVES DA SILVA

Escreveu  
HÉLIA DE CARVALHO ARMANDO



Foi numa tarde primaveril de 1914, no antigo Beco do Jaques, hoje rua 24 de Maio, que tive a feliz oportunidade de conhecer nossa ilustre homenageada de hoje.

Impressionou-me a vista aquela porte airoso e belo, de um andar imponente e gracioso, aquela figura jovem, cujos encantos naturais rivalizavam com os da própria Primavera!

Um pouco mais tarde, o meu ingresso no curso elementar da antiga Escola Complementar proporcionou-me mais feliz ensejo, qual o de encontrar, novamente, essa pessoa impressionante, que era D.<sup>a</sup> Maria Orfila Teixeira Alves da Silva.

Pelos largos corredores do casarão da rua Duque de Caxias, — onde, esquina do Liceu, funcionava aquile estabelecimento, — eu via, então, desfilarem, para a minha admiração, os respeitáveis mestres, que formavam, naquele tempo, uma pléiade inesquecível de verdadeiros apóstolos do IDEAL! E, na minha pequenez física e intelectual, avultavam êles, como heróis-gigantes, que tanto sabiam quanto ensinavam, sem sequer olhar a parca recompensa material que sua profissão lhes garantia...

Dentre os que mais me atraíam, por particulares predicados, estava D.<sup>a</sup> Maria Orfila: — com sua natural e rara elegância, servindo de adorno a uma discreta beleza, era ela todo um conjunto de elementos físicos, capazes de resistir à análise do mais exigente gosto artístico!

Ao lado de suas colegas, aparecia-me aos olhos, nos breves descansos que o horário escolar lhes permitia. Logo a seguir, porém, já lhe ouvia a voz calma e amável, com que, na sala contígua à nossa e em classe paralela, enfrentava e dirigia uma turma de 150 alunos do Curso Elementar Superior, — corres-

pondente à atual classe de Admissão, — aula em que atuou, com sucesso e eficiência, durante largos anos.

Em 1922, a conclusão de meu curso afastou-me para longe, sem que minha simples condição de aluna me houvesse permitido estabolar maiores relações com tão venerável mestra. Assim, nossos caminhos diversos se alongaram, durante vários anos, até que 1946, — trazendo consigo a incorporação de minha escola ao Grupo Escolar "Paula Soares", — ofereceu-me a ventura de retornar a tão gentil companhia, já agora em igualdade de condições no magistério e em outras curiosas circunstâncias: — enquanto a neve dos anos tingiu de branco os meus cabelos, os seus, ainda luzidios, e no mesmo tom natural de outrora, não confirmam, contudo, os seus trabalhos, os sacrifícios sempre despendidos, em prol da formação de seus alunos, sacrifícios e trabalhos, tão nossos conhecidos! Graças ao benefício de minhas mãs, estabeleceu-se entre nós a familiaridade tantas vezes por mim tão almejada! E, quanto mais se acentua a nossa intimidade, mais cresce no meu espírito a admiração pelo seu, sempre novo, sempre vivo e rutilante, servindo a uma bela inteligência, que os anos conservam em evolução!

Hoje, para mim, é um verdadeiro gosto ouvi-la descrever histórias do passado, entre as quais a sua própria, como uma das mais interessantes: "Nasci em Taquari. Diplomei-me em 1901, na antiga Escola Normal de Porto Alegre. Dois anos após, entrei em exercício, alcançando a efetividade no cargo, por meio de concurso. Exerci minhas funções no Colégio Distrital de Taquari, depois no colégio Elementar e ainda na escola isolada de minha cidade natal, até 1914. Transferida para o Colégio Elementar de Livramento

Continua na pág. 63



# OBSERVAÇÕES e EXPERIÊNCIAS

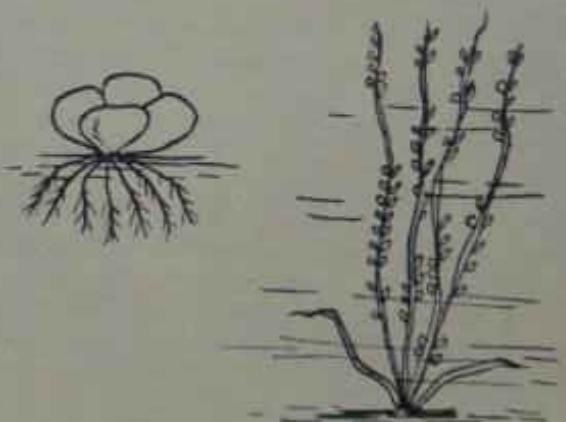
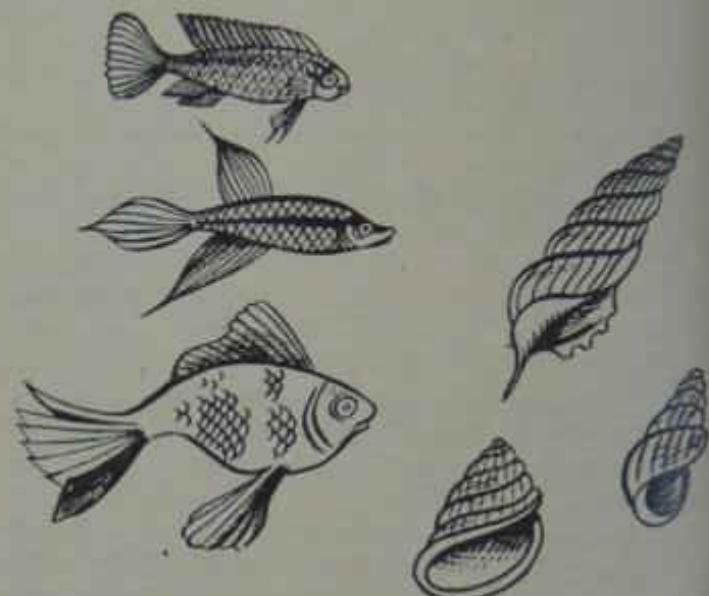
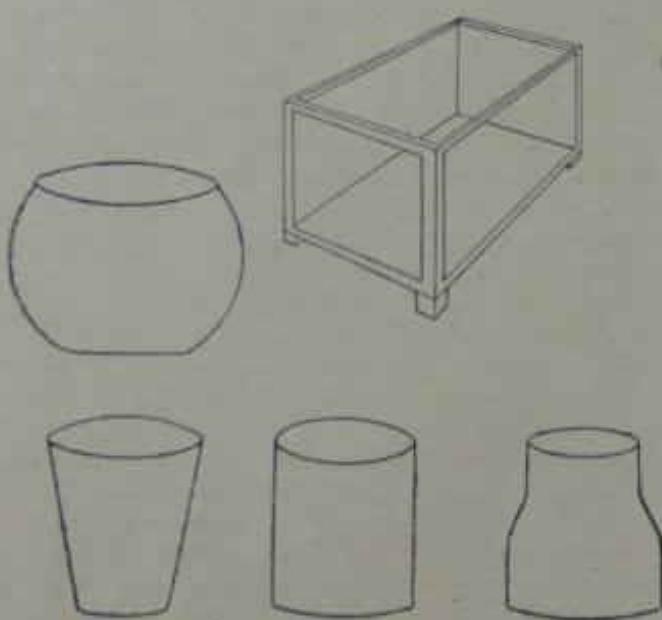


## Como se organiza um aquário

Recebemos de uma colega do interior de Santa Catarina a seguinte consulta: "Meus alunos manifestaram o desejo de ter um aquário em aula e eu tratei de distraí-los dessa idéia por não me sentir capaz de orientá-los na instalação do aquário e na alimentação dos peixes. Aqui fora não dispomos de fontes de informações. Agora, graças à Revista do Ensino, não teremos mais dificuldades. Peço-lhe, pois, que me oriente na maneira de instalar e manter um aquário".

É com a maior satisfação que atendemos à colega, ao mesmo tempo que nos pomos à disposição dela, e de todas as outras, para atendermos no que necessitarem.

Para organizar um aquário, o primeiro passo, naturalmente, será obter o vidro necessário. Na ilustração apresentamos diversos tipos devidos, uns comprados especialmente para esse fim e os outros improvisados. Cuide que a abertura não seja muito apertada.



O aquário deve receber um número de peixes nunca superior à sua capacidade, isto é, dois peixinhos pequenos para um litro d'água.

Coloque uma camada de areia lavada no fundo (1 cms. mais ou menos) e algumas plantas aquáticas. Estas podem ser fixadas umas à areia e outras ficam flutuando. As plantas purificam a água com o oxigénio que desprendem.

Ponha a água até 4 cms abaixo do bordo.  
Postos os peixes dentro, cuide de colocar o aquário

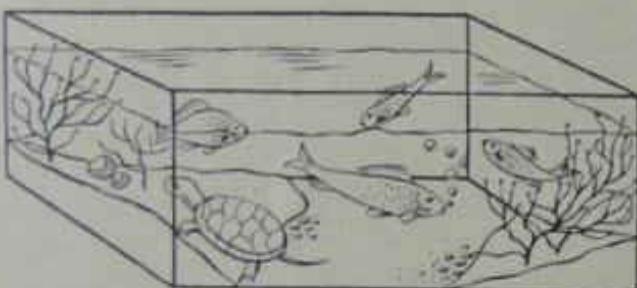
rio em lugar onde receba luz e um pouco de sol (pouco).

Ponha dentro do aquário uns caracóis que se encarregam de manter limpos os vidros laterais.

Para mudar a água, o que deve ser feito uma vez por semana (tenha dia certo para isso), use uma borracha que deve ser introduzida nágua, sem todavia alcançar a areia para não revolvê-la. Para que a água suba na borracha é necessário fazer uma ligeira sucção. Tenha cuidado de não fazer sucção das plantas e dos peixes. Deixe ficar sempre um pouco da água que lá estava para não retirar de todo a infinidade de pequenos organismos que vivem na água e que servem de alimento aos peixes. Ao colocar nova água, faça-o com muito cuidado, lentamente e de modo que não bata em cheio nos peixes nem revolva a areia.

A alimentação dos peixes deve ser feita com muito cuidado: não deve ser excessiva para que não haja sobras que se decomponham e causam graves danos. A alimentação deve ser constituída de pequenissimas quantidades de peixe, pequenissimos farelos de biscoitos e uma pitada de mistura que se compra em casas especializadas (é barato e com gramas dão para muito tempo). De dois em dois dias coloque um pedacinho de carne crua em um arame que deve ser preso à borda do aquário de modo que a carne fique dentro d'água; deixe ficar uma hora e retire.

É claro que toda a preparação do aquário e o tratamento dos peixes deve ser feito pelos alunos, ficando para a professora a missão de orientá-los;



#### NOSSA CAPA

Nossa capa apresenta um aspecto colhido na Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo, no momento em que algumas crianças assistem a uma audição musical.



## SEGUROS DE VIDA

### INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DO ESTADO

SEDE: BORGES DE MEDEIROS 992

... e quando o assunto for árvores, não esqueça de incluir o ipê no seu plano de aula.

Assim terá oportunidade de explicar, também, que IPE é uma sigla que se traduz em proteção. Sim, porque o Instituto de Previdência do Estado, por seu Departamento de Seguros de Vida, protege contra a adversidade futura aqueles que são tudo para os que o procuram hoje.

Suas apólices não contêm restrições quanto a viagens, residência e ocupação do segurado. Suas tarifas são mínimas — e para os servidores públicos inscritos no IPE ainda mais vantagens ponderáveis: abatimento de 10% e pagamento mensal do prêmio por consignação em folha de pagamento.

Av. Borges de Medeiros, n. 992

Cx. Postal 1107, PORTO ALEGRE



## O Jaboti e o Gambá

Um dia estava o jaboti tocando em sua flauta, quando se aproximou dêle o gambá e disse:

— Empresta-me essa flauta; quero experimentá-la.

— Eu não, que não sou trouxa, respondeu o jaboti; o que tu queres é fugir com ela.

— Então, continua a tocar para eu ouvir, amigo. O jaboti ufano tocou;

fin, fin, fin,  
filuli... fon, fi...

— Como tocas bem! Bravo, camarada! Ah!, como és lindo com o teu instrumento, meu caro Jaboti! Empresta-me a flauta, só um bocadinho.

O jaboti respondeu:

— Pega lá! Agora não vás fugir com a minha flauta. Se fugires atiro-te com esta cera em cima.

O gambá tomou a flauta do jaboti, tocou e se pôs a dançar, muito alegre; e assim que viu o jaboti distraído, deu às de vila Diogo levando a flauta. O jaboti quis correr atrás dêle, mas era tarde.

— Deixa-te estar, gambá! Não há como um dia depois do outro! Não te dou muito tempo que te apanhe...

Foi o jaboti pelo mato a fôra, chegou perto do rio e cortou madeira para fazer uma ponte para passar. Chegou à outra banda, melou e voltou, indo

se postar bem no caminho por onde deveria passar o gambá. Com o mel untou bem as patas traseiras e amocou a cabeça no chão.

Dai a pouco o gambá chegou e vendo à beira do caminho uma coisa tão lustrosa, disse:

— Ih... ih... ih! temos mel.

— Qual mel, qual nada, objetou-lhe o companheiro que o seguia. Isto aí é arte do jaboti para te apanhar.

— Estás enganado! Isto aqui é mel.

— Então aproveita, porque eu sempre ouvi dizer que esmola demais... Mel na estrada...

Com a muita sede que estava, o gambá não quis saber de nada, estendeu a língua e pôs-se a lambetar. O jaboti apertou as patas e o gambá, vendo-se preso, gritou:

— Deixa a minha língua, jaboti!

O outro gambá, com ironia:

— Eu não te disse? Agora, aguenta...

— Pois é isso mesmo, disse o jaboti; ele quis ser muito esperto e agora ou me devolve a flauta, ou sinão fica preso.

— Mas eu não tenho a flauta, jaboti.

— Tens, sim. Passa-a para cá antes que eu te aperte mais.

O gambá, vencido, não teve outro remédio senão restituir o seu a seu dono.

# D<sup>A</sup> ONCINHA FACEIRA



D. Oncinha, que morava perto da Restinga Sêca, era muito rica e muito lindinha. Passava os dias, gozando a vida. Freqüentava a alta roda e gastava um dinheirão com suas ilustre pessoa...

Para ser chique, ia ao manicura diariamente. Quecia suas lindas garras bem apontadas... Seu pelo dourado passava por massagens e escovas, todos os dias... Era lisinho e fofó como grama paulista... Orelhinhas pontudas, boquinha vermelha como pingos de sangue, olhos grandes, verdes e pestanudos... era um amor a D. Oncinha!...

Um amor!... mas... que coração mauzinho o de D. Oncinha! Era mentirosa... era intrigante... e tinha um jeitinho tal, que embrulhava todos...

IRMA MARIA JOSÉ  
Prof.<sup>a</sup> do Colégio Bom Conselho, P. A.

"Olhe, minha boa D. Lebre, não que eu queira falar mal, porém... você também não acha?... D. Coelha tem uma lingüinha de palmo e meio... Fala de todo o mundo... que tesoura!... Enfim... é boa, a coitadinha!... É só a lingüinha... nada mais...".

E D. Oncinha, sorrindo vaidosamente, passava adiante. D. Lebre, já desconfiada, achava melhor cortar relações com a velha amiga D. Coelha para não entrar na tesoura...

Outro dia:

"O senhor já ouviu, Dr. Guaraxaim, o desafôro da D. Raposa? Anda a espalhar que o senhor é o peor

tivo dos 16 anos de funcionamento da Biblioteca, como para cada um dos totais parciais correspondentes a cada um desses anos.

### FREQUÊNCIA

A Biblioteca Infantil atende desde a sua fundação a 14 de abril de 1936 — até dezembro de 1950 a 702.136 consulentes, dando uma média anual de 43.883 leitores.

A frequência média diária oscila entre 150 e 200 crianças, tendo se verificado a máxima com 310 crianças e a mínima com 54, num sábado, dia em que a Biblioteca está franca para os consulentes apenas durante 3 horas.

**LIVROS LIDOS** — Observa-se também que o número de livros lidos tem crescido gradativamente, como se pode verificar pelos resultados seguintes:

1936	25.639	livros
1937	31.623	"
1938	38.951	"
1939	50.267	"
1940	61.999	"
1941	77.122	" e revistas
1942	78.160	" "
1943	88.490	" "
1944	78.117	" "
1945	89.657	" "
1946	86.717	" "
1947	91.199	" "

**BAIRROS DE ONDE PROCEDEM OS NOSSOS LEITORES** — Os nossos leitores provêm de todos os bairros de São Paulo, mesmo dos mais longínquos.

Aqueles que nos oferecem maior número de consulentes são os bairros onde se encontra a Biblioteca e os localizados nas suas proximidades.

### GRÉMIO CULTURAL MONTEIRO LOBATO

Surgindo de iniciativa exclusivamente infantil, esse grêmio se destina a promover palestras, excursões a fábricas, conferências e torneios de xadrez e dama. Sua realização de maior vulto foi o 1º Congresso Juvenil de Escritores, do qual participaram crianças paulistas e mineiras.

**SEÇÃO PARA CRIANÇAS CEGAS** — Foi criada, a 29 de abril de 1946, uma seção destinada à leitura de crianças cegas. Duzentos volumes em alfabeto Braille, constituem o seu acervo. Outras atividades como Hora do Conto e livro falado por meio de discos estão sendo desenvolvidas por essa seção da Biblioteca Infantil. Projeta-se ainda criar dentro dela uma seção de empréstimo para leitura a domicílio.

**BIBLIOTECA INFANTIL DO ITAIM** — Inaugurada a 25 de Janeiro de 1946, a Biblioteca Infantil Municipal do bairro do Itaim constitui a primeira sucursal da Biblioteca Infantil Municipal, inaugurando a série que se projeta fundar em todos os bairros de São Paulo. Está atendendo a mais de 3.500 leitores por mês, sendo de 4.500, mais ou menos, o movimento de leitura, no mesmo período.

Pelos dados apresentados poder-se-ão aquilar os nossos trabalhos e verificar a premente necessidade da criação de Bibliotecas para a infância e a adolescência em todos os estados do Brasil, favorecendo, dessa maneira, aqueles que têm necessidade de assistência social e cultural.

## SANTO AGOSTINHO

Continuação da pág. 45

"Só quem opta pela contemplação e orienta seu espírito ao Divino e Universal, elevado a critério de conhecimento e conduta, consegue a Sabedoria".

Quem opta pelo mundo das mutáveis apariências das coisas sensíveis e o concebe como um fim em si, para dominá-la e tirar proveito material, não se pode elevar além da Ciência. Quem nela se encerra e a transforma de meio em fim, está perdido para a Sabedoria".

### O B.R.A.S.

Um ano antes de ser ordenado

sacerdote de Hipona, Agostinho escreveu uma obra, conjunto de princípios e ideias já amadurecidas, que serviriam para orientar seu programa de vida, na sua futura atividade de Pensador: "Da religião verdadeira".

De preocupações eclesiásticas nasceu a obra: "Da Doutrina Cristã", onde traçou as primeiras normas de um programa de estudos para a futura formação de sacerdotes.

Além disso: "Contra Acadêmicos"; "Vida Feliz"; "Sóloquios" 1.º expressão de Fé; "Da imortalidade da alma"; "A alma e sua origem";

"Da ordem"; ocupa lugar destacado na evolução do pensamento pedagógico de Agostinho.

Defende a necessidade da formação inteligente da mente e o ensino das Artes Liberais.

### "Encyclopédia das Artes"

"Confissões" — é a tumultuosa e apaixonante descrição de suas lutas internas, para buscar a Verdade.

Santo Agostinho foi o autor por exceléncia de vários humanistas do Renascimento e considerado o traço de união entre o pensamento clássico e o pensamento cristão.

# O C I V I S M O



Instruir, educar, pelo Brasil e para o Brasil tem sido o lema que dirige os professores, principalmente os primários, ao ministrarem seus ensinamentos, nas Escolas do Rio Grande do Sul. Este lema, se não está inserido em caracteres vistosos, nos pórticos das casas de educação, está gravado, não obstante, em relevo dourado, nas consciências dos educadores.

A idéia de civismo sól ser o padrão que guia os professores no cumprimento de suas atividades escolares. Com fé evangelizadora pregam as orações do dever, do trabalho e do estudo, no interesse da elevação nacional, que redonda no bem coletivo, e, portanto, no proveito individual.

Os professores, em geral, fazem do ideal patriótico o seu côro, a sua ladainha, o centro de interesse, enfim, em que se globalizam as suas lições de amor à Terra, em que nascem, vive e desenvolve-se, em anseios de prosperidade, a criança de hoje, que será o cidadão brasileiro de amanhã.

Firmes, resolutos, os professores se erguem, se agitam, no mais são dos misteres, dentro do templo sagrado da Escola, para plasmarem, nas inteligências insipientes esta concepção nítida de seus deveres e possibilidades de elevação cultural e moral, como filhos da Terra, que é sua, e a que devem honrar e engrandecer. E, estes deveres, só se podem objetivar, patenteiar, no cuidado e interesse pela própria elevação, porque só os indivíduos aptos e superiores contribuem e cooperam para a grandeza de sua Nação.

Para que se desenvolva na criança esta consciência de brasiliadade, éste sentimento patriótico que constitui a fisionomia, o característico da educação pela Pátria, os professores, naturalmente, não se podem limitar às exterioridades que se expandem em louvores, ovações e canticos em homenagem aos símbolos, belezas e grandezas do Brasil.

O ensino cívico, como sabemos, e não é demais repetir, é mais profundo e profícuo, pois, decorre dos conhecimentos reais e naturais de nossa Terra, no que ela possui de majestoso e digno de impressão. Vejamos: Ensinamos a admiração, respeito e louvores, pelo estudo da História Pátria, seu desenvolvimento, evolução, lances épicos, trabalhos, atividades progressivas de seus habitantes, atuação nobre e digna dos brasileiros que concorreram, e contribuem ainda e sempre, para a formação política, social administrativa, intelectual e moral da nação.

Ensinamos, em lições cosmográficas, o Brasil territorial, sob seus aspectos físico e econômico, suas dimensões e estrutura, clima e possibilidades geológicas, de que resultam tesouros minerais, vegetais e

A. CECY DE SÁ BRITO CASTRO  
Professora - fiscal

animais, enriquecendo a Terra, onde qualquer raça humana pode ser acolhida e auferir proveitos para sua subsistência.

Ensinamos que amar à Pátria é respeitá-la no que lhe é sagrado, como suas leis, seus governos, suas autoridades, que, de tudo isso, lhe advém a soberania, e constituem os elementos da *ordem* e da *disciplina*, que alicerçam o *progresso*, alimentam a *união* e, são fatores de proeminência de um país no conceito universal.

E, em todo esse ensino vamos contribuindo para aprimorar o conhecimento da linguagem que é a maior fonte de recursos que podem proporcionar o que almejamos e devemos conquistar pelo nosso Brasil.

E, como complemento do estudo dos valores intrínsecos da Terra, exsurge, então, a veneração aos símbolos que retratam suas riquezas e a união dos seus habitantes, como a nossa linda *Bandeira*; que falam aos nossos espíritos e corações, evocando deveres e respeito à Pátria, como os sons de nosso entusiástico *Hino Nacional*; e lembram a sua defesa como o seu *Escudo*.

As demonstrações exteriores são tão necessárias à manifestação de nosso patriotismo, como as preces a Deus, quando lhe solicitamos as bênçãos e lhe rendemos a nossa gratidão.

Eis o porque das comemorações usuais, e da consagração da Semana da Pátria na fase da recordação histórica de sua Independência.

Eis a razão por que todo brasileiro, com dons artísticos, expande seu civismo nas criações magníficas em prosa, verso, músicas, modelagens, pinturas, produtos da inspiração que se exalta em louvores a seu País.

Lembremos, dentre tantos exemplos, o que nos legou Olavo Bilac, o inspirado poeta que se dedicou, nos últimos anos de sua vida, a cultuar o Brasil.

Os professores da atualidade vão substituindo os do passado e serão seguidos pelos do futuro, na tarefa da educação cívica, que lhe está adstrita, quase exclusivamente, e, êles, gratamente, galhardamente, a vão cumprindo, tanto ela se harmoniza e se identifica com seu modo de sentir. Com mais vantagens, os mestres de hoje dispõem de novos recursos, que lhes facilitam e lhes proporcionam melhor orientação no ensino patriótico, tais como projeções cinematográficas.

+ Continua na pág. 71

# Suite da Primavera

ALLEGRETTO (♩=132)

Melodias do Folclore Infantil  
Arranjo de Lucília Guimaraes Villa-Lobos



Nas en-costas das montanhas O ca-fé vamos plan-tar, Mas pri-  
lá lá lá lá lá lá lá



meiro bem de-vemos O ter-re-no prepa-rar As ces-tinhos estão  
lá lá lá lá lá lá lá lá



prontas vamos o ca-fé co-lher, É pre-ci-so ter cuidado Pa-ra  
MENO rit ----- a TEMPO Non



nem um só per-der Pa-ra nem um só per-der Trago  
non non nan nan nan de que còr são elas E-las



eu lindas la-ranjas, O maninha de que còr são e-las, E-las  
são verde ama-relas, etc. Kan

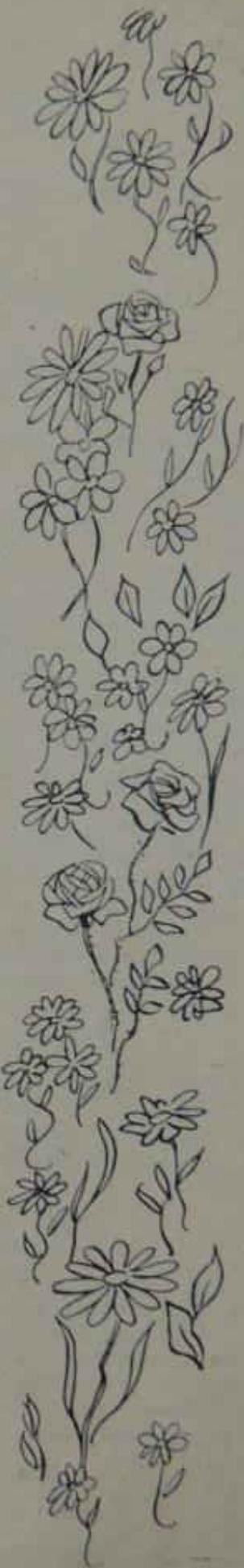


são verde ama relas Vi-ra-Ma-ri-a a esquerda da ja-ne-la Trago  
lá lá lá lá ra



ra. De que còr são elas, verde ama-relas. Vamos no jardim ce-

lá lá lá lá lá lá lá lá  
 les-te Gi-ro-flê, ô gi-ro-flar, Vamos no jardim ce-  
 lá  
 leste Pa-ra lá nos encontrar. tum tum tum tum tum tum  
 flê, ô giroflar; O que foram lá fa-zer? Para lá nos encon-  
 tum  
 MENO  
 trar. • Boca fechada  
 tum Boca fechada  
 POCO MODERATO (gracioso)  
 O-lh'a rosa'ama - re - la, Ro - sa tão bo-nitâ e tão  
 be - la Ro - sa, O - lh'a rosa'ama re - la, O - lh'a rosa'ama sa Ya - ya! meu  
 1<sup>a</sup> vez 2<sup>a</sup> vez  
 tão bo-ni tâ e tão be - la, ô bela Ya - ya! meu  
 lenço o Yaya! Para m'enxu-gar, ô Yaya! Esta despe-  
 1<sup>a</sup> vez 2<sup>a</sup> vez  
 lenço o Yaya meu bem, Para m'enxugar ô Yaya! meu bem, Esta despe-  
 dida, ô Yaya! Já me faz chorar, ô Yaya - Yaya meu  
 dida ô Yaya! meu bem, Já me faz chorar, ô Yaya! meu bem! Yaya! meu bem.



*COLABORAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO COMPLEMENTAR  
SERVIÇO DE EDUCAÇÃO MUSICAL E ARTÍSTICA - RIO DE JANEIRO.*

# EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA

## SUGESTÕES PARA A JARDINEIRA

### ELABORAR UM PLANO DE TRABALHO SÔBRE FRUTAS

Excursões a pomares.

Observar as árvores em geral, salientando-se as frutíferas.

Observar: tronco, folhas, frutos, flores e sementes.

Variedade de frutas. Nome. Círculo. Sabores: doce, amargo, azedo.

Visita às feiras e mercados. Venda de frutas. Preço.

Comparar as frutas de diversas espécies para chegar à noção clara de quantidade, forma, peso, tamanho, maior-menor, pesado-leve, grande-pequeno.

Juntar frutas diferentes e separá-las, depois por espécie, para serem contadas. Noção concreta de dúzia e meia dúzia.

Modelar frutas, depois de examiná-las convenientemente para adquirir a noção de forma e proporção.

Transportar frutas equilibrando-as na palma da mão.

Reconhecê-las pelo olfato e pelo tato.

Notar como o sol, a água e o ar aumentam o viço das árvores.

Salientar o valor nutritivo das frutas.

Necessidade de comer frutas. Não passar um dia sequer sem comer ou chupar frutas.

Frutas verdes e maduras. Perigo das frutas podres e verdes.

Lavar as frutas antes de comê-las. Mastigá-las bem.

Saber descascar e servir-se de frutas.

Desenhos e recortes.

Alinhavos e pintura com aquarela.

Poemas. Canções. Dramatizações. Jogos.

#### Jogo de correr

#### Cesta de frutas

As crianças formarão um círculo tendo, previamente, adotado o nome de uma fruta.

Logo que a do centro chamar por duas quaisquer, estas permutarão imediatamente, procurando aquela ocupar um dos lugares vagos.

Quando desejar a mudança de todas, gritará:

— A cesta virou!

#### Ginástica imitativa

#### Apanhar laranjas no pomar

1 — Correr para o pomar. (Uma ou duas voltas em círculo).

- 2 — Subir a laranjeira por uma escada. (Elevar o braço e a perna direita, flexionando o joelho alternadamente).
- 3 — Sacudir os galhos, para fazer cair as laranjas.
- 4 — Descer da escada.
- 5 — Juntar as laranjas e deitá-las numa cesta.
- 6 — Carregar a cesta para casa. (Uma volta em círculo, com flexão das pernas).
- 7 — De chegada à casa, sentir o agradável cheiro do almôço. (Inspirar profundamente e expressar alegria).

#### Jogos de memória

#### Fruteiro

As crianças sentadas em semi-círculo representarão cada uma, uma fruta.

A Jardineira dirá: Acaba de passar um fruteiro que não carregava "mangas".

A criança que representa "a manga" responderá: Manga, não, o que não levava era .....

E assim prosseguirá o jogo.

A criança que não responder imediatamente, será eliminada ou pagará prenda, conforme prévia combinação.

#### Barquinho de frutas

As crianças estão sentadas à vontade.

A Jardineira arremessará um saquinho ou um lenço a uma criança dizendo:

— Vai um barquinho carregadinho de .....

A criança atingida pelo saquinho será obrigada a citar, imediatamente, o nome de uma fruta.

Em seguida, atirará, do mesmo modo o saquinho a outra criança.

Sairão fora do jogo as crianças que receberem o saquinho e não disserem um nome de fruta.

Vencerão as crianças que se mantiverem até o fim do tempo determinado.

#### LARANJEIRA

#### Bazar Godói Moreira

Uma linda sementinha  
em meu quintal descobri.

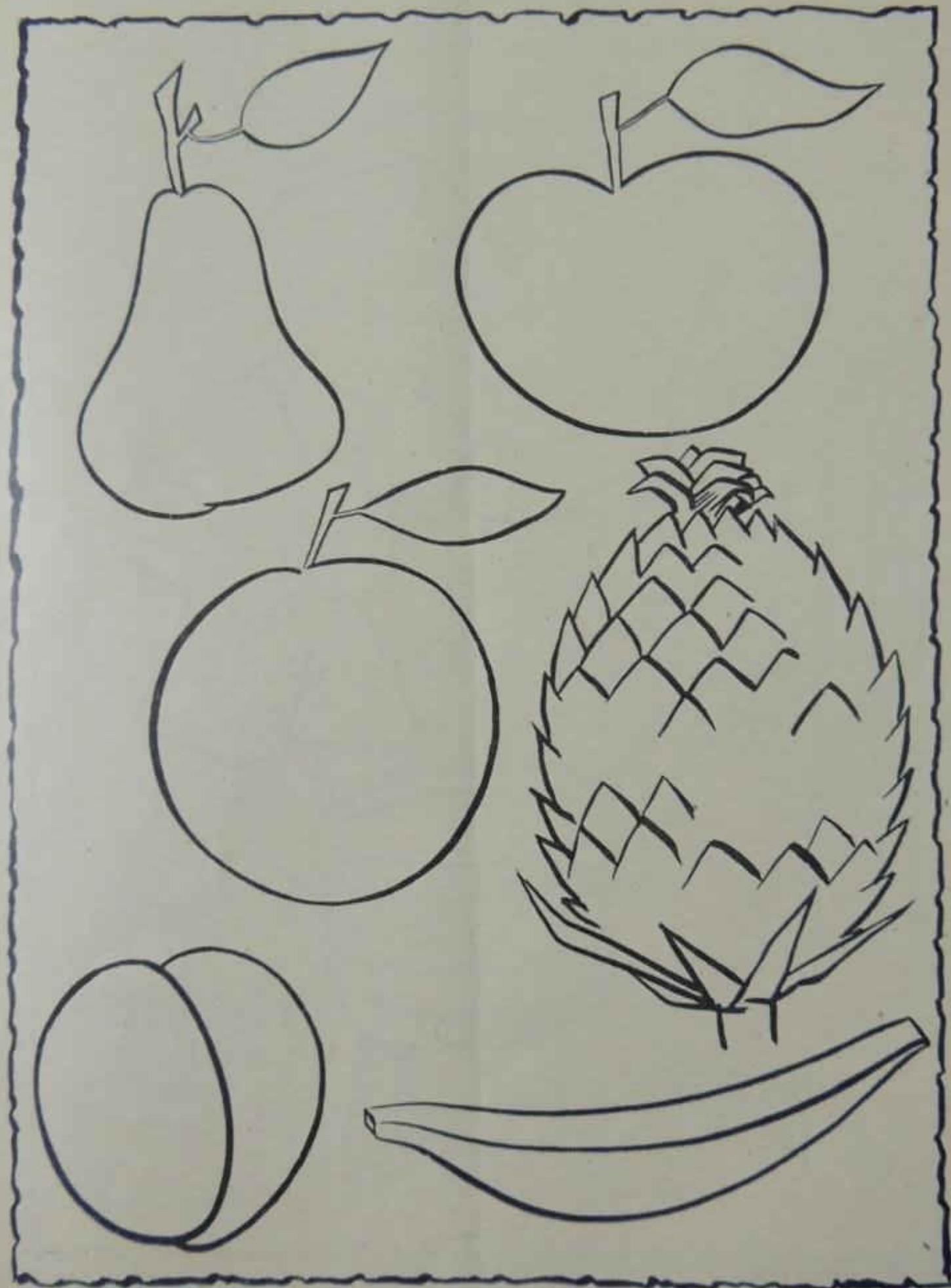
Alva, macia, limpinha!

— Minha linda sementinha  
que posso fazer de ti?

Continua na pág. 60

SETEMBRO DE 1952

FRUTAS PARA RECORTAR E COLAR



Para Os Pequenos Colorirem



# FRUTAS GOSTOSAS

LETRA E MÚSICA DE JANDYRA PEREIRA GASTAL

The musical score consists of five staves of music for voice and piano. The lyrics are written below each staff.

**Staff 1:**

me-a-me-cá-de-h - cosa Nos pe - me - me cal - h - ipo - São que -  
- do - de sou lo - cosa Eu - len - di - sa per - to - mato

**Staff 2:**

tu - sou o tal O Alme - co - lho Mai gran - ti - ro e mu - ch - mo - sa Bem an -

**Staff 3:**

do - do e bo - m - lho São em fru - te bon - sa - bo - rosa

**Staff 4:**

Yé-Yé Pi - fan - ga sua de fa - to Ver - me - lha e bem mi - dinha fo - des  
di - zem lá no mato Que pe - que - na ges - to - gôndula

**Staff 5:**

Quem sou eu? Chico A - ra - cá Da Guav - ro - va o pri - mi - nho São do  
ma - to, e mó - ro lá Os - de não vi - vo fôr - al - ambo /

# LIÇÕES DE GEOGRAFIA

## O SOL



manhã

O Sol ilumina e aquece a terra.  
Sem os seus raios benéficos não existiriam árvores, nem animais.

De manhã, o Sol *nasce*, isto é, aparece e, durante o *dia*, ilumina e aquece as terras e as águas. À tarde, o Sol se *põe*, isto é, desaparece do lado oposto e, então, começa a *Noite*.

O Sol está tão longe de nós que nem podes formar idéia dessa distância.

Um objeto afastado parece sempre menor do que realmente é.

Nunca viste soltar um balão? Enquanto está perto de nós, mostra-se grande como realmente é. Ao

Prof. Afonso Guerreiro Lima  
do livro "Terra — Água — Ar"  
Edição Globo.

VI



passo que vai subindo, parece que o seu tamanho vai diminuindo.

Pois o Sol, apesar de imensamente grande, se nos afigura pequeno, porque está muito longe de nós, tão longe que nem podes imaginar.



### SUGESTÕES NOSSAS

#### FRASES PARA COMPLETAR:

O Sol nos fornece .....  
As plantas e os animais precisam da ..... do Sol.  
Quando o Sol aparece é .....  
Quando o Sol desaparece é .....  
O Sol aparece de um lado e desaparece de .....

Para Você responder:

Porque o Sol nos parece tão pequeno?

Experiência

— Solte um balão e observe como ele vai diminuindo de tamanho, à proporção que se afasta.



# BIBLIOTECA ESCOLAR INFANTIL

ELIDA DE FREITAS E CASTRO DRUCK

Professora de Biblioteconomia do Curso de  
Administradores Escolares do Instituto de Educação  
Porto Alegre.

## SALA DE LEITURA — Localização e móveis

II

"O problema das bibliotecas é o problema da instrução de um povo". — Eugênio Morel

Em todos os estudos e planos de trabalho supõe-se sempre o melhor realizável, o ideal na adaptação, o perfeito nas concretizações em edifícios a serem construídos, nos quais são previstas as dependências para a Biblioteca, com material adequado e funcionários competentes.

No número anterior desta Revista foi apresentada uma sugestão para adaptação a prédio já construído. Aqui, em continuação, apresentarei esquemas livres das minhas ex-alunas do Curso de Administradores Escolares, relativos a Bibliotecas Infantis nos Grupos Escolares, mostrando a situação e mobiliário imprescindível a uma sala de leitura. Nos próximos números indicarei modelos dos móveis citados, a título de contribuição objetiva para o estudo da situação da Biblioteca Infantil Escolar, localização e aproveitamento dos móveis mais indispensáveis.

Para melhor compreensão das linhas esquemáticas reproduzidas nos clichês, transcrevo uma parte do plano de trabalho da minha ex-aluna professora Cloé Matta de Oliveira sobre "Como Organizei a Biblioteca da Minha Escola", apresentado como tema didático:

... "Não é fácil conseguir uma sala que reúna todas as condições indispensáveis, principalmente quando, ao ser projetado o prédio escolar, não tenha sido planejada uma sala para a Biblioteca Escolar Infantil. Mesmo assim, ao escolher o local é preciso levar em conta todas as exigências e optar pela sala que reunir maior número de condições favoráveis, como boa iluminação e situação em local pouco movimentado.

"A justificativa é a seguinte: a leitura feita em condições imperfeitas de iluminação é prejudicial ao mais precioso dos nossos sentidos, a visão; e é impossível fazer boa leitura em ambiente ruidoso e movimentado.

"O mobiliário de uma Biblioteca Escolar não poderá jamais deixar de ser funcional: cadeiras e mesas cômodas e com alturas convenientes. Em nossa planta incluímos uma mesa grande com algumas cadeiras, mais baixinhas, para serem usadas pelas crianças menores, dos primeiros anos, ou para visitas eventuais dos pré-escolares.

"Os armários ou estantes de livros precisam ser acessíveis às crianças. As portas de vidro, corrediças, são interessantes, protegem os livros do pó, etc., mas a tendência atual é para o uso de armários abertos, facilitando o mais possível o contato direto do aluno com os livros. Um dos armários citados já vem com o ficheiro, duas gavetas e uma parte fechada para materiais diversos.

"Incluímos no esquema um carro-estante, para transporte fácil de maior número de volumes. Um móvel para guardar os mapas, a mapoteca, também é necessário.

"Outro móvel de grande utilidade é a estante especial para os livros de grande formato, que se consultam ansiadamente, como dicionários, encyclopédias, atlas, etc.

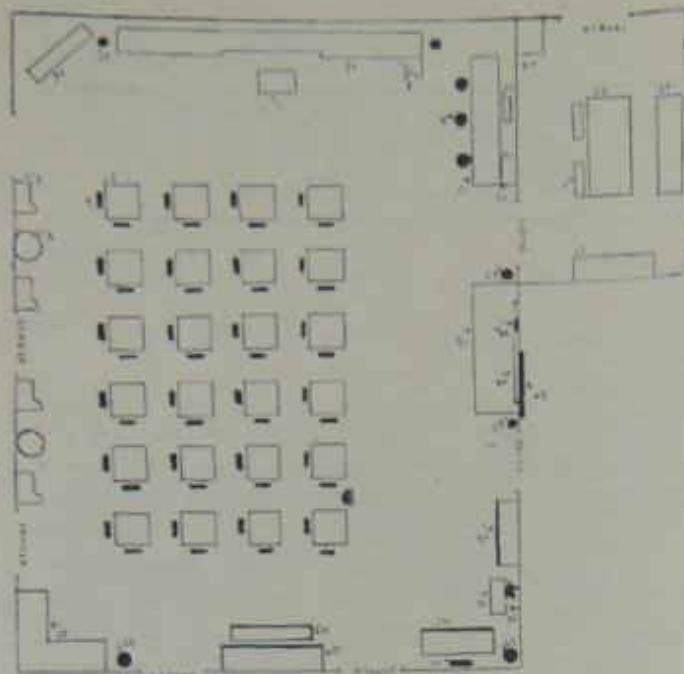
"Para uso do bibliotecário há um balcão com prateleiras do lado interior, uma cadeira giratória e uma mesa. A máquina de escrever é essencial. O estrado-palco é interessantíssimo: serve para as dramatizações, local de palestras, e como ponto de exposição de livros.

"Incluímos um terno e uma pequena mesa para que a Biblioteca tenha um canto agradável e convidativo. Servirá também aos visitantes. Esteiras no chão atenderão ao gosto infantil, permitindo atitudes livres de formalismos.

"Como complementos do mobiliário temos cortinas e tapetes. As primeiras, em cores claras, floridas e alegres que, além de embelezarem a sala, permitem a graduação do sol, da luz ou das correntes de ar. Quanto aos tapetes, também são úteis, pois abafam os passos e deixam a sala mais atraente e silenciosa.

"A sala anexa à Biblioteca servirá para depósito de livros e local para reparos nos mesmos."

Professora! V. durante tanto tempo desejou uma revista de ensino! Aqui a tem! Prestigie-a, tomando uma assinatura e conseguindo que duas colegas suas também a assinem!



Disposição das salas e dos móveis, ideada pela professora RUTH CABRAL:

*Sala A:*

- 1 — Cadeiras para leitura coletiva.
- 2 — Mesas para leitura coletiva.
- 3 — Cadeiras para leitura individual.
- 4 — Mesas para leitura individual.
- 5 — Mapoteca.
- 6 — Estante para livros.
- 7 — Vagonete para transporte de livros.
- 8 — Degraus para crianças atingirem estantes mais altas.
- 9 — Banquinhos.
- 10 — Balcão para o preenchimento de fichas e tâlões de empréstimos.
- 11 — Banco.
- 12 — Fichário de todos os livros.
- 13 — Estrado-palco para dramatizações.
- 14 — Quadro para avisos, com tela para cinema.
- 15 — Armário para o trabalho do bibliotecário: correspondência, catálogos, bibliografia, estudos, livro-inventário, carimbo, tinta, papel, lápis, tesoura, espátula, fita durex, etc.
- 16 — Mesa para trabalho de datilografia.
- 17 — Cadeira para a mesa de datilografia.
- 18 — Birô do bibliotecário.
- 19 — Cadeira do bibliotecário.
- 20 — Balcão dos dicionários.
- 21 — Banco.
- 22 — Balcão para guardar ou expôr as realizações da hora de leitura.
- 23 — Jardineira para folhagem.
- 24 — Armário-vitrine para exposição de obras novas e trabalhos dos alunos relativos ao livro.

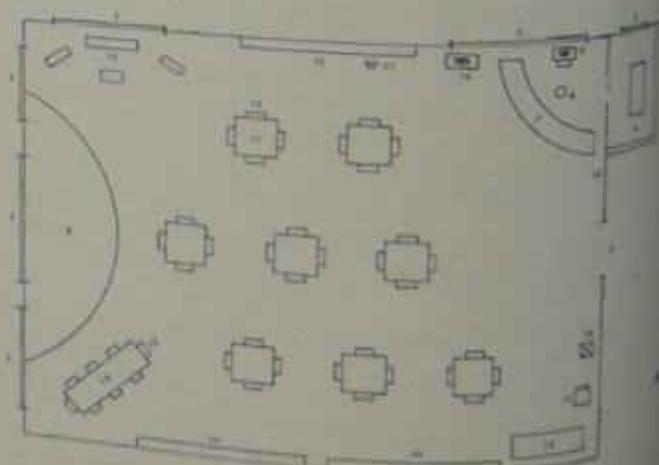
*SALA B:*

- 1 — Pia para lavar as mãos.
- 2 — Mesa para os trabalhos de reparação dos livros.
- 3 — Armário para o material fora de uso, mas que pode ser aproveitado esporadicamente.
- 4 — Armário para os utensílios de limpeza: escova, aspirador de pó, goma, etc.
- 5 — Bancos.



*Esquema de uma Biblioteca, da autoria da professora CLOÉ MATTIA DE OLIVEIRA:*

- 1 — Sala de leitura.
- 2 — Janelas envidraçadas.
- 3 — Porta de entrada.
- 4 — Sala anexa para depósito e consertos.
- 5 — Porta para a sala anexa.
- 6 — Palco-estrado para dramatizações e apresentações de trabalhos.
- 7 — Balcão para movimento de empréstimos, cotações, etc.
- 8 — Cadeira giratória para quem atende o balcão.
- 9 — Mesa para máquina de escrever.
- 10 — Armários para livros.
- 11 — Mesinhas para leituras.
- 12 — Cadeiras.
- 13 — Cadeiras menores, para alunos menores.
- 14 — Mesa mais baixa, para alunos menores.
- 15 — Terno: sofá, 2 poltronas, mesinha.
- 16 — Estante especial para dicionários.
- 17 — Carro-estante para transporte de livros.
- 18 — Mapoteca.
- 19 — Mesa para exposição de revistas.
- 20 — Quadro-negro.
- 21 — Degraus para pequeninos atingirem todas as estantes.



# Ensino Religioso

## ORGANIZAÇÃO DA LIÇÃO DE CATECISMO

P. A. Monizete

Já expliquei o meu método de ensinar Catecismo: uma história (sempre do Evangelho, para o curso primário), a doutrina (extraída da história), e a formação, em seus 4 pontos reputados por mim fundamentais na vida cristã: deveres, conselhos, apostolado, liturgia.

A meu ver, é este o esquema ideal de uma lição de Catecismo. *Conto a história*: com isto desperto a atenção, avivo o interesse dos alunos, focalizo o tema e, através do tema, a Figura Divina de Cristo. Terminada a história, *verifico*: mando repeti-la, em face de um *quadro* que a representa, retifica-se o que não foi bem apanhado ou dito; dou lugar a falarem as crianças; animo-as com a visão de uma imagem; gravo melhor o que disse, desconfiando sempre do ouvido, quase sempre a mais fraca das impressões. E, com tudo isto, fui direto à inteligência, que é a faculdade mestra e diretriz do homem. Afinal, somos o que pensamos.

Passo à *doutrina*, que nasce da história, como a flor da haste. Na doutrina tenho a suprema preocupação de *ensinar pouco*: uma só idéia, e não mais. Crianças podem aprender pouca coisa: uma idéia lhes basta em cada lição. Mais estabeleceria confusão, dificultaria a compreensão, precipitaria na memorização pura. Ensinado o ponto de doutrina, *voltar à verificação*: interrogo a um, a outro, a outro — fazendo primeiro a pergunta à classe e pedindo depois a determinado aluno que responda. Com isto, reforço a doutrinação. Faço as crianças falarem para não ficarem ouvindo muito tempo: fogem da aula, embora continuem corporalmente presentes... forço a fixação, facilito a disciplina, dou gosto pela aula de Religião.

Neste questionário de verificação entram também as perguntas de penetração: não basta repetir o que ouviu, importa compreender, tirar conclusões, fazer aplicações à vida. Enquadro ai, do melhor modo, os 4 pontos de formação, ora indicados por mim, ora deduzidos pelos alunos sob a orientação do mestre. É de ver a alegria em que ficam, quando chegam a

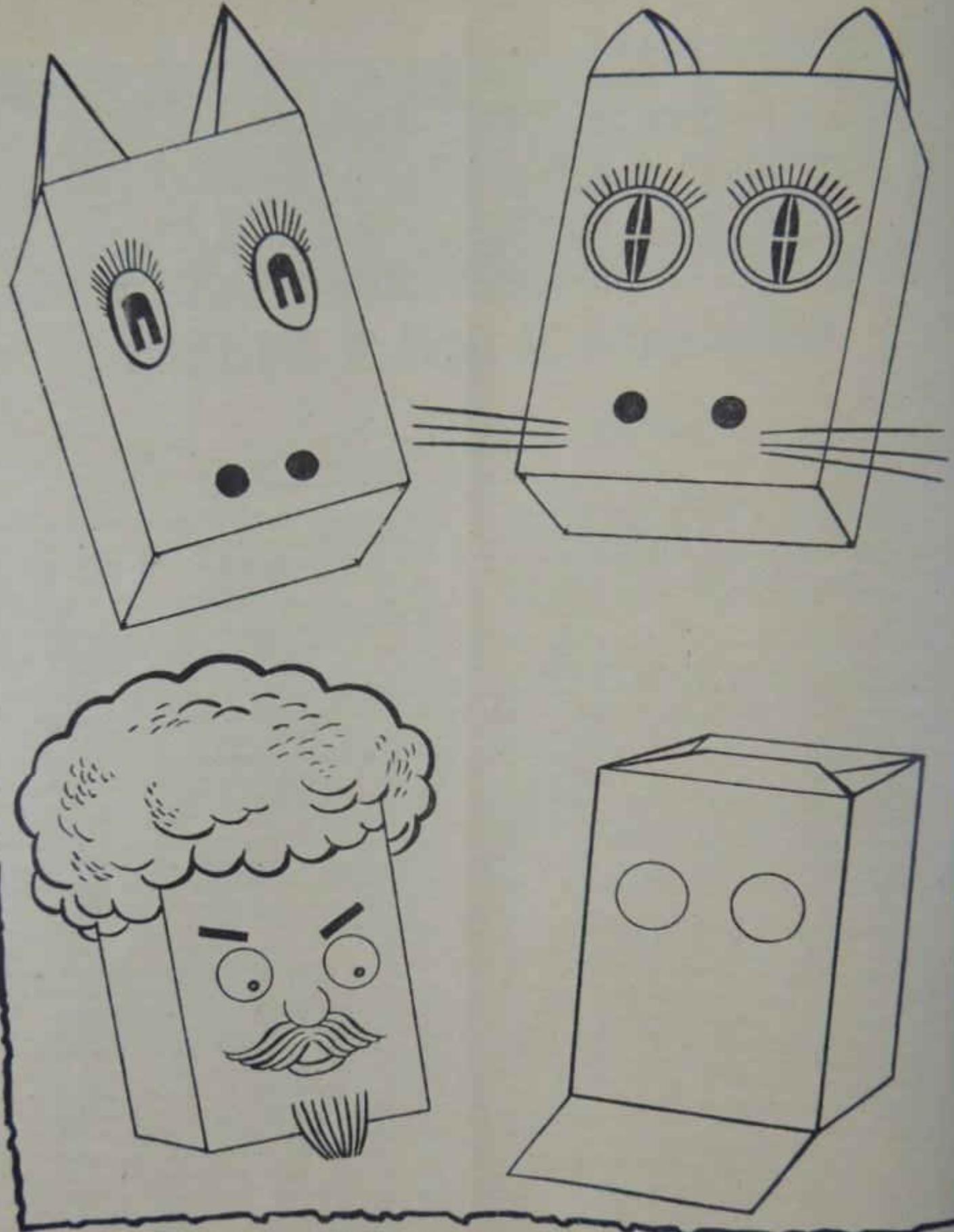
conclusões acertadas de vida prática, por si sós. E como, sendo isto coisa sua, eles sentem que é muito mais de viver. Tanto assim que foram eles mesmos que propuseram...

Seguem-se *exercícios*: integram a lição, que ficaria muito incompleta sem eles; dão grande prazer às crianças, que ai têm a melhor parte: falam, agem, movimentam-se intelectual e corporalmente.

Não há exercício que não tenha cabimento nas aulas de Catecismo. Começamos pela simples pergunta oral, para a resposta de apreensão; vamos às perguntas de maior compreensão; usamos o quadro negro, no qual as crianças serão chamadas a escrever; damos questionários escritos, com os mais vários tipos de perguntas e questões (encher claros de frases, riscar o certo, completar sentenças, fazer frases com palavras dadas); alegramos a turma com desenhos a fazer, a colorir, — ou com recortes, com modelagem; chegamos, com os mais adiantados, aos processos mais vitais do ensino: — *ver, julgar, agir* — dando exemplos (ou pedindo) do meio ambiente, fazendo apreciá-los, para terminarmos atuando em nosso meio para levá-lo à vida em Cristo.

Não penso que isto seja demasiado difícil. Baseei neste processo os meus livros para o curso primário: MEU CATECISMO. Tenho a impressão, reforçada pela experiência, de que qualquer professor de boa vontade é capaz de dar muito boas aulas de catecismo, seguindo as lições desses livros. É evidente que tanto mais penetrado de doutrina e de vida, tanto mais experimentado na catequese, tanto melhores as aulas. Mas, mesmo de inicio, as pessoas de boa vontade serão capazes de se desempenhar condignamente acompanhando aquelas pegadas. Estou longe de pensar que devamos ficar no mínimo. Isto é ponto inicial. O que se espera é que, iniciado o trabalho neste método orgânico e vital, os estímulos nos impulsionem para a frente. A cultura religiosa sempre renovada, a prática da catequese, o aproveitamento dos processos po-

Continua na pág. 55



MÁSCARAS  
PARA  
DRAMATIZAÇÕES

Aproveite os sacos de papel para levar as crianças a fazerem máscaras para as dramatizações.  
 Para máscaras simples é só cortar buracos que sirvam de olhos, nariz e bocas.  
 Para criar um homem, uma criança ou uma mulher faz-se cabelos, se brancelhas ou bigodes usando algodão.  
 Para fazer um animal, faz-se as orelhas, focinho, bico, etc., de outro papel.

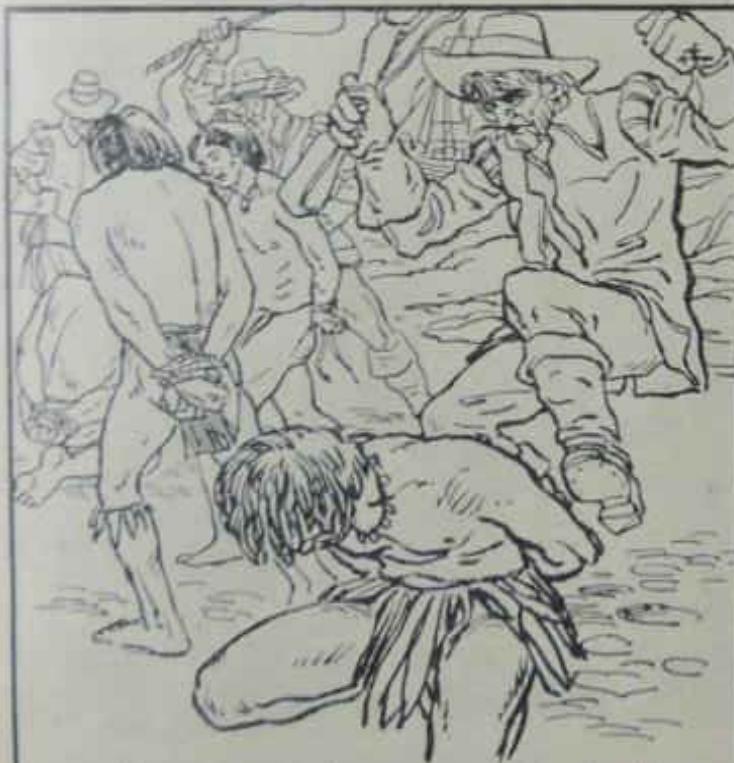
# AJURICABA

POR A. ACAUA

ILUST. DE A. A. KUWER



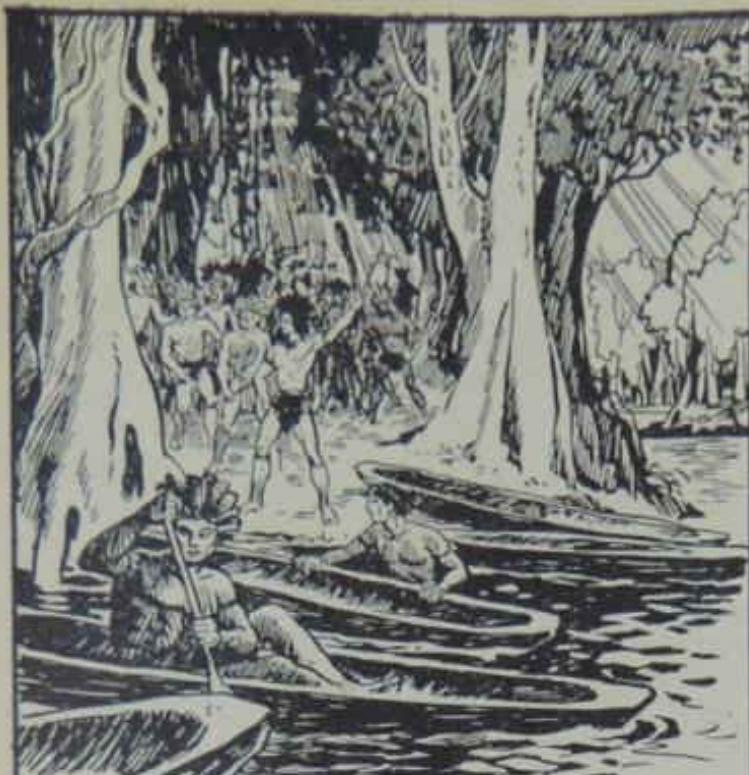
Quando os homens brancos — português, espanhóis, franceses, flamengos — começaram a fazer suas entradas nas selvas amazônicas, iam principalmente embalados pelo sonho do El-Dorado, à procura de cubicadas riquezas na lendária cidade de Manoa. Não era fácil, porém, a conquista de Manoa, pois ela ficava nas paragens da aguerrida tribo dos manaus, cujo poderio se estendia por ambas as margens do rio Negro.



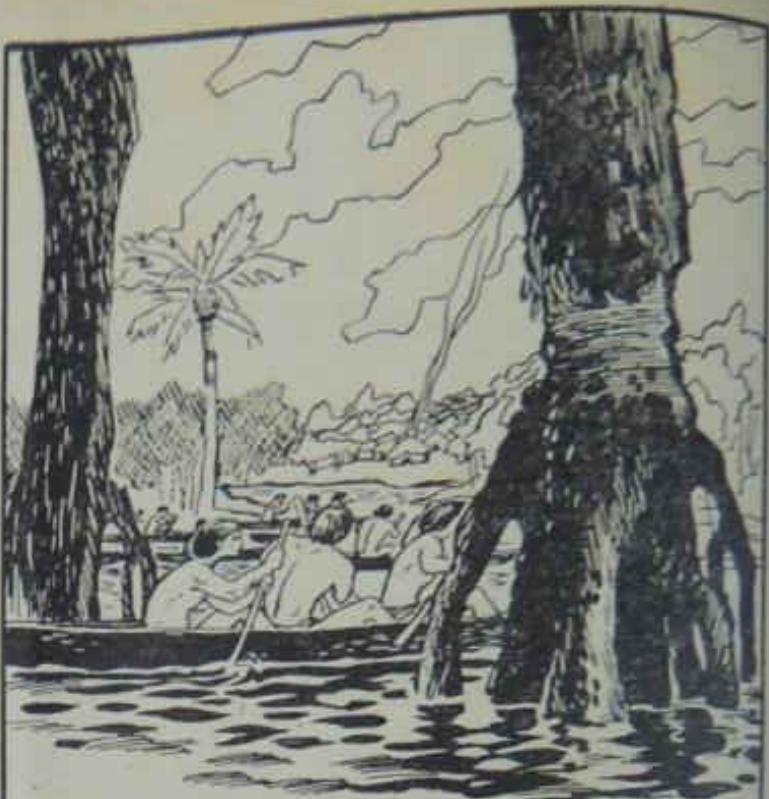
Manoa, no entanto, era uma lenda. A covinha dos invasores voltou-se, então, para os selvícolas, que passaram a ser caçados como animais e vendidos como escravos. Ao surgirem os missionários cristãos nas suas plagas, foram recebidos com desconfiança pelos aborigines. Muitos destes se aldearam. Outros, todavia, obstinaram-se em resistir aos brancos, sem distinguir os bons dos maus.



Ajuricaba, cacique dos manaus, encabeçou a resistência. Era filho de Uinebêu, que capitulara, mas neto de Caboquena, o inconquistável. Fugira da tâba paterna quando esta se dobrara aos intrusos. Morto o pai, o acangatara de murubixaba cingiu-lhe a fronte altaiva e livre, e o tacape de comando foi empunhado por suas mãos possantes.



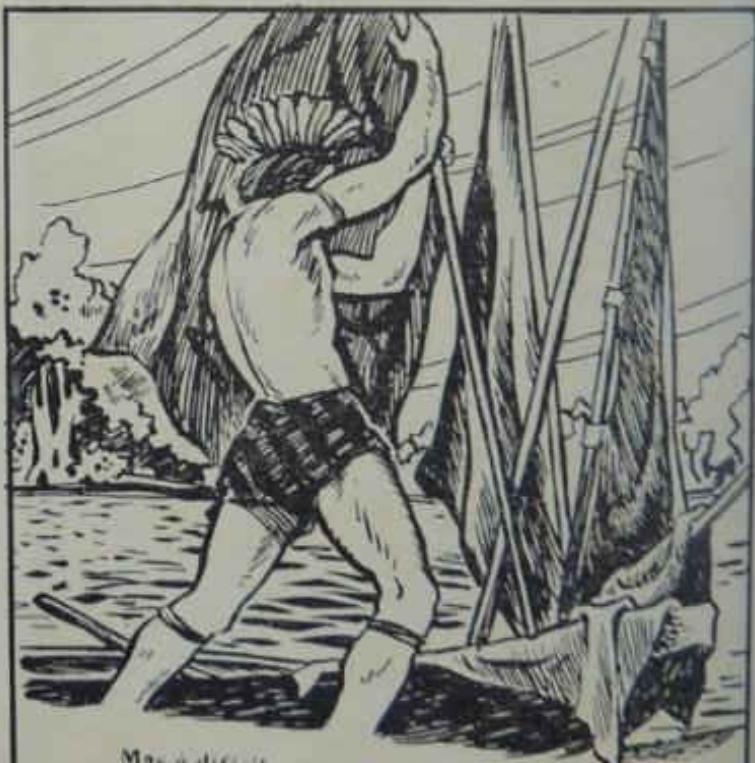
Livre e impetuoso como as águas do Amazonas, Ajuricaba convocou à luta todas as tribos vizinhas: tariás — à qual pertencia sua mulher, Corema — ualmiris, maiapenas, crixanás, jaúperis, mandaçás, uarequenas. Por todo o vale do rio Negro ecoou o mesmo brado: — Morte aos caçadores de índios! — A maldade dos brancos desencadeara a fúria indígena.



Verdadeiras frotas de canoas se espalham pelos rios, percorrem os igapós e igarapés, cruzam as corredeiras e abicam às margens povoadas. Em maracatins, igaras e ubás de todos os tamanhos, navegam os manaus em pé de guerra. Abarcando imensa zona na sua ofensiva, chegam às mais diversas aldeias onde o tapuitinga — branco bárbaro — deixa rastros da sua presença.



Os energéticos e constantes ataques de Ajuricaba o tornam temível. Sucedem-se pedidos de socorro às autoridades do Grão-Pará. O governador João da Maia da Gama, preocupado, manda um contingente luso guarnecer a zona alarmada. A tropaarma seus tupupás na foz do rio Negro e ali estaciona, de atalaia, neudindo donde e quando é necessário.



Mas é difícil subjugar os que amam a liberdade. Ajuricaba sabe o destino que espera a sua gente se ela cair nas mãos dos fazedores de escravos. De 1723 a 1727 suas guerrilhas mantêm-se com firmeza inabalável. Na proa do seu igaratum tremulam os pavilhões conquistados, espalhando ao vento suas vitórias. Tamanha gravidade assume a situação, que o governo prepara reforços para uma guerra de extermínio.

## REPORTAGEM EXTRA

# Revelando Artistas

A Superintendência de Educação Artística do Rio Grande do Sul realizou um Concurso de Desenho Infantil que se revestiu de características especiais. — 300 escolares concorreram ao interessante certame. — Quando as tendências se revelam. — Os trabalhos serão expostos em praça pública.

Este número de aniversário da Revista do Emaúzio já estava pronto para a expedição, quando recebemos do Professor Carlos Marone, o seu Superintendente de Educação Artística da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, um amável convite para assistirmos à realização do Concurso de Desenho Infantil, organizado pela Superintendência que dirige. O curioso certame teria lugar dia 24 de setembro, às 14 horas, no Parque Farroupilha.

Não tivemos dúvida de que se tratava de um certame originalíssimo, cremos que pela primeira vez realizado no Brasil, e, portantamente, suspendemos a expedição na Revista, para avermos aos nossos leitores — como presente de aniversário — a noticia desse extraordinário acontecimento.

Após alguns dias de tempo triste e chuvoso, o dia 24, como por encanto, amanheceu raioso de sol, céu do mais puro azul, temperatura agradável e ausência do vento característico da primavera no sul.

As 13,30 h dirigimos-nos ao Parque Farroupilha que nessa quadra do ano é um maravilhoso jardim, onde se encontram as mais lindas flores desabrochadas. Quase ao mesmo tempo que nós, chegavam os primeiros concorrentes ao certame e meia hora depois os quietos passeios do Parque haviam sido tomados pelos sleges bandos de colegais, que rivalizavam com os passarinhos no círculo de vozes e aíore instabilidade. Eram 300 crianças — meninos e meninas — das nossas escolas públicas, entre 6 e 15 anos de idade, que, de papel e lápis em punho, corriam aqui e ali, buscando o recanto que iriam desenhar. Havia intensa liberdade de escolha de local e de acomodação para trabalhar. As professoras só intervinham quando solicitadas ou quando algum menino se instalava muito à borda do lago ou da piscina.

Em poucos instantes o nosso imponente Parque ficou transformado num grande e ativo ateliê de pintura e desenho.

Um relativo sossego voltou a reinar pelas aleias do Parque. Os pequenos trabalhavam, trabalhavam... e os grandes admiravam, felizes ante aquela espetacular maravilhosa!

Dante da assunção revelaram-se os mais estranhos temperamentos artísticos: aqui o vigor do traçado de um garoto, ali a leveza de tons e linhas de uma menina, mais além o colorido impressionante de outro garoto, a revelarem, em toda sua pujança, personalidades marcantes!

Enquanto os pequenos desenhavam fomos anotando e fotografando os visitantes: Tenente A. Escobar, representando o Sr. Governador do Estado; Sr. Dr. Júlio Marinho de Carvalho, Secretário de Educação; Sr. Professor Guilherme Goeller, representando o Sr. Prefeito Municipal; Sr. Dr. Boris Seligman, Diretor-Geral da Secretaria de Educação; Sra. Aurora Prado, Superintendente do Ensino Normal; Sra. Ismael Ribeiro, Diretora do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional; orientadoras de ensino; professores; alunas da Escola Normal Assis Brasil, de Pelotas, acompanhadas de professoras.

— Atendendo aqui os visitantes, ali os pequenos desenhistas, andavam, incansáveis, as orientadoras de Desenho e Artes Aplicadas, professoras Yolanda Martha Pelizzari Cirio, Honorina Cauduro Massola (nossas colaboradoras), Wanda Otávio Seadi e Aura Serrano.

Procuramos ouvi-las sobre o certame. Estavam felizes com o êxito obtido, já pelo elevado número de concorrentes, já pela maneira impecável como se estavam conduindo, já pela satisfação que notavam em todos os presentes.

Interrogamos D. Honorina sobre de quem tinha sido a ideia: "Nós fazemos trabalho de equipe", respondeu-nos, estavam combinando a realização do concurso, quando eu sugeri que se realizasse a exposição dos trabalhos ao ar livre,

Era, então, que a Yolanda perguntou: "E se as crianças desenharem, também, ao ar livre?" A ideia foi imediata e unanimemente aprovada e a seguir pusemos em ação. O resultado ai está, muito acima da nossa expectativa".

Perguntamos sobre novas realizações semelhantes, ao que fomos informados: "O Sr. Secretário de Educação acaba de se manifestar sobre esse assunto. Creio que ele deseja tornar periódicos estes certames".

Já ao cair da tarde, quando todos haviam entregue seus trabalhos, foram estes expostos no próprio local e cada aluno concorrente deu o seu voto para o melhor trabalho. O critério adotado durante a votação pelos minúsculos julgadores, surpreendeu aqueles que duvidavam da capacidade de crítica da nossa infância; o público terá oportunidade de apreciar os trabalhos classificados como os melhores, nas exposições ao ar livre que S.E.A. realizará dentro de breves dias e de constatar do juizo crítico e agradecimento extenso desses "punguinhas de gente" que demonstraram na humilde tarde de 24 um edificante espírito de justiça. Na atitude digna da nossa infância, revela-se o trabalho anônimo da professora, sempre pronta a dar de si em prol do ensino, grande parte de sua existência, descolhendo e orientando aptidões vocacionais em escola nos pequeninos seres sob seu cuidado.

Que os idealizadores e realizadores do primoroso certame vejam na publicação desta reportagem especial, a melhor homenagem e o mais vivo aplauso que lhes podemos tributar pela grande vitória.

### OS AUTORES DOS VINTE MELHORES TRABALHOS

- 1 — José Carlos Santos — 13 anos — G. E. "URUGUAI".
- 2 — Demétrio Augusto da Fontoura — 14 anos — G. E. "ARGENTINA".
- 3 — Magali Amural Costa — 13 anos — G. E. "PEDRO I".
- 4 — Pericó C. Ayala — 13 anos — E. E. "PRESIDENTE ROOSEVELT".
- 5 — Inára C. Grassi — 12 anos — G. E. "ARGENTINA".
- 6 — Maurício Pegas — 11 anos — C. P. INSTITUTO DE EDUCACAO.
- 7 — Wallace Lehnenmann — 13 anos — G. E. "APELES PORTO ALEGRE".
- 8 — Joaquim Bueno — Escola Eduardo Carter.
- 9 — Mariza Lúcia Schnab — 12 anos — G. E. "VENEZUELA".
- 10 — Dilcio Tuhino — 14 anos — E. E. "PRESIDENTE ROOSEVELT".
- 11 — Carlos Maalis — 12 anos — E. E. "1º de Maio".
- 12 — Gisele Ludwig — 9 anos — G. E. "INÁCIO MONTANHA".
- 13 — Ubajara Soeava — 11 anos — G. E. "URUGUAI".
- 14 — Teresinha Pachoco — 15 anos — G. E. "VOLUNTARIOS DA PÁTRIA".
- 15 — Marlene Gimenez — 14 anos — G. E. "DALTO FILHO".
- 16 — Sérgio A. Neves — 13 anos — E. E. "PRESIDENTE ROOSEVELT".
- 17 — Ilza Minor — 13 anos — G. E. "BARÃO SANTO ANGELO".
- 18 — Dina Avila — 15 anos — G. E. "BARÃO SANTO ANGELO".
- 19 — Carlos Roma Gauer — 9 anos — G. E. "PAULA SOARES".
- 20 — Ouvinha Coutinho — 14 anos — G. E. "APELES PORTO ALEGRE".



Autoridades e alunos da Escola Normal Antônio Brasil, de Pelotas, posam para a Revista do Ensino.

As professoras-orientadoras de Desenho e Artes Aplicadas, idealizadoras do Concurso que tanto êxito alcançou.

O Dr. Júlio Mariano de Carvalho, ilustre Secretário de Educação examina, atentamente, o desenho de Luiz Fabio, filhinho de nosso fotógrafo.



O desenho a lápis de cõr de Demétrio Fontoura foi um dos classificados. O Sr. Secretário de Educação acompanha com interesse o desembarcamento de tracejado de Demétrio Fontoura.





*Houve inteira liberdade na escolha do local onde deviam instalar-se para trabalhar.  
E eles demonstraram que sabiam escolher! ...*





*Não houve "poses" para efeito de fotografia. Todas as atitudes são espontâneas. Eles foram surpreendidos pelo fotógrafo.*



Aquarela de Carlos H. Maabi, 12 anos —  
G. E. 1º de Maio.



Estes foram os juízes. Eles votaram e surprenderam os grandes com o resultado final do julgamento.

Desenho a giz comum e carvão,  
José Carlos Santos, 13 anos — G. E. Uruguai.



Lápis de cor, Mauricio Pegar — 11 anos —  
Instituto de Educação.



Tinta em pó para parede, Marta Luiza Schubab,  
12 anos — G. E. Venezuela.



Lápis de cera — Wallace Lehnemann  
13 anos — G. E. Apeler Porto Alegre

Lápis de cera Inara Cavalcanti Grassi,  
12 anos — G. E. Argentina.



Cacau — Dina Ávila — 15 anos — G. E. Barão de Santo Ângelo.

Lápis de cera — Marlene Gimenez — 14 anos — Grupo Escolar Dulce Filho.

Garrão — Ira Minao, 13 anos — G. E. Barão de Santo Ângelo.

Lápis e aquarela — Dílio Tubino,  
11 anos — G. E. Presidente Roosevelt.



Lápis de cor — Terezinha Patrício,  
15 anos — G. E. Voluntários da Pátria.

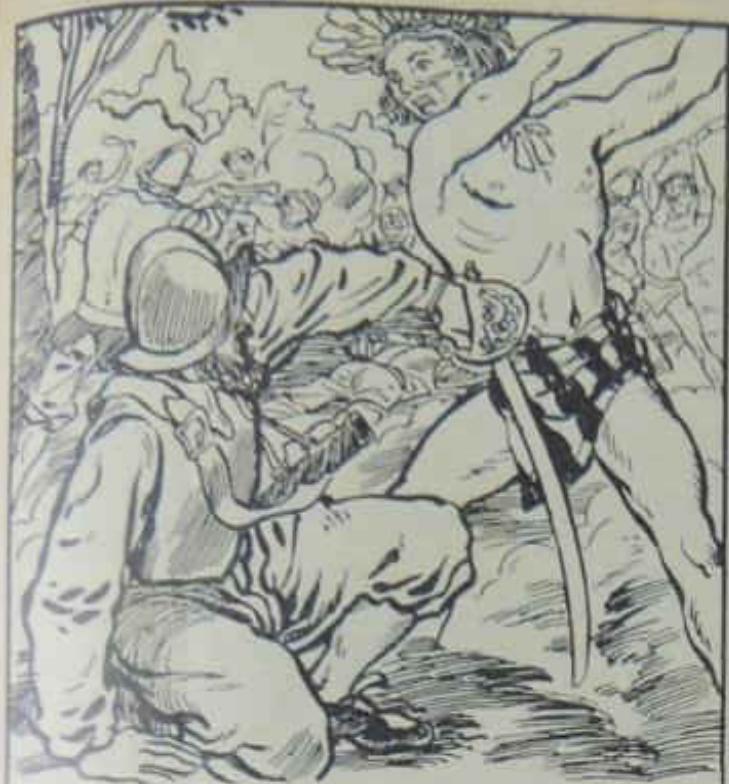
Fotos: CASA DO AMADOR

*COLABORE COM A*

# **REVISTA DO ENSINO**

*mostrando-a e recomendando-a às suas colegas.*

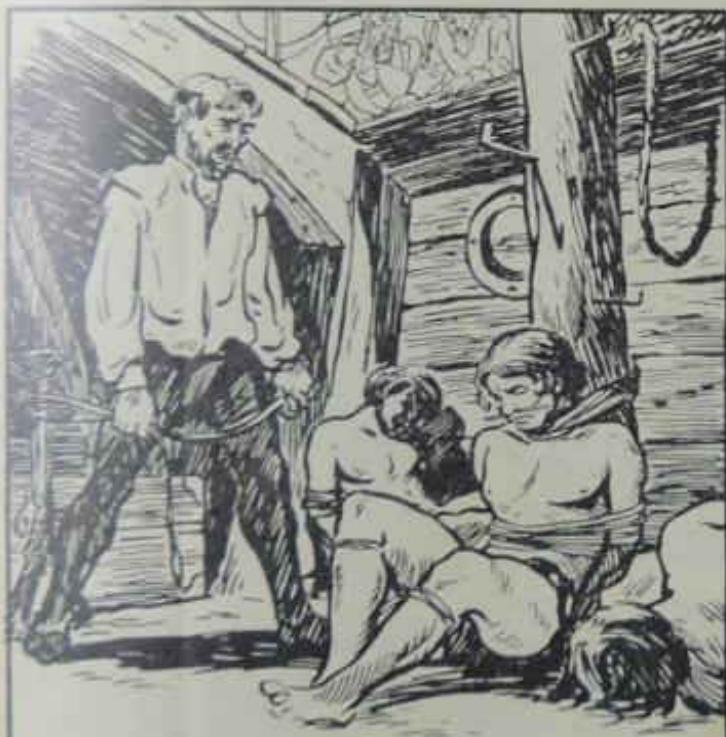
*A “SUA” Revista precisa do seu apoio  
e da sua colaboração,*



Ajuricaba não recua. Não se entrega. Oferece combate por todos os lados, onde quer que suas igarás possam navegar. Sua palavra de ordem é sempre a mesma: luta. E implacável com os covardes, os zelosistas, os traidores. O índio deserto que lhe volla as mãos é feito escravo. O cativeiro e para ele castigo pior que a morte, e a suprema vergonha para um homem.



O inimigo dos manaus, contudo, é mais forte do que eles; usa armas mais poderosas e é mestre na artimanha. Ajuricaba é pegado de surpresa numa taba, com algumas centenas de guerreiros. Em vão luta bravamente, esgotando as flechas, brandindo o tangapema. A morte de seu filho Cucunaça abate-lhe as derradeiras forças, e ele é finalmente aprisionado com seus irmãos Behari e Bejari.



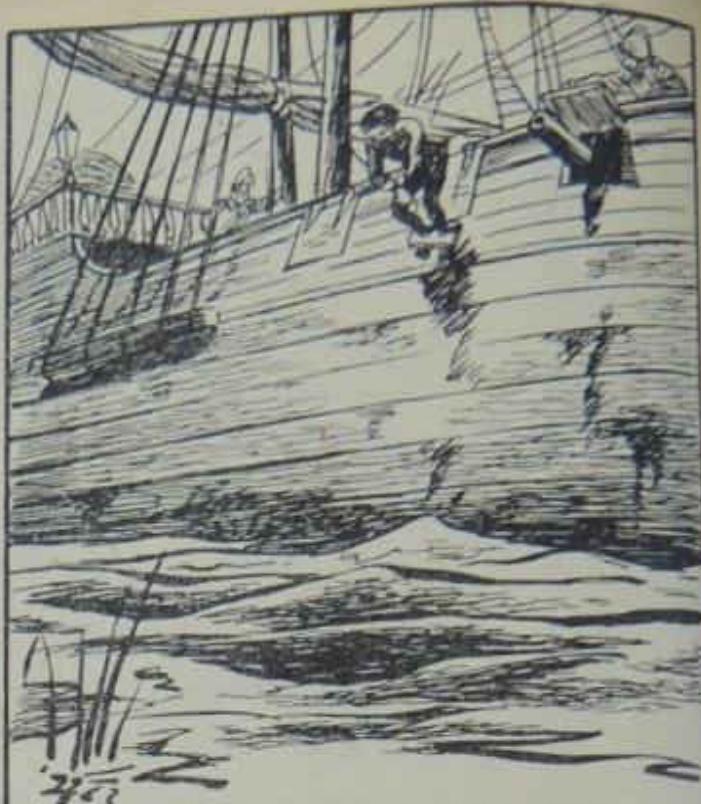
Numa igaré — navio dos brancos — Ajuricaba é acorrentado com muitos companheiros. O cativeiro é para ele negro. Mais negro que as águas do rio, para onde desce o olhar humilhado. Mais negro que o negrumo da noite, que ele passa sem fumir. Sua prisão é negra, porque Ajuricaba sabe que com ele está aprisionado o seu povo inteiro. E pelo seu povo inteiro, ele sofre.



Ajuricaba recobra o ânimo. Um bravo não sucumbe sem pelejar. Revigorando suas energias, comunicando-as a seus irmãos, agindo com a perseverança do crente, alicia-os para um motim. A frente deles, investe com arrojo. Os amotinados, porém, são fracos para triunfar das hostes vencedoras. O motim é dominado, e mais pesados grilhões aviltam agora os filhos da selva.



Nos pés, as calcetas. Nos punhos, as algemas. No pensamento, o desespero que ronda. Ajuricaba olha ao redor e só vê escravos como ele. Que é feito da sua gente? Os manaus levados de vencida, as suas plagas invadidas e tomadas. E éle ali, inerte, sem poder. De que lhe vale a vida sem liberdade? Sofrimentos, grilhetas, inação, fome — tudo rouba a Ajuricaba a coragem de ter esperança.



Uma manhã, depois de sentir pela última vez os raios do sol e de pela última vez olhar demoradamente a sua terra, Ajuricaba consegue arrastar-se com as correntes até a borda do navio e, antes que o possam impedir, atira-se ao rio. Aquelas águas, revoltas como sua alma crispada pela dor, serão a sua igacaba. Ali viveu, ali morreu Ajuricaba.



Soldado e símbolo da liberdade de um povo altivo, Ajuricaba permanece viva na memória da terra e da gente que se orgulha de ter sangue manau; a terra e a gente amazonense. Na vasta Amazônia, muitas das coisas que lembram a liberdade e a luta por ela, têm o seu nome; as aguas encachoeiradas, os barcos que as singram, as ruas que se rasgam nos povoados e nas cidades.



Ajuricaba chama os pais aos filhos que nascem para os novos combates do Amazonas. E a capital do Estado, não contente em ostentar o nome da sua estirpe — Manaus — quis manifestar num monumento a gratidão que lhe deve, e ele lá se ergue para apontar ao forasteiro o exemplo daquele que mais prezou a liberdade da vida.

# TEATRO DE BONECOS

## em nossas escolas

### TEATRINHO: SOMBRA, MARIONETES, FANTOCHES

Prof.ª MARIANINA FREDA  
Instituto de Educação, P. A.

Dentre os instrumentos auxiliares, vitalizantes do trabalho escolar, citarei, com singular relevo, o Teatro de Bonecos em seus diferentes aspectos.

Focalizaremos, aqui, apenas, três tipos desta atividade, utilizados na escola primária, consoante os interesses da criança: o Teatro de Sombra, os Marionetes e os Fantoches.

Sua origem, que é por demais conhecida, remonta a vários séculos.

Para alguns povos, como na China e na Ilha de Java, o Teatro de Sombra foi sempre uma forma popular de diversão.

Na maior parte dos países europeus, os marionetes e fantoches não considerados até hoje como parte da velha arte e das suas tradições.

No norte do Brasil, fala-se muito nos fantoches denominados "Mamoleiros", trazidos, segundo informações colhidas, para Pernambuco em 1624, quando da sua ocupação pelos holandeses.

O Teatro de Bonecos tem sido introduzido nas escolas como recurso didático, servindo para enriquecer o trabalho de novas formas pelo aproveitamento de uma atividade que é, ao mesmo tempo, sugestiva e educadora. Não é demais enaltecer-lhe o valor pelo aspecto educacional que a envolve, pois, do

mesmo passo que recreia, ensejando à criança um ambiente de alegria, procura alcançar certos valores: sociais, culturais, estéticos, etc.

#### COMO REALIZAR O TEATRO DE BONECOS EM NOSSAS CLASSESP?

##### 1.º tipo *TEATRINHO DE SOMBRA*

O Teatrinho de sombra pode ser realizado de várias maneiras.

Uma forma simples e bem conhecida, considerada como precursora do Teatro de Bonecos, são as sombras feitas com os dedos. Com o auxílio de vela ou lâmpada, os pequenos procuram reproduzir, na parede, animais, personagens, etc. Este tipo tem o seu sentido educativo, pois, empregado entre os pequenos, concorre, para desenvolver-lhes os movimentos musculares das mãos além de concorrer para melhora da linguagem vocal, visto que, através desta atividade, as crianças poderão representar diálogos curtos, espontâneos no conteúdo e na forma, recitar quadradinhos, formar frases rimadas, etc.

Outra forma do Teatro de sombra é a que se faz com o auxílio de silhuetas.

Uma caixa de madeira servirá de palco, devendo ser aberta na parte de trás e ter a frente fechada por tela de arquiteto, "voile", papel encerado ou folha de radiografia.

As crianças recortarão, em cartolina preta, silhuetas, de preferência de perfil, e, para dar-lhes maior realce, recortarão vários espaços, preenchendo-os com papel colorido.

Uma vela ou lâmpada, colocada atrás destas figuras, servirá para projetar as sombras na tela. Os pequenos, à medida que as cenas se forem desenvolvendo, contarão a história referente ao assunto.

##### 2.º tipo *MARIONETES*

Há marionetes feitos com frutas, amendoins, batatas, etc. e os de papelão ou de madeira.

Nestes últimos, os pequenos desenharam e recortam as peças do boneco, prendendo-as com cordel, tacinhas ou ilhós a fim de lhes dar maior amplitude de movimento.

As crianças que ainda não têm capacidade para fazerem estes bonecos, podem aprender a manejá-los. Elas sentem prazer em movimentá-los, contar histórias, atividades estas que devem ser trocadas entre os alunos para que todos participem de uma ou outra forma.

##### 3.º tipo *FANTOCHES*

Geralmente, os fantoches são feitos de meias ou fazendas.

Para a feitura da cabeça, é utilizado material variado: há quem use gesso e há quem empregue a



Arranje assim os dedinhos.  
Resultado: dois patinhos.



O braço, a mão, um dedinho  
Aí está outro gatinho.

fórmula mais econômica que é u'a massa feita com papel de jornal picado.

Pica-se o jornal e põe-se de molho durante 3 dias mais ou menos. Depois disso, espreme-se bem a água até formar u'a massa. Mistura-se esta massa com grude e aplica-se a mesma sobre pequenos porongos de madeira ou sobre uma bola de algodão convenientemente ajustada na extremidade de uma pequena vara, fazendo-se caras de animais e pessoas. Depois de bem secas, lixam-se e pintam-se.

Na feitura dos fantoches, não devemos empregar a nossa habilidade a ponto de dar à fisionomia traços delicados. Os traços fisionómicos são quase tipo caricatura, pois, como o nome indica, fantoche lembra uma figura grotesca.

Quanto às vestimentas, precisam ser bem folgadas, para que a criança possa introduzir a mão e manejá-los facilmente.

Para o Teatro de fantoche, há vários tipos de palco.

Pode ser um pequeno caixole, convenientemente preparado e colocado sobre u'a mesa. Pode ser utilizado também um biombo. Neste, a abertura que servirá de boca de cena, deve ficar um pouco acima da cabeça dos que vão trabalhar ali, para que não se veja quem está atrás do biombo.

Tivemos ocasião de assistir na

Escola Normal n.º 6 de Buenos Aires a várias representações com fantoches.

Contaram-nos as alunas desta Escola, pertencentes ao Curso de Formação de Professores, que, aos domingos, costumam levar o biombo que serve de palco, aos Hospitais Infantil e lá representam para os pequeninos doentes. Outras vezes, em praça pública, também os sens "fantoches mui queridos" contribuem para fins benéficos.

#### PONTOS QUE DEVEMOS ATENDER AO LEVARMOS EM NOSSAS CLASSE

##### O TEATRO DE BONECOS

Como na "Hora do Conto" introduzida nas escolas, a história que

vai ser levada pelo teatro deve ser muito bem conhecida por todos classe.

Estas histórias podem ser:

- contadas ou lidas pela professora e depois reproduzidas pelas crianças;
- contadas ou lidas pelas próprias crianças.

Para os pequenos do 1.º e 2.º anos, a forma mais aconselhada é a história contada pela professora, porque:

1.º) ela contará os fatos de forma ordenada, levando a criança ao pensamento lógico;

2.º) porque, muitas vezes, é difícil a criança situar-se dentro da história, faltando mesmo termos adequados ao narrar um conto;

3.º) porque, finalmente, as crian-



→  
Vejam como está interessado o auditório!

que gostam mais de história contada pela professora, porque esta sabe dar expressão às suas palavras, e, a vez, a mimica, o jogo fisionômico, enfim, a sua capacidade interpretativa torna a história mais viva e interessante.

O segundo ponto que devemos atender é quanto ao tipo de história que vamos usar. Sem nos deternos nesta parte, que requereria um trabalho especial, diremos, apenas, que as histórias devem ser cuidadosamente dosadas e escolhidas de acordo com os interesses da criança, os quais, como todos sabemos, variam com a idade.

Assim, consoante as fases de sua preferência, usaremos histórias adequadas, relacionadas com o seu mundo infantil, como histórias com personagens reais, animais conhecidos; histórias que falem de fada, príncipes, anões se a criança estiver na fase do período de imaginação ou período fantástico, etc.

Há, como diz Cecília Meireles em seu livro "PROBLEMAS DA LITERATURA INFANTIL" um tempo para as histórias de fadas, como há um tempo para as de aventuras, etc.

## QUAIS AS VANTAGENS DESTES TIPOS DE TEATRO?

São inúmeros os valores auferidos com esta forma de trabalho, não só do ponto de vista intelectual, como também social, emocional, sem esquecer a sua função recreativa.

Como instrumento do trabalho escolar, estes tipos de teatro propiciam atividades de várias ordens:

Oportunizam a participação da criança, conforme seus gostos, capacidades e inclinações;

Proporcionam-lhe recursos favoráveis ao desenvolvimento de sua capacidade criadora, pondo em jogo a sua imaginação vivaz e levando-a a contar ou escrever historinhas inventadas por ela ou cenas tiradas de seu pequeno mundo a fim de que sejam representadas.

A criança vive, comprehende e ama aquilo que realiza.

Nesta situação interessante e desejada, ganha ela confiança em si, vence a timidez, estabelecendo um controle emocional.

Nos fantoches, em que o trabalho é às ocultas, tanto os tímidos como os de personalidade mais definida encontram meios para pôr em exercício as suas virtualidades e pendentes naturais.

Do ponto de vista recreativo, o teatro alegra, divide, distrai, refaz o espírito, anima e educa o humor da criança.

O teatro de sombra e o de bonecos ensejam, principalmente, o aperfeiçoamento da linguagem oral, fazendo com que os alunos se expressem com naturalidade, correção e clareza.

Além disso, em salas onde as crianças já sabem ler, esta atividade concorre para incentivar o gosto pela literatura infantil, levando-as a ler histórias para poder interpretá-las através do teatro.

*Proteção segura  
para guardar o  
seu Diploma:*



## ESTÔJO DIPLOMATA

- \* Idealizado para guardar diplomas, plantas, títulos, patentes e documentos semelhantes, o ESTÔJO DIPLOMATA, herméticamente fechado, oferece proteção segura contra a ação do tempo e das traças.
- \* Fabricado em matéria plástica resistente, em seções de 15 cm. de comprimento, que se ajustam pelo sistema de riscos.
- \* Pode ser obtido nas cores rosa, azul claro, vermelho ou marfim, no preço de Cr\$ 24,00 cada seção de 15 centímetros, e mais Cr\$ 6,00 pelo jogo de tampos.



Atendemos pedidos pelo reembolso postal

**LIVRARIA DO GLOBO S. A.**

Motriz: Rua dos Andradas, 1416 — Porto Alegre  
Filiais em Pelotas, Santa Maria e Rio Grande



Por ser o veículo do pensamento, resguarda-se à linguagem oral o papel mais importante no currículo de nossos cursos de adultos.

Expressar o pensamento por meio da palavra é uma necessidade básica da vida de todo o dia.

A experiência tem confirmado que os alunos do Curso Supletivo, geralmente, apresentam grande dificuldade para exprimir suas idéias, respondendo ou falando sem espontaneidade. Chega o adulto à escola portador de um vocabulário restrito, muito pitoresco, evitado de imperfeições, oriundas do meio em que vive. Para conseguir que se habite a dominar esta linguagem, usando de uma expressão correta, bela e conveniente, é necessário uma prática intensiva e constante.

O professor deve aproveitar todas as ocasiões em que esteja em contato com o aluno, como a vida na classe, os momentos de folga, os passeios instrutivos, etc., para fazê-los falar, freqüentemente, de modo correto e preciso. O mestre deverá vigiar, guiar e defender a linguagem falada, aproveitando as oportunidades reais, quando o aluno pede, reclama, explica, transmite, comunica, etc., e com benevolência, atenção e amabilidade promover a correção das inúmeras imperfeições linguísticas dos alunos.

As conversas ou palestras, além de facilitar a adaptação do adulto à escola, constituem ótimos exercícios, de tipo informal, para a melhoria da linguagem falada. Devem possuir um motivo definido, extraído sempre, de preferência dentre os assuntos relacionados com as diversas disciplinas do ano de estudo.

São as gravuras um bom instrumento para promover a expressão oral dos alunos. Escolhidas com critério ajustado, devem atender aos interesses dos adultos e devem também, resistir à crítica quanto a seus aspectos de beleza e de moral. O uso de gravuras, como material didático, exige do professor o conhecimento prévio do conteúdo da mesma. Se apresentar um fato completo, fácil se torna à leitura e interpretação do adulto; se apresentar apenas uma parte do fato, menos personagens e mais situações e atitudes, que impliquem em interpretação, presta-se, como à primeira, ao desenvolvimento da lógica, mas, com mais propriedade, para dar maior amplitude à imaginação.

A discussão e o relato de experiências são outros meios pelo qual o adulto pode adquirir conhecimentos e precisar conceitos, que o levem a cuidar a linguagem falada;

EDY FLORES CABRAL

Auxiliar-técnico do C. P. O. E.  
da Secretaria de Educação, R. G. S.

não estarão sujeitos a horário, podendo se apresentar através das diversas atividades que o adulto realiza na escola.

Os jornais, as revistas, os folhetos, sempre que publicarem assuntos relacionados diretamente ou indiretamente com as matérias do programa, devem ser usados em aula para motivarem comentários, discussões, diálogos, onde o adulto estará exercitando a linguagem oral e onde o professor encontrará abundante material linguístico para o trabalho de correção, assim como oportunidade para interessantes observações psicológicas.

Os comentários tecidos em torno de acontecimentos da vida real, de notícias ou experiências, devem ter caráter construtivo e serem norteados com sensatez e prudência, para formar no educando o hábito de encarar os fatos da vida com compreensão humana e não com maledicência determinada.

Quanto às histórias começadas, para o aluno terminar, a princípio o professor contará a história até o meio, mais ou menos, após o que passará a palavra a um aluno. Em exercícios ulteriores, bastará iniciar a narração, cabendo ao aluno continuá-la.

A invenção de histórias é excelente exercício para habituar o adulto a se expressar e discorrer com rapidez e desembaraço. Um aluno pode começar a contar a história, outro continua, segue outro, até darm um fim à mesma, como no jogo de disparate.

Esta prática também fornecerá ao professor abundante material para averiguação da estrutura psicológica de cada aluno.

## CURSO "RENASCENÇA"

Leciona-se o curso completo de Corte e Costura (Modista) —  
Aulas diurnas e noturnas — Mensalidades mínimas — Conferem-se  
Diplomas com as regalias da lei.

RUA MAL. FLORIANO, 275 — 2.º Andar — SALAS, 22/24

PORTE ALEGRE — Rio G. do Sul

A poesia desperta na alma do adulto, tóda a capacidade emotiva que possui. Deve ser apresentada à classe em linguagem simples, ser curta e artística, para promover ou desenvolver o bom gôsto e o senso de crítica.

Os alunos deverão se habituar a usarem da palavra em público, em momentos de emoção coletiva. Estas saudações, improvisadas ou não, devem ser curtas, ditas com espontaneidade, feitas com simplicidade e bom gôsto e refletirem sentimentos sinceros.

Para corrigir os erros de linguagem oral deve haver muita habilidade e inteligência da parte do professor, para que não fira o amor próprio do adulto, tornando-o centro das atenções. Após a observação cuidadosa e a seleção dos erros mais freqüentes o professor organizará exercícios de correção ou um concurso de boa linguagem, ou outro artifício neste estilo, para atender às falhas, cujas correções forem de maior urgência.

Nunca se deve interromper um adulto para corrigi-lo. Espere o professor que o aluno acabe de exprimir o que pensou, para só depois fazer a correção, com prudência e tato. Esta pode ser feita com um breve comentário do professor, onde são salientados os pontos fortes e fracos da narração e corrigidos vícios mais comuns como "ai", "então", "depois", "foi", etc.

A personalidade do professor e o ambiente escolar criado ao redor do aluno adulto devem influenciar benéfica e construtivamente na aprendizagem da linguagem — este como estímulo à expressão e aquêle como modelo vivo do bem falar.

A campanha de melhoria da linguagem falada deve ser intensa e continuada, devendo o professor motivar a classe, para que se estenda ao lar e às vizinhanças do mesmo o influxo benéfico da linguagem cuidadosa.

*Relação com os erros de prosódia, mais comuns, a corrigir nos Cursos Supletivos:*

- Supressão da vogal (prá por para).
- Condensação do ditongo (trusse por trouxe).
- Não pronunciar o i do ditongo ei, ia, ióz (malho — muiéga — demonho).
- Não pronunciar o u do ditongo ou (pôco por pouco).
- Adição de vogais (adevogado — abisolutamente).
- Troca de vogais.
- Transposição de vogais.
- Supressão de consoantes (mêmbo).
- Não pronunciar o r e o s finais (fazê por fazer).
- Transposição de consoantes (perciso — preguntar).
- Troca de consoantes (perca por perda).
- Trocá o l pelo r ou pelo s (animar por animal — mil por mil).
- Erro na prosódia de certas consoantes (secho por sexo).
- Adição de consoantes (malerião por mácriação).
- Erros de concordância.
- Erros de colocação de pronome ou tratamento.
- Expressões pleonásticas (subir para cima).
- Erro do comparativo (mais maior — mais grande).
- Preposição ou regência (ir na escola).
- Outras expressões (de maneira tal).
- Término de gíria.

*AOS PAIS*

*Ex-Dínia Pachá*

(*Para divulgação entre os pais que cursam Escolas de Adultos*)

**DIREITOS DA CRIANÇA BRASILEIRA**  
(*Publicação do Departamento Nacional da Criança*)

A tóda criança nascida ou residente no Brasil, reconhecemos os seguintes direitos, empenhando-nos, cada um na medida de suas forças, por proporcioná-los sobretudo aqueles a quem a má sorte feriu ou deixou ao desamparo:

- Ser atendida desde o seio materno e nascer bem, evitados, o quanto possível, os riscos de morte, doença ou deformidade.
- Ser criada sob o carinho maternal e no ambiente da família ou, na falta deste, num que se lhe aproxime o mais possível.
- Nunca sofrer fome ou penar por insuficiência de elementos nutritivos indispensáveis.
- Receber os princípios de educação que a preparem para a vida e lhe permitam tomar consciência do seu próprio destino.
- Receber assistência médica e higiênica que lhe evite riscos de doenças e de morte.
- Jamais ficar abandonada à sua própria sorte, sem amparo material, social e moral, eficiente e carinhoso.
- Não ser menosprezada por motivos de família, ilegitimidade, pobreza, raça, religião, deformidade física ou mental.



## FILATELIA

Mais de uma vez temos dito e provado ser o selo postal veículo de primeira grandeza para difundir conhecimentos, portanto, precioso elemento pedagógico.

Com a mesma finalidade, aqui estamos, valendo-nos de seis belos selos, não há muito emitidos pela França em homenagem a seis de suas celebridades do século XIX.

Deles passeremos a nos ocupar, dizendo em síntese o que representam estes vultos da história da França, fixados na filatelia.

**ALFRED de MUSSET**, que serviu de motivo para o primeiro selo, nasceu em Paris no dia 11 de dezembro de 1810.

Depois de tentar várias carreiras tais como direito, medicina, comércio e pintura, dedicou-se às letras, abraçando com ardor a escola romântica.

Aos 20 anos, publicou seu primeiro trabalho "Poesies Diverses", que bem revelou seu talento. A partir de 1831 até 1852 publicou ótimos trabalhos tais como: "Un caprice", "Il ne faut jurer de rien", "Il faut qu'une porte soit ouverte ou fermée", "Le Chandelier", "Les caprices de Marine", "Confession d'un enfant du siècle" (romance que dizem ser inspirado em sua própria vida), "Les nuits", "Lettres à Lamartine", "On ne badine pas avec l'amour", "Fantasio", "Contes", "Histoire d'un merle blanc", "Espoir en Dieu", "Discours de réception à l'Académie" e muitos outros.

O talentoso poeta, misto de lirismo, ironia, materialidade, ceticismo e frivolidade tinha seu espírito perturbado por paixões que lhe produziam inquiétude.

Em 1852 foi admitido na Academia Francesa e nomeado pelo governo imperial, bibliotecário do Ministério da Instrução Pública.

## GRANDES VULTOS DO SÉCULO XIX DA FRANÇA, NA FILATELIA

DR. BENJAMIM C. CAMOZATO  
Presidente da Sociedade Filatélica, R. G. S.

Teve uma vida muito desregrada, principalmente a partir de seus 29 anos, época em que tentou suicidarse. Faleceu aos 47 anos, a 2 de maio de 1857, sendo suas últimas palavras: "Dormir, enfim, je vais dormir".

**EUGÈNE DELACROIX** nasceu em 26 de novembro de 1798 em Charenton — St. Maurice, falecendo aos 65 anos, em Paris, no dia 13 de agosto de 1863, em sua residência e atelier, na casa nº 6 da Rue de Furstemberg, transformada em Museu com seu nome.

Fêz sólidos estudos, muito interessando-se pela música; aos 17 anos, deu-se à sua vocação pela pintura.

Em 1822, portanto aos 24 anos, concorreu ao prêmio de Roma, sendo classificado em último lugar.

O inicial insucesso, ao invés de desanimá-lo, o encorajou; trabalhando com mais ardor, conseguia em breve tempo reabilitar-se, através de seus trabalhos "Dante e Virgílio", "Massacre de Scio" e "Sardanapale".

Abandonando a tradição acadêmica de seu grande mestre que foi Guérin, produziu centenas de trabalhos enaltecidos por uns e criticados por outros.

Vitorioso, tornou-se o pintor mais vigoroso e considerado da época e chefe da escola romântica, abrindo-lhe o Instituto suas portas em 1857, quando fim da sua vida.

Foi um brilhante colorista e profundo pintor de história.

Ao lado de suas telas, que se contam por centenas, alcançando atualmente quantias fabulosas, admiramos suas maravilhosas pinturas decorativas da Câmara dos Deputados, do Palácio do Senado, do teatro da Galeria Apolo do Louvre, em Paris, a um só número de preciosos trabalhos em várias igrejas.

GAY-LUSSAC, filho do rei Joseph Louis Gay-Lussac, nasceu em St. Léonard a 6 de dezembro de 1778.

Matriculando-se na Escola Politécnica, foi distinguido e auxiliado em 1800 pelo célebre químico Bertholet.

Seu primeiro trabalho foi em 1802 sobre a lei da dilatação dos gases à qual foi dado seu nome.

São lhe devidas inúmeras descobertas na química e na física, fabricando élé mesmo seus aparelhos.

Pondo sempre em risco a vida pela glória, em 1804, fez duas importantes ascensões aerostáticas elevando-se a 7.000 metros, colhendo importantes observações físicas. Em 1808, por meio da pilha galvânica, fez importantes pesquisas sobre a potassa, o sódio e o bôrto.

Em 1811 publicou em dois volumes o resultado de seus trabalhos sob o título "Recherches physico-chimiques" que enfeixa suas importantes descobertas, trabalhos de pesquisas, análises e realizações que tanto contribuiram para o progresso da ciência.

Aos 28 anos, teve a glória de ter sido recebido na Academia de Ciências. Foi nomeado professor de química na Escola Politécnica. Deputado em 1831 e, em 1839, nomeado par de França.

Apesar de seu grande valor era muito modesto, simples e desinteressado, qualidades que deram margem a que muitos se prevalecessem delas, apossando-se de vários de seus trabalhos.

Tal era o amor que tinha pelos seus estudos que, um dia, vendo uma costureira de roupas brancas com uma obra de química na mão, com a costureira casou!

Este sábio que tanto contribuiu para o progresso da ciência, faleceu, em Paris, aos 72 anos, em 1850.

ROBERT SURCOUF, famoso corsário, de origem irlandesa, nasceu em St. Malo a 12 de dezembro de 1773, começando sua aventureira carreira de marinheiro ainda na infância, pois, com apenas 13 anos, embarcou num vapor de carga, rumando para as Indias. Aos 17 anos já era tenente, navegando pelo Oceano Índico e, aos 21, comandava o navio "La Crémole".

A guerra contra a Inglaterra o pôs completamente à vontade, tornando-se o inimigo número um da marinha inglesa.

Em 1795 comandando o navio armado "Emilie" capturou vários navios ingleses, coroando suas façanhas com a entrada em águas de Bengala, aprisionando o navio "Triton" armado com 26 canhões.

Em 1805 deu-lhe Napoleão o título de barão, oferecendo-lhe duas fragatas que não aceitou, preferindo continuar seu método de guerra corsária, a bordo do "Revenant", até a Restauração.

Com a queda de Napoleão, retirou-se de suas atividades o famoso corsário, verdadeiro terror do comércio inglês, falecendo aos 45 anos, em 1827.

TALLEYRAND-PÉRIGORD, personagem que teve uma vida acidentada e cheia de grandes aventuras, descendendo de uma das mais ilustres e antigas famílias, já nasceu Duque, no dia 2 de fevereiro de 1754, em Paris.

Por ser espanga, seu tio Cardeal Arcebispo de Reims o fez seguir a carreira eclesiástica, sendo ordenado aos 25 anos. A revolução foi encontrá-lo como bispo de Autun. Partidário de todos os partidos. Foi celebrante da missa de 14 de julho de 1790 no Campo de Marte, em Paris. Unindo-se a Mirabeau adotou os princípios da Revolução. Foi eleito membro da Assembleia Constituinte e, consequente a seus atos, foi excomungado pelo Papa.

Partindo para Londres e sendo acusado pelo partido de Robespierre e expulso pela Inglaterra, transferiu-se para a América do Norte, onde fez fortuna.

Dando-lhe a Convenção a prescrição, regressa a Paris, trazendo consigo uma mulher com a qual casou mais tarde, após levantada sua excomunhão.

Sua vida política em continuação foi a mais agitada, sendo até considerado o primeiro diplomata de seu tempo, pois era dotado de uma privilegiada inteligência. Foi Ministro de Luiz XVIII, par de França e embaixador na Inglaterra, tendo conseguido fazer a aliança da Inglaterra e França.

Dizem que não foi honesto.

Napoleão que o prescreveu por ser traidor, diz em seu "Memorial" estar "cansado das suas agiotagens e sujeiras".

Aos 84 anos, faleceu em 17 de maio de 1838, em Paris, este personagem que teve uma longa e tormentosa vida.

Renomada revista francesa, comentando esta homenagem pelo sélo, assim se refere ao célebre Duque Talleyrand-Périgord: "Tel est le sinistre personnage que le Ministère des Postes a sacré grand Français".

NAPOLEÃO I<sup>o</sup> é o último sélo da série.

Por ser uma figura histórica de sobejó conhecida e que a tantos tem apaixonado, nos esquivamos de comentá-lo, limitando-nos apenas a dizer que Napoleão I<sup>o</sup>, que pela primeira vez, com justiça, figura num sélo da França, nasceu em Ajacio, capital da ilha de Córsega, no dia 15 de agosto de 1769 e faleceu em 5 de maio de 1821, em Santa Helena, repousando seus restos, desde 1840, em suntuoso sarcófago, no "Dôme des Invalides", um dos mais imponentes e majestosos monumentos de Paris.

Na cornija da entrada da cripta estão gravadas as seguintes e muito significativas palavras: "Je désire que mes cendres reposent sur les bords de la Seine au milieu de ce peuple français que j'ai tant aimé".



ELOAH M. BINA

Adjunta da cadeira de português no Instituto de  
Educação, P. A. — Diretora do Instituto Piratini, P. A.

## CONCORDÂNCIA VERBAL

Retornamos hoje ao nosso trabalho e estudaremos a concordância do predicado com o sujeito de maneira que sirva para os alunos da 3.<sup>a</sup> série ginásial.

Em primeiro lugar faremos observar que o predicado depende do seu sujeito, variando de acordo com ele em número e pessoa. Daí darmos a *regra geral*: "O predicado concorda com seu sujeito simples (claro ou oculto) em número e pessoa".

**Ex.:** Eu estudo por prazer. Ontem chegamos cedo. As estrelas brilham com mais intensidade durante a noite.

Já que iniciamos o estudo com a apresentação do sujeito simples, continuemos com ele. Partamos de um exemplo:

"Estas são as meninas que dançaram ontem".  
"Fomos nós que relatamos o acidente".

No primeiro exemplo o sujeito de "dançaram" é o pronome relativo *que*; é um sujeito simples. No segundo, o sujeito de "relatamos" é também um pronome relativo *que*.

Fazemos observar que o predicado cujo sujeito é o pronome relativo *que* vai concordar com o antecedente *déle*, visto o pronome relativo *que* não possuir nem pessoa nem número próprios. Os alunos poderão, pois, enunciar a regra:

"Quando o pronome relativo *que* figura como sujeito a concordância do predicado é feita com o antecedente *déle*".

Fato diverso se dá quando o sujeito é o pronome relativo *quem*, pois, este é sempre da 3.<sup>a</sup> pessoa do singular. Assim diremos que "quando o sujeito é o pronome relativo *quem* com ele próprio se faz a concordância".

**Ex.:** Fomos nós *quem* relatou o acidente.

**Ex.:** Eu, o Silêncio e a Solidão éramos *quem* estavam ali. (Herculano).

"O sujeito sendo um coletivo leva o predicado à terceira pessoa".

**Ex.:** O rebanho já chegou. Todos os enxames foram retirados.

Passemos agora a estudar a concordância do predicado que tem sujeito composto.

**Ex.:** Maria e eu saímos cedo. Tu e *ele* pediste o mesmo livro. Eu, tu e *ela* faremos parte do côrdo.

Vemos que o sujeito composto leva o verbo para o plural; mas a pessoa é escolhida entre o elemento que tem prioridade. Assim o pronome pessoal de 1.<sup>a</sup> pessoa tem prioridade sobre os de 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>; e o de 2.<sup>a</sup> sobre o de 3.<sup>a</sup>. Entretanto, essa regra deve ser observada inteiramente sempre que o sujeito estiver colocado antes do verbo, porque, em caso contrário, podemos fazer a concordância com o conjunto ou com o elemento mais próximo ao predicado. Por ex.:

An Rio irei eu e meu irmão.

Convém lembrar que aqui aparecem várias exceções que deixaremos para outro exercício, porque ultrapassam ao estudo de alunos da 3.<sup>a</sup> série.

Vejamos ainda que o sujeito composto constituído de elementos sinônimos ou de elementos que exprimem graduação devem deixar o verbo no singular.

Diremos, pois:

"A vozeria, o estrépido da multidão fê-lo estremecer".

"Uma aldeia, uma vila, uma cidade não foi retomada do inimigo..."

Caso análogo se observa quando os elementos do sujeito composto se referem à mesma pessoa.

**Ex.:** "Esse empregado modesto, esse homem obscuro deixou grande fortuna!"?

"O verbo ainda fica no singular quando o seu sujeito composto é constituído de orações".

**Ex.:** Foi notado que tua irmã não compareceu e que seu noivo não havia viajado naquele dia.

Observamos o caso do sujeito constituído por um pronome indefinido que vem desenvolvido por vários apóstros. Nesse caso o predicado concorda com o indefinido.

**Ex.:** Minha irmã, Maria e eu, ninguém conseguiu entrar no cinema.

Faremos o verbo concordar com a expressão *cada qual*, embora desenvolvida por apóstrofo, se ela estiver antes do verbo.

Por, ex.: Pai e filho, cada qual seguia o seu caminho,

Aconselha-se fazer a concordância com o fundamental, mesmo quando ele estiver oculto. Por ex.: Dizem que os cariocas somos dados a jardins públicos (M. Assis).

Exercício: Justificar o número e a pessoa do verbo.

- 1) Um rumor, um ruído, um barulho ouviu-se...
- 2) Tu e eu propusemos uma partida de tênis.
- 3) Nossas irmãs, minha avó, tu e Maria vistes papai logo após sua chegada.
- 4) Os móveis, o dinheiro, as mercadorias, tudo se perdeu, nada se salvou.
- 5) Sou eu que pago o pato, e foste tu quem fez as travessuras.
- 6) Os livros, as revistas, os dicionários, tudo foi roubado.
- 7) Maria e tu acreditareis que eu digo a verdade, pois fui eu quem presenciou o fato. Essa filha extremosa, essa aluna exemplar recompensará largamente os nossos sacrifícios.
- 8) Fomos nós que servimos de testemunha. Fomos nós quem serviu de testemunha. Tu e Maria acompanhastes papai?
- 9) Alice e eu lhe fizemos companhia.
- 10) Um cruzeiro, um centavo, um real não chegou à minha mão, porque foste tu que impediste que o mensageiro e seu auxiliar cumprissem sua missão.
- 11) Fomos nós quem disse que este romancista, este poeta, este escritor brasileiro vivem no Rio, pois sua obra e sua vida assim o confirmam.



## BILHETES A UMA EDUCADORA

Dr. GILBERTO GARCIA BASTOS

*Minha amiga:*

*Contemplo a sua classe e vejo a péssima distribuição que faz dos alunos.*

*Por que, sendo uma classe mista, faz a separação dos sexos, estabelecendo uma divisão entre meninos e meninas? Acha você que consegue assim melhor aproveitamento e mais ordem? Há outro motivo que o obrigou a proceder assim?*

*A aproximação das meninas e dos meninos desde a infância é uma necessidade biológica para a vida futura. Não pense retrogradamente, pense que muitos conflitos taxados vulgarmente de "timidez", na aproximação do homem pela mulher e da mulher pelo homem, poderiam ter sido melhorados no convívio diário, na camaradagem escolar. O homem nasceu para viver em sociedade, para fazer amigos e amigas. E é a escola o primeiro contato livre e espontâneo de eleição do amigo ou da amiga. No lar há a imposição dos pais para a escolha dos companheiros, mas é na escola que nasce na criança o primeiro contato independente dentro do mesmo sexo ou dentro do sexo oposto.*

*Não imponha, nem marque posições; deixe o aluno decidir onde quer sentar nas primeiras aulas. Após um mês de observação faça um rodízio de lugares; mas um rodízio total. Verá que o nível de aproveitamento sofrerá oscilações quase sempre para melhor. Não ponha nenhum aluno em situação de evidência diante da classe, por distinção ou por castigo; não estabeleça classes dentro da própria classe. O prêmio à um aluno ou a vários, não atesta eficiência da professora, porque o que caracteriza o progresso de uma classe são as aprovações e nunca os prêmios. O castigo é uma punição que deve ser proscrita por toda a boa educadora. As faltas, as indisciplinas devem ser interpretadas mas nunca punidas.*

*Não se sensibilize, nem se deixe arrebatado pelo carinho que lhe dispensam certas crianças, dando-lhes preferências e demonstrando-lhes o seu agrado por tais manifestações. Lembre-se que poderá ferir suscetibilidades. Há crianças que sabem agradar mas não são realmente sinceras; outras são realmente sinceras mas não sabem agradar.*

*Procure não levar a sua necessidade de afeto para as aulas.*

*Não particularize, dé-se igualmente a todos; use de neutralidade afetiva nas suas expansões. Fuça com que todos sejam camaradas entre si e terá a camaradagem de todos.*

*Até breve.*

Rio — Agosto de 52



## Colaborador!

O APARECIMENTO REGULAR DA REVISTA DO ENSINO ESTÁ ESTREITAMENTE LIGADO A ENTREGA REGULAR DE SUA COLABORAÇÃO!  
SEJA UM COLABORADOR EXEMPLAR, SENDO SEMPRE O PRIMEIRO A ENTREGAR SEU TRABALHO!

# Leque executado com lâminas de madeira compensada

HONORINA G. CAUDURO MASSOLA  
Orientadora Especializada em  
Desenho e Artes Aplicadas

Os leques de madeira compensada são executados do seguinte modo: recortam-se 14 varetas, sobre o fio da madeira; depois de curvadas e convenientemente limadas, colocam-se 12 delas dentro de um recipiente com água, pelo espaço de uma hora, mais ou menos. Quando a cola localizada entre as três lâminas da madeira estiver suficientemente amolecida, destacam-se as duas lâminas laterais de cada vareta, cuidadosamente, com uma lâmina grite. Feito isto, traz-se o excesso da colis que se tinha ficado entre as mesmas, com agua limpa. Em seguida, sendo secadas com um pano e dispostas sobre uma mesa lisa, de preferência mármore, entre folhas de papel fininho. Com livros ou outros objetos pesados sobre as mesmas, evita-se o seu envergamento. Depois de seca as lâminas serão limadas novamente; esta é a operação mais importante — a apresentação do leque ficará mais perfeita quanto mais lisadas forem as varetas.

A fim de oferecerem maior resistência, as duas lâminas laterais (extremos do leque) não devem ser submetidas à ação da água.

Portanto, é indispensável, para se tornarem mais leves, que sejam bem lisadas e os todos todos arredondados.

Para encerar a madeira, poderá ser usado o seguinte processo: uns recipientes compostos, um com álcool, puro e outro com uma pitada de anilina solúvel em álcool, dissolvida nesse mesmo líquido.

Introduz-se a madeira, primeiramente no recipiente com álcool para ressalvar que ela fique toda coberta por ele) e em seguida, na anilina.

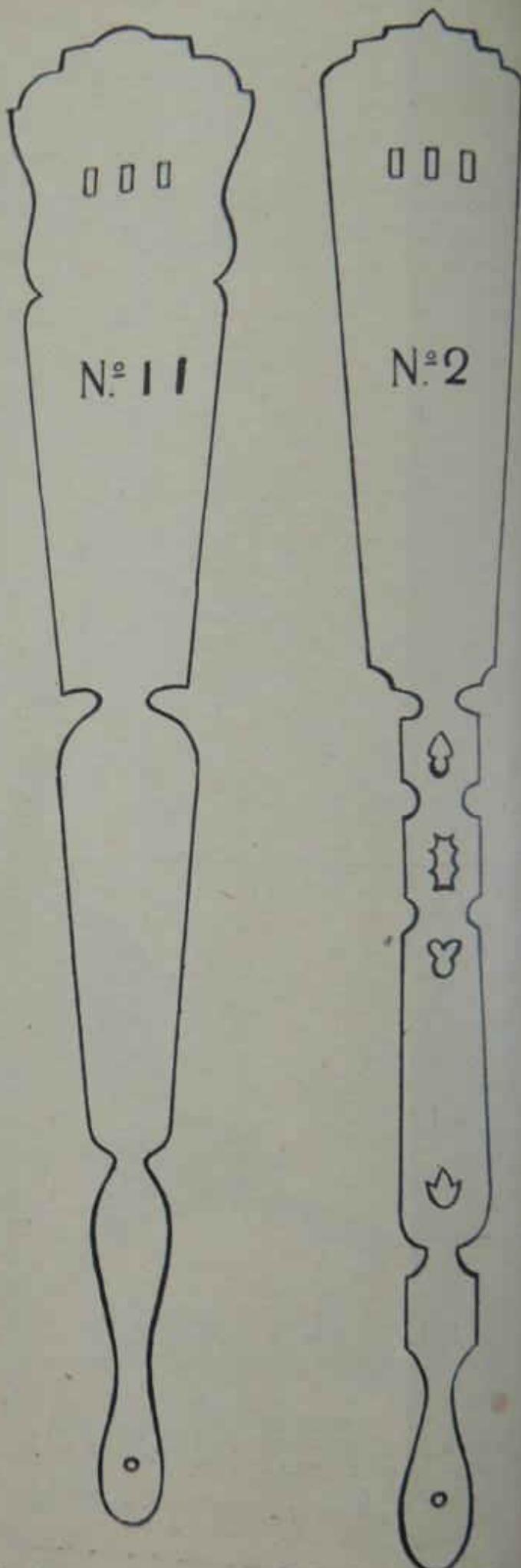
Quando as varetas estiverem secas, passa-se em cada uma delas uma leve camada de verniz.

Então assim o leque pronto para ser armado. Passa-se uma fita numosa entre os 2 espaços abertos na parte superior de cada vareta, os orifícios situados na parte inferior das varetas devem ser atravessados por um pino de metal, fixado por rebite.

Depois do leque armado, far-se a decoração.

No leque, aqui exposto, foi usada tinta esmalte, com ótimos resultados.

De mesma modo, foram executados os maresadores de livros.



# Orientação e Ensino

Esta seção é destinada à difusão de trabalhos realizados em nossas escolas, dentro do planejamento previsto no setor de orientação do ensino.

Levando em conta a importância da divulgação dos planos de aula e das atividades realizadas em classe, pelo professor, apelamos para que vijam enviadas colaborações nesse sentido à

**REVISTA DO ENSINO**  
Seção de Orientação e Ensino.  
Caixa Postal N.º 1520  
PORTO ALEGRE

## UM ESQUEMA PARA A ORGANIZAÇÃO DE PLANOS DE AULA

Há dia já não se discute mais o valor dos planos de aula.

Para maior eficiência dos trabalhos escolares torna-se necessário que o professor planeje suas atividades.

"Ser inflexível nem rígido, o plano de trabalho do professor deve representar uma síntese de idéias, um traçado de atividades docentes, um resumo da de trabalho, capaz de despertar interesses, avivar iniciativas, já que na educação, deve ser o aluno o principal agente de sua aprendizagem cabendo ao professor estimulá-lo e guiá-lo, dirigindo convenientemente suas atividades".

Este estímulo constitui, muitas vezes, a reafirmação e sistematização das idéias e iniciativas do professor.

— Qual o professor que não tem um objetivo ao ensinar seus alunos?

— Qual o professor que não organiza uma série de atividades para desenvolvimento do programa?

— Qual o professor que não verifica os conhecimentos dos alunos através de testes ou questionários?

Um plano nada mais é que:

- uma determinação de objetivos,
- uma previsão de atividades,
- uma verificação do trabalho.

Por força destas circunstâncias, acaba o professor

Setembro de 1952

CECY CORDEIRO THOFEHRN  
Orientadora de educação primária  
do C. P. O. E. R. G. S.

Deve então o professor registrar e documentar a sistematização de sua atividade docente, segundo um esquema.

De que maneira?

Conforme dissemos acima o plano de aula deve constar de:

### I. OBJETIVOS

#### a) do professor:

Aquisição de conhecimentos:

Parte do programa a ser revisado e desenvolvido.

Formação de hábitos e atitudes.

Desenvolvimento de aptidões e habilidades.

#### b) do aluno:

Realizar atividades ligadas a seus interesses;

Organização de coleções. Execução de pequenos projetos. Realização de trabalhos especiais. Correspondência. Excursões. Atividades sociais. Competições. Organização de álbuns, frisos, etc.

### II. SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM OU ATIVIDADES PREVISTAS:

#### a) Atividades de informação:

Observações, Inqueritos, Entrevistas, Investigações, Pesquisas, Leituras informativas, etc.

#### b) Atividades de aplicação:

Aplicação de conhecimentos já adquiridos. Localização de acidentes geográficos. Traçado de mapas. Exercícios variados. Composições. Desenhos, trabalhos manuais, jogos, etc.

#### c) Atividades de fixação:

Exercícios variados, semelhantes aos de aplicação e em número suficiente para a fixação dos conhecimentos de acordo com as necessidades da classe.

### III. VERIFICAÇÃO

Testes, questionários, questões objetivas, etc.

## UNIDADE DE TRABALHO

# SEMANA DA PÁTRIA

Prof.ª MARIA DE LOURDES B. MEDINA  
Instituto de Educação, P. A.

Classe: 5.º Ano

### I — OBJETIVOS:

#### A — Gerais:

- a) Despertar o sentimento de amor à Pátria;
- b) conduzir ao desejo de participar, de cooperar para o progresso e a grandeza da Pátria.

#### B — Do professor:

- a) Levar a criança a compreender a significação da Semana da Pátria;
- b) conduzir a compreensão do verdadeiro patriotismo;
- c) estimular a prática de atitudes que demonstrem verdadeiro patriotismo;
- d) guiar ao conhecimento da evolução de nossa Terra e dos fatos que influíram nessa evolução, estabelecendo um paralelo entre o Brasil de hoje e o Brasil do passado;
- e) valorizar o trabalho nos diversos setores e demonstrar que o esforço de cada brasileiro é indispensável para o progresso de nossa civilização;
- f) despertar a consciência do cumprimento do dever.

#### C — Do aluno:

- a) Fazer um filme que constituirá a homenagem da classe à Pátria.

### II — ORIGEM DO TRABALHO:

Sendo feito um convite à classe, pela professora de educação física, para iniciar os ensaios de marcha e formatura, em grupo de alunos lançou o problema inicial: "QUE VAMOS FAZER EM AULA PARA COMEMORAR A SEMANA DA PÁTRIA?".

### III — RECURSOS PARA MOTIVAR:

Palestras, Leituras de trechos e historietas.

### IV — PROBLEMAS:

- "Que vamos fazer para comemorar a Semana da Pátria?"
- Que é a Semana da Pátria?
- Que significação tem para nós esse festejo?
- Que é patriotismo?
- Como podemos provar que somos patriotas?
- (muitos outros poderão surgir).

### V — SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM:

O objetivo específico dessa unidade de trabalho será desenvolver, ampliar e fixar os conhecimentos da História Nacional, os diferentes fatos que trouxeram como consequências a evolução, o progresso e as causas que os determinaram, onde se passaram, etc.

#### Matérias ligadas ao trabalho:

**História:** — Estudo dos fatos principais da Pátria brasileira com suas causas e efeitos.

O Brasil de hoje e o Brasil do passado. O Brasil colônial de Portugal e o Brasil nação livre. A Independência. (Forças do passado que se transformaram no progresso atual; forças presentes que poderão constituir a glória do Brasil de amanhã).

**Geografia:** — Localização dos fatos históricos.

Condições do Brasil de hoje; seu desenvolvimento em todos os setores: cidades, terras e seu aproveitamento; a lavoura brasileira e produções de cada região, fontes de riquezas etc.; suas possibilidades futuras.

**Linguagem:** — Desenvolvimento da competição.

Aumento de vocabulário.

**Civismo:** — Patriotismo. Amor e respeito à Pátria.

Direitos e deveres do cidadão.

Respeito aos semelhantes.

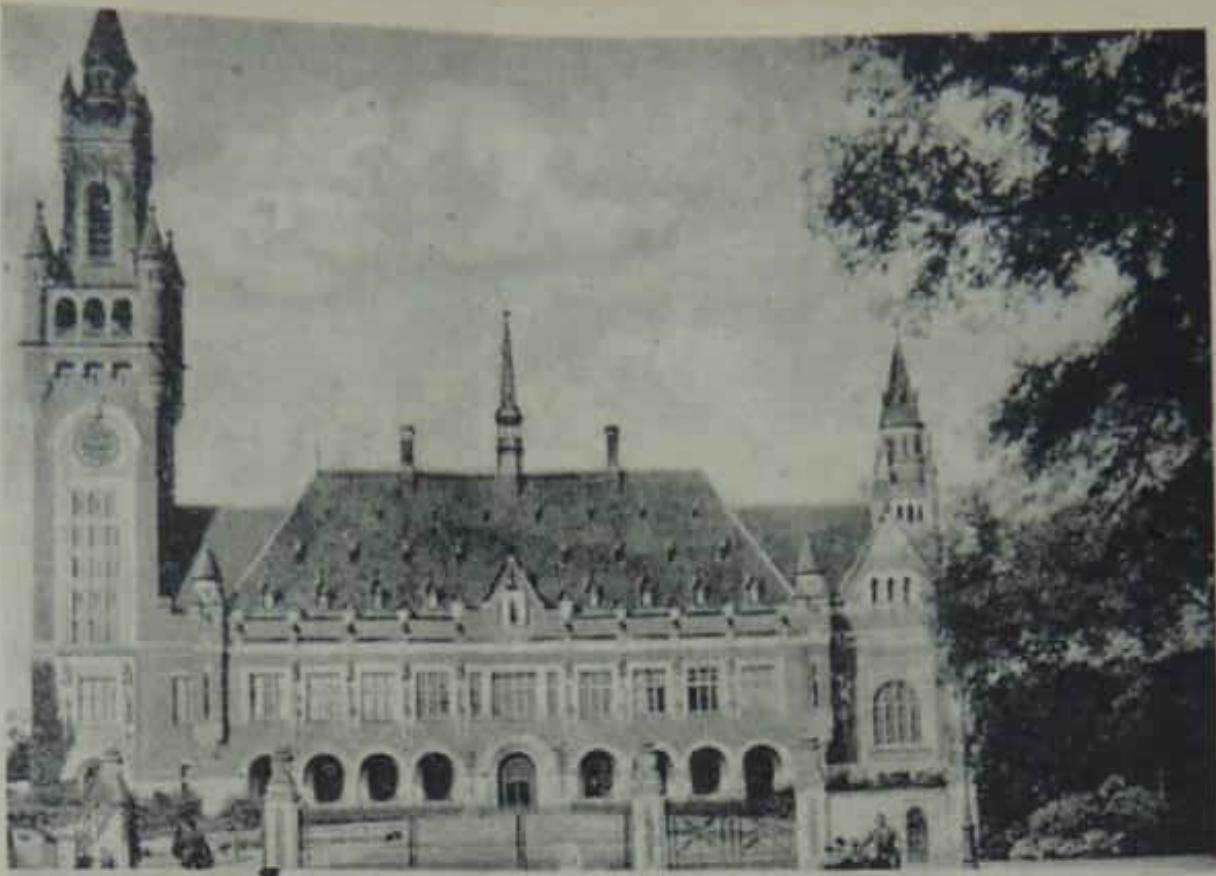
Cumprimento do dever.

### VI — FIXAÇÃO DE APRENDIZAGEM:

Exercícios especiais. Competições.

### VII — VERIFICAÇÃO:

Exercícios — verificação.  
Modificação de atitudes.



**PALÁCIO DA PAZ**  
— Haia — Importante e histórica construção que tem servido de ponto de reunião a diversos encontros internacionais e onde Ruy Barbosa notabilizou-se e o m o studar e Jurista.

#### HOLANDA

**PALÁCIO REAL** — Residência da atual família real apresenta um aspecto simples, sóbrio e confortável o que é característico da vida social da Holanda, onde não há nem exagerada grandiosidade nem carência de conforto.



# *Exercícios* PARA TODOS OS GRÁUS

ACROSTICO  
PROF. MARIANA BERND CLOS

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	

- 1 Primitivos habitantes do Brasil.
- 2 Sem roupa.
- 3 Está no céu, na terra, em todo lugar.
- 4 Pedaços que formam uma corrente.
- 5 Onde se lavam os pratos.
- 6 Um sinônimo de levanta.
- 7 Coisa nenhuma.
- 8 Não é amargo.
- 9 Pronome masculino da 3.<sup>a</sup> pessoa do singular.
- 10 Mãe de Deus.
- 11 A cidade mais importante de um estado.
- 12 Atrai os metais.
- 13 Extrai-se da azeitona.

QUANDO PRONTO, TERÁS UM NOME MUITO  
GRATO AOS BRASILEIROS

TESTES DE CONHECIMENTOS GERAIS  
POE, ITÁLIA ARONE DE LEÃO

- 1) — O vocabulo "inquinar" significa:
  - a) amofinar-se, apoquentar-se
  - b) desviar da verticalidade
  - c) corromper
  - d) tornar obliquo
- 2) — "Criança! Não verás país nenhum como este,  
Imita na grandeza a terra em que nasceres!"  
Estes versos são de:
  - a) Coelho Neto
  - b) Olegário Mariano
  - c) Castro Alves
  - d) Olavo Bilac
- 3) — Introdutor da estrada de ferro no Brasil:  
  - a) Visconde de Mauá
  - b) Visconde de Ouro Preto
  - c) Visconde de Pelotas
  - d) Visconde do Herval

COMPLETE

No dia 7 de Setembro se comemora a.....  
José Bonifácio é chamado o .....  
..... por que .....  
Você é capaz de escrever o nome de algumas ruas de  
sua localidade que lembram a nossa Independência?  
.....

MARQUE COM UMA CRUZ A RESPOSTA CERTA  
PROF. GILBERTO WALTER SCHLEY

O Brasil está situado na: Europa, África, América Central, América do Sul.

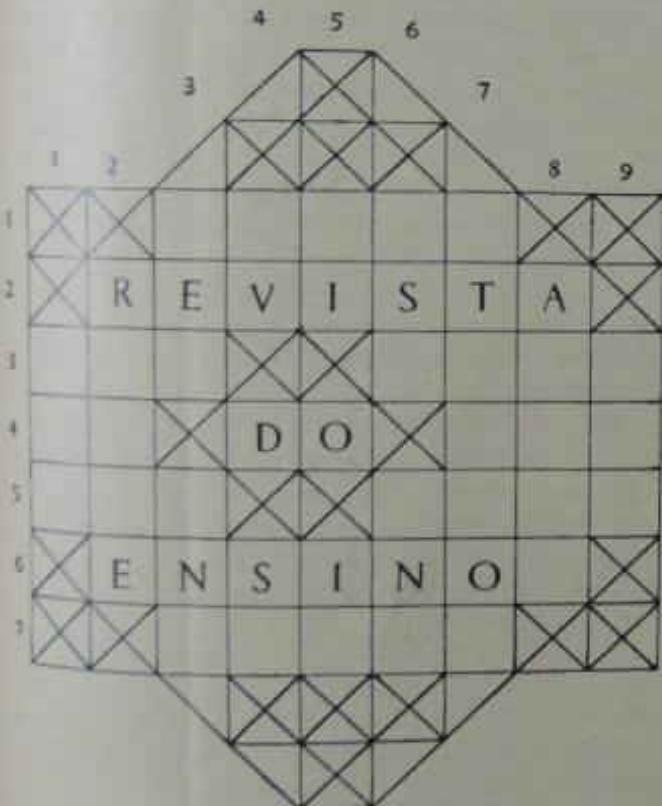
O Amazonas fica no: Brasil Sul, Brasil Norte, Brasil Oeste, Brasil Leste.

O Presidente do Brasil é: Harry Truman, Valter John, Getúlio Vargas, Eurico Dutra.

O Brasil é representado no: caderno, livro, mapa.

A Capital do Rio Grande do Sul é: Rio Grande, Cachoeira, Pôrto Alegre, Bagé.

PALAVRAS CRUZADAS  
PROF. ROSA D. KRIEGER



— Horizontais —

- 1 — Peça lisa de madeira.
- 2 — Periódico mensal (magazine).
- 3 — Sofrimento. Embarcação de Noé.
- 4 — Preposição. Contação. Circulo.
- 5 — Interjeição (própria para incitar um animal a levantar). Não é molhada (invertida).
- 6 — Instruo.
- 7 — Pretérito perfeito do verbo armar.

— Verticais —

- 1 — Pretérito perfeito do verbo dar.
- 2 — Rasga.
- 3 — Verbo auxiliar. Mãe de Nossa Senhora.
- 4 — Vá (invertido). Consoante. Saul Reis.
- 5 — Repetição (sem a última). — Vogal — Nota Musical (invertida).
- 6 — Do verbo usar. — 360 dias.
- 7 — Amarrou uma embarcação à terra.
- 8 — Território Brasileiro.
- 9 — Contráio.

SONS  
PROF. GILCIA GARDA

Escreva uma palavra que soa como cão e se encontra na cozinha:

.....

Escreva uma palavra que soa como halão e que é um instrumento musical.

.....

Escreva uma palavra que soa como oração e faz parte do corpo humano.

1 — Índios	1 — Corromper	10 — Nossa Senhora	19 — Ela	13 — Azette
2 — Xu	2 — Olavo Bilac	11 — Capital	20 — Doces	12 — Lman
3 — Idiota	3 — Visconde de Mauá	12 — Revista	3 — Nada	11 — Azette
4 — Flos	4 — Pão — violado — coração	13 — Artes	4 — Erigue	10 — Azette
5 — Pia	5 — Sons	14 — Efe	5 — Nada	9 — Efe
6 — Pás	6 — Artes	15 — Capital	6 — Erigue	8 — Doco
7 — Flos	7 — Sons	16 — Revista	7 — Nada	7 — Nada
8 — Idiota	8 — Sons	17 — Artes	8 — Doco	6 — Erigue
9 — Efe	9 — Sons	18 — Artes	9 — Efe	5 — Pia
10 — Azette	10 — Sons	19 — Artes	10 — Azette	4 — Flos
11 — Lman	11 — Sons	20 — Artes	11 — Azette	3 — Idiota
12 — Revista	12 — Sons	1 — Artes	12 — Lman	2 — Xu
13 — Artes	13 — Sons	2 — Artes	13 — Azette	1 — Índios
14 — Artes	14 — Sons	3 — Artes	14 — Efe	2 — Idiota
15 — Artes	15 — Sons	4 — Artes	15 — Capital	3 — Flos
16 — Artes	16 — Sons	5 — Artes	16 — Revista	4 — Idiota
17 — Artes	17 — Sons	6 — Artes	17 — Artes	5 — Efe
18 — Artes	18 — Sons	7 — Artes	18 — Artes	6 — Efe
19 — Artes	19 — Sons	8 — Artes	19 — Artes	7 — Flos
20 — Artes	20 — Sons	9 — Artes	20 — Artes	8 — Idiota

RESULTADOS DOS EXERCÍCIOS

Mande-nos a sua colaboração para esta página!

# COMPOSIÇÃO

PROF. MARIA LOBATO LISBOA  
Orientadora de Ensino

Sempre que mobilizamos nossas idéias e organizamos nosso pensamento para expressá-lo, oralmente ou por escrito, estamos compondo. Composição, portanto, implica em pensamento.

Sua finalidade é verificar o amadurecimento da lógica infantil, ou melhor, as formas de pensamento (número e seqüência de idéias).

## CAUSAS DA DIFICULDADE NA COMPOSIÇÃO

Entre as possíveis causas das dificuldades na "composição", destacam-se:

- 1.º Ambiente social.
- 2.º Timidez: o aluno não gosta de expor aos outros o seu modo de pensar.
- 3.º Preguiça mental, pois, pensar é sempre uma coisa difícil para a criança.
- 4.º Linguagem deficiente (falta de vocabulário).

Que meios fornecer à criança para que ela possa melhorar a composição? (baseados nas dificuldades acima citadas).

I — Que é necessário para a criança compor?

Requerendo a composição pensamento organizado, para levar a criança a pensar e, consequentemente, expressar suas idéias, devemos, é claro, dar-lhe experiências. Estas são como ponto de apoio do pensamento.

Os sentidos têm grande influência na aquisição de experiências, através delas a criança vai enriquecendo seu modo de expressar o pensamento. Aqui cabe a definição de Nina Radeka: "Pensar é elaborar o material fornecido pelas experiências".

Temos ainda de desenvolver na criança o gosto pela composição. Daí a necessidade da professora motivar convenientemente a execução de trabalhos de composição.

Se a criança não possui experiência sobre um determinado assunto, ela não poderá pensar sobre o mesmo e nem tão pouco expressar-se. Assim, a criança que nunca viu uma determinada árvore, um abacateiro, por exemplo (uma seringueira, carnaúba etc.), que não teve oportunidade de observar uma gravura, de ler uma poesia ou um trecho literário, sobre o abacateiro, que não recebeu informações sobre as suas características: utilidade de suas folhas, dos seus frutos etc., esta criança jamais poderá escrever alguma coisa sobre essa árvore, porque lhe faltam experiências. E sem experiência não pode haver pensamento e sem pensamento não há composição.

Assim, deverá a professora proporcionar ao aluno muitas experiências, pois desta forma estará co-

operando para que ele tenha uma maior visão das coisas, alargamento de idéias.

II — Se a criança aprende a fazer fazendo, também aprende a escrever, escrevendo.

O treino desenvolve a linguagem da criança. Além disso as composições diárias auxiliam a professora na observação do desenvolvimento lógico da linguagem.

Os temas dados na escola devem partir do concreto para o abstrato, pois é deste modo que se vai desenvolvendo o espírito infantil. Os assuntos devem ser escolhidos entre os que despertem vivamente o interesse do educando, como a família, os animais, os brinquedos, etc. Temos obrigação de fazer com que a criança pense nas coisas que a cercam e uma vez conseguido isto, iremos atingir um outro objetivo mais amplo que é o de pensar nos problemas universais.

III — A linguagem escrita depende muito do meio em que a criança vive. Nem sempre, porém, se pode julgar a linguagem escrita pela oral, pois a criança que vive em meio desenvolvido pode falar bem, mas, sem treino de linguagem escrita, muitas vezes não escreve bem.

As vezes é a falta de sociabilidade na classe, a carência de motivos para a criança compor, outras vezes, é o ambiente familiar, através de uma linguagem deficiente que compromete a ação da escola.

IV — A timidez, muitas vezes por temperamento ou por conflitos emotivos surgidos, no lar ou na escola, deve merecer, por parte da professora, a máxima atenção, procurando formar, nos alunos, bons hábitos e atitudes corretas, confiança, sinceridade, levando-os a exporem com franqueza o seu modo de pensar e sentir.

V — A preguiça mental decorrente de causas físicas ou psíquicas, uma vez diagnosticadas, pelo professor, deve ser combatida com os recursos adequados para cada caso, pois do contrário se refletirá sobre toda a vida do homem futuro.

VI — Galli cita a estreita dependência entre a linguagem oral e a escrita. A 1.ª antecipa a 2.ª em uma fase do seu desenvolvimento. Só depois que se processou o desenvolvimento completo de uma fase de linguagem oral é que esta fase vai se manifestar em linguagem escrita. Assim, para melhorar a composição é preciso melhorar a linguagem oral, porque esta está sempre uma fase além da outra.

## FATORES QUE VÃO INFLUIR NA MANEIRA DA CRIANÇA FALAR

- 1.º O Ambiente escolar.
- 2.º Os meios diretos ou material.
- 3.º As atividades específicas de linguagem.

I — O ambiente escolar deve ser rico em sugestões e constituir um estímulo permanente, pois a linguagem vai se desenvolvendo através das experiências que a criança vai adquirindo.

Outro ponto a considerar é a disposição das carteiras, de maneira a não dar às aulas um caráter formal e sim tornar o ambiente acolhedor, familiar, ameno, e, antes de tudo propício a "facilitar o impulso de comunicação".

Deve ter na sala de aula também um cantinho para as atividades intelectuais: biblioteca, o "canto da inspiração", com gravuras sugestivas que levem a criança à apreciação do belo e lhe desenvolvam o senso estético, a imaginação, a observação, a lógica.

## II — MEIOS DIRETOS: O MATERIAL:

Diz Gessell: "A Humanidade se desenvolveu através das mãos" e que "a mão é que propõe o problema" e que se não fossem as mãos a Humanidade estaria muitos séculos atrasada.

Com a criança também se dá o mesmo. Ela gosta de ter que recortar uma figura, de fazer algo com massa ou areia, riscar, etc., enfim, ter as mãos em atividade constante. Daí a necessidade do professor proporcionar-lhe o material adequado.

Os trabalhos manuais desempenham papel importante no desenvolvimento do pensamento e da linguagem, pois, à medida que as mãos se desenvolvem, cresce também o pensamento e a linguagem.

É absolutamente necessário que as aulas especializadas, de trabalhos manuais, artes aplicadas, de-

senho, etc., estejam diretamente ligadas aos trabalhos de classe. É necessário que haja uma ligação entre essas atividades para que produzam resultados mais satisfatórios e o máximo de aproveitamento em todos os sentidos.

*Material para exercitar a atividade manual:* Argila, plastelina, taboleiros de areia, material de carpintaria, encadernação, lápis de cor, cadernos para colorir, recortes, trabalhos de sertinha, etc.; assim com essas atividades manuais a professora estará contribuindo para que toda a personalidade do aluno se desenvolva.

*Outro material insubstituível é a própria natureza.* A experiência viva é o melhor meio para o desenvolvimento da linguagem e para o enriquecimento do pensamento.

Quando surgem dificuldades de levar a criança a observar a natureza fora da escola, deve a professora trazê-la para a sala de aula, organizando, com os alunos, um aquário, uma coleção de pássaros, um herbario, cultivo de plantas (parasitas), desenvolvimento de uma semente (germinação), etc. Podemos ter ainda insetos, cultura do bicho da seda, de abelhas, rãs, minhocas, jardins, hortas, etc. Enfim, a professora deve proporcionar às crianças a observação da vida dos animais e das plantas, contribuindo assim para o enriquecimento das experiências infantis.

## .... III — ATIVIDADES ESPECÍFICAS DA .... LINGUAGEM

Continua no próximo número.

## ENSINO RELIGIOSO

Continuação da pág. 23

dejigicos no ensino religioso, unidos ao amor de Deus e das crianças, farão que cheguemos a uma relativa perfeição em menos tempo do que o supunha a nossa inconsciente modéstia...

*Exercícios sobre a lição: Bíblia*

"MEU CATECISMO" 4.º — de P. A. Negromonte

Edição José Olimpio

*Questionário:* Que contém a Bíblia? Qual o fato mais importante do mundo? Que contam os evangelhos? Que são as epístolas? Por que não há erros na Bíblia? Quem pode interpretar a Bíblia? Quais são as Bíblias que a Igreja proíbe?

*Exercícios:*

- 1) Escritos dos profetas.
- ..... Epistolas dos Apóstolos.
- ..... Criação do mundo.

Ponha antes de cada linha um A ou um N.

conforme os escritos pertencerem ao Antigo ou ao Novo Testamento.

- II) Moisés — Isaías — S. Paulo — S. Mateus — Daniel — S. João Batista — Jeremias — S. Lucas — (Grife o nome dos evangelistas).
- III) Nesta lista faltam dois evangelistas. Escreva aqui o nome destes dois.
- IV) Em cada Missa se lê um trecho dos Evangelhos e outro das Epístolas.  
Diga quando é:  
1) — O Evangelho é .....  
2) — A Epistola .....
- V) Tudo o que a Bíblia diz é verdade porque .....  
Por isso eu creio tudo o que a Bíblia diz.
- VI) Leia as frases abaixo. Ponha o sinal MAIS nas certas e um zero nas erradas:  
A Igreja proíbe ler a Bíblia.  
A Igreja recomenda ler a Bíblia.  
A Igreja proíbe ler as Bíblias protestantes.  
Quem não lê a Bíblia não se salva.

1940 se passou em silêncio, mas o  
ano de 1941 é de prata de Doury. Ele é  
publicado todo por empresas do Brasil.  
A editora da "Lançamento" é Edimburgo

# BRASIL PELA IMAGEM



(Foto da Revista "Esso")



Um dos locais mais  
apreciados da  
República do Pará é  
o Rio Negro, que  
além de muitas ilhas  
flutuantes, os canais  
e as grutas  
fazem parte da  
riqueza.



Ribeira do Amazonas

Nos rios afluentes do Amazonas, no Vila-  
res-Negros, são encontrados em grande  
quantidade, algumas sendo de tamanho  
índigo.



Cena típica de barrope, esportes das  
vilações de Manaus, vendendo cerâ-  
micas. Herdade diversa, incluindo os mu-  
chos.

A fotografía anterior ilustra uma vila de  
resultado de uma das habitações provisórias  
de pescadores e pescadoras, no Amazonas. T



# UM PLANO E UMA PROVA



## PROVA DE VERIFICAÇÃO DO PLANO:

### PERI E POTI

(Publicado no n.º anterior.)

Realização das professoras  
SUELY A. SANTOS e TEREZINHA SERONI  
Instituto Piratini, P. A.

#### L I N G U A G E M

2.º — ano .....  
Escola .....  
Aluno .....  
Classe .....  
Data — ..... / ..... de 195....

*Meu aluninho: — Você quer deixar Mamãe bem alegre? Então preste bastante atenção e faça estes exercícios bem certinhos que ganhará a nota 100.*

1 — Leitura: — Peri e Poti, os dois bons indiozinhos, fizeram bonitas flexas para caçarem com Vovô.

Sairam cedo da taba e entraram pelo mato à procura do veado.

Peri ia à frente. Em certo momento deu horrível grito porque uma grande cobra preparava-se para dar-lhe um bote.

Poti, rápido, alvejou a cobra, matando-a com uma flexada.

Peri abraçou o companheiro que lhe salvava a vida.

2 — Ponha uma cruzinha na resposta certa.

- ( ) — brincar  
( ) — à escola  
Peri e Poti foram... ( ) — caçar  
( ) — à casa de Vovô

No caminho Peri quase ( ) — cobra  
foi mordido por... ( ) — tigre  
( ) — abelha  
( ) — cachorro

3 — Responda:

- Que fez Poti para defender seu amigo?  
.....  
— E Peri, que fez a quem lhe salvou a vida?  
.....  
— Desenhe uma cena da história que você leu:

3 — Vamos separar estas palavrinhas em sílabas?

selvagem .....  
cachorro .....  
horrivel .....  
flexada .....  
passarinho .....

4 — Complete estes exercícios de acordo com os modelos:

o indio ..... — a india  
o vovô ..... — a .....  
o companheiro ..... — a .....  
o rei ..... — a .....  
o homem ..... — a .....  
o galo ..... — a .....

5 —

um guri ..... — muitos guris  
uma flexa ..... — muitas .....  
um arco ..... — muitos .....  
um peixe ..... — muitos .....  
uma taba ..... — muitas .....  
um português ..... — muitos .....

6 — Escreva palavrinhas ao contrário destas:

bom .....  
feio .....  
comportado .....  
limpo .....

7 — E agora, palavrinhas que digam a mesma coisa destas:

bonito .....  
rápido .....  
asseado .....  
horrível .....

Escriva 3 nomes que indiquem:

Pessoas      Animais

coisas

7 — Faça estas expressões:

$$\begin{array}{rcl} 9 + 5 - 3 = & \dots & \\ 2 \times 2 + 2 = & \dots & \\ 1 + 3 - 2 = & \dots & \\ 5 + 6 - 7 = & \dots & \\ 9 \times 2 - 8 = & \dots & \end{array}$$

Ditado:

*Os jesuítas comidaram os meninos índios para construir uma capela em honra de Nossa Senhora.*

*Os meninos carregavam pedras, limpavam o terreno, faziam buracos. As meninas cozinhavam vegetais nas panelas de barro e usavam azeviche e peixes para os trabalhadores cozinarem.*

8 — Escriva 2 frases falando nos indiozinhos;

## MATÉMATICA

2<sup>a</sup> — Ano  
Prola —  
Time —  
Classe —  
Data — ..... de 195...

*Muito quer ver bonita nota nestes exercícios!*

1 — Peri e Poti estavam pescando. Peri apanhou 17 lambaris e Poti 19. Ao todo, os dois meninos pescaram ..... peixes.

2 — Poti colheu 23 bananas no mato. Deu 14 a seu amigo. Ficou com ..... bananas.

3 — O índio Peri achou 21 ovos de tartaruga, e Poti apenas 3. Quantos ovos de tartaruga tem Peri mais do que Poti? .....

4 — Vamos mostrar aos indiozinhos como você sabe somar?

$$\begin{array}{r} 308 \\ + 190 \\ \hline 498 \end{array} \quad \begin{array}{r} 450 \\ + 292 \\ \hline 742 \end{array} \quad \begin{array}{r} 36 \\ + 27 \\ \hline 63 \end{array} \quad \begin{array}{r} 10 \\ + 85 \\ \hline 95 \end{array} \quad \begin{array}{r} 467 \\ + 419 \\ \hline 886 \end{array}$$

5 — Peri e Poti não aprenderam a diminuir. Mostre a eles como você sabe fazer estas continhás:

$$\begin{array}{r} 27 \\ - 19 \\ \hline 8 \end{array} \quad \begin{array}{r} 304 \\ - 193 \\ \hline 111 \end{array} \quad \begin{array}{r} 25 \\ - 14 \\ \hline 11 \end{array} \quad \begin{array}{r} 196 \\ - 148 \\ \hline 48 \end{array} \quad \begin{array}{r} 267 \\ - 168 \\ \hline 99 \end{array}$$

6 — E agora, vamos multiplicar:

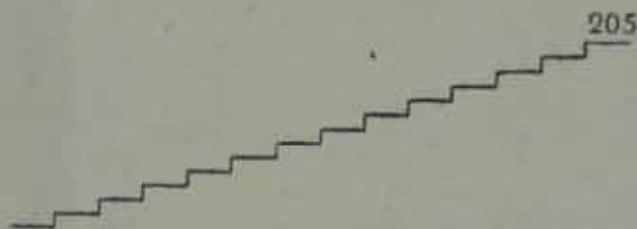
$$\begin{array}{r} \times 4 \\ \hline 1 \end{array} \quad \begin{array}{r} \times 2 \\ \hline 8 \end{array} \quad \begin{array}{r} \times 3 \\ \hline 7 \end{array} \quad \begin{array}{r} \times 4 \\ \hline 5 \end{array} \quad \begin{array}{r} \times 3 \\ \hline 9 \end{array}$$

8 — Compor:

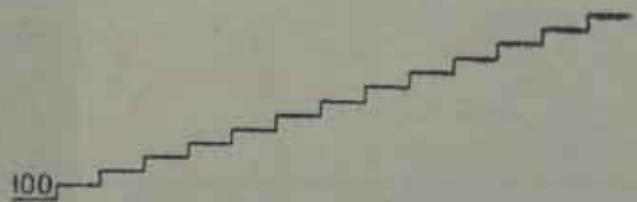
9 — Decompor:

$$\begin{array}{rcl} 8 d 5 u = & 345 = & \\ 7 c = & 43 = & \\ 7 c 2 d 3 u = & 126 = & \\ 9 c 4 u = & 9 = & \\ 5 c 3 d = & 171 = & \end{array}$$

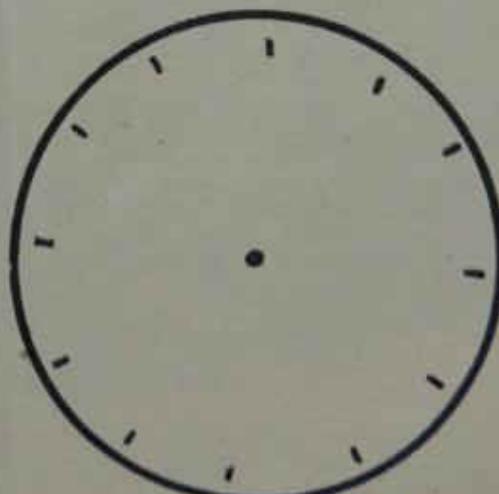
10 — Desça, correndo, a escadinha, em degraus ímpares:



11 — E suba esta, de 10 a 100:



12 — Faça este relógio com números romanos e marque 3 horas.



13 — Ditado de números:

## ESTUDOS SOCIAIS E NATURAIS

2.º — ano  
Escola — .....  
Aluno — .....  
Classe — .....  
Data — ..... / ..... de 195....

*Não esqueça que Mamãe gosta de notas boas!*

1. Quem descobriu o Brasil foi..... no ano de .....
2. Você sabe quem habitava o Brasil na época do descobrimento?
3. De que se alimentavam os índios?
4. Os índios usavam roupas como nós ou se enfeitavam com penas?
5. Que armas eles possuíam?

6. O chefe da tribo era chamado de.....
7. As casas dos índios eram chamadas de.....
8. Diga o que é uma ilha.
9. Diga o que é uma lagoa.
10. Peri e Poti brincavam de desenhar no chão. Poti desenhou esta figura de índio e mandou Peri escrever a divisão do corpo humano. Escreva você também:



## EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA

Continuação da pág. 26

— Faze uma covinha raza,  
com boa vontade e amor,  
no quintal de tua casa,  
onde haja luz e calor.  
Deixa-me lá, por favor.

Um dia quando tu fores  
moça, formosa e faceira,  
terei um tronco encorpado  
e uma ramada altaneira,  
cheia de frutos e flores.  
Então, com o maior agrado,  
darei para o teu noivoado  
os botões de laranjeira!

### PROMESSA

Baltazar Godó Moreira

Laranjeira pequenina  
carregadinha de flores,  
prometo cuidar de ti  
com muito carinho e amor.

Para que vivas e crescas,  
farei tudo o que puder;  
não quero que ninguém toque  
nas tuas folhas sequer.

Nas tuas flores bonitas  
ninguém há de pôr a mão,  
eu hei de cuidar de ti  
com toda a dedicação!

Mas quando lindas laranjas  
doirarem tua ramada,  
e eu ficar de água na boca...  
Ah! Não prometo mais nada!

### Massa para modelagem

4 chicaras de farinha de trigo,  
2 chicaras de sal,  
3 colheres de sopa de pedra ume,  
Anilina à vontade,  
Água, tanto quanto necessário para sovar a massa,  
até formar bolhas.  
Esta massa deverá ser conservada em vasilha de  
barro com tampa,

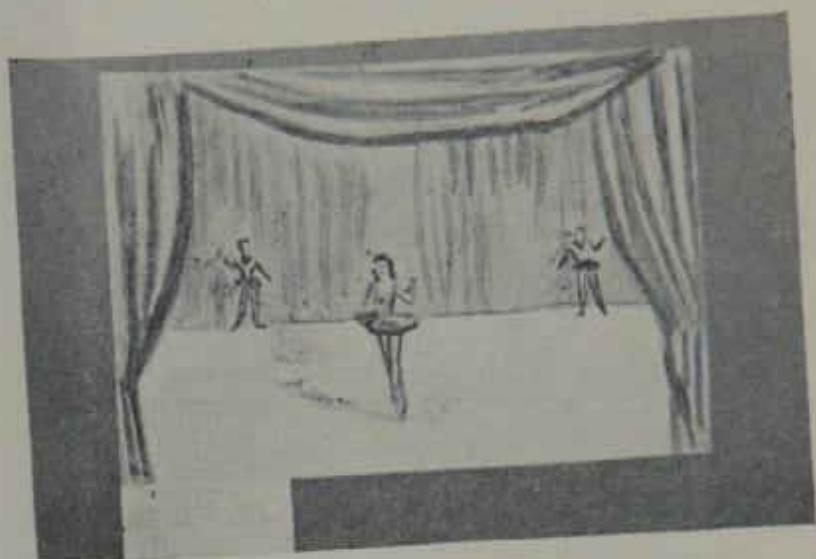
# ARTE INFANTIL

O VII SALÃO DE DESENHO INFANTIL E JUVENIL  
DO RIO GRANDE DO SUL

— ORGANIZADO PELA SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA DA  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO



— PALHAÇOS —  
1.º Prêmio Individual  
*Carlos Emílio Raffo* — 10 anos  
2.º Ano — G. E. Paula Soares — P. A.



— DANÇA CLÁSSICA —  
*Rosa Maria Lassance* — 11 anos  
4.º Ano — G. E. Ceará — P. A.



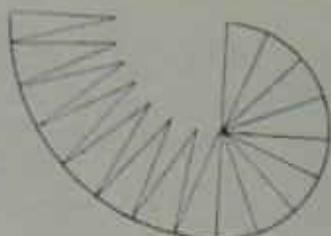
— PLANTACAO DE TRIGO —  
*Nelsi Brodt* — 13 anos  
G. E. Ceará — P. A.



— FESTA DE SÃO JOÃO —  
*Leonor Cabral* — 11 anos  
3.º Ano — G. E. Ceará — P. A.

# GEOMETRIA

SARAH ROLLA e SUELY AVELINE  
Auxiliares - técnicos do C. P. O. E. da  
Secretaria de Educação, P.A.



**FORMULAS — Demonstração da**

$$\text{ÁREA DO CÍRCULO. } \left( \frac{\pi}{2} \times R \right)$$

I — *Material necessário ao desenvolvimento deste plano:*

1. Objetos que apresentem faces circulares (moedas, discos, fichas, pratos, etc.).
2. Círculos de cartolina em tamanhos e cores diversos.
3. Círculos de papel como o raio de 6 cm (um para cada aluno).
4. Tesouras — Lápis de cor.

II — *Pontos que devem ser observados previamente:*

- |                    |                         |
|--------------------|-------------------------|
| 1. Raio.           | 4. Semi-circunferência. |
| 2. Diâmetro.       | 5. Setor.               |
| 3. Circunferência. |                         |

III — *Distribuição dos círculos de papel ( $R = 6\text{cm}$ ) entre os alunos.*

IV — *Sequência racional da demonstração da fórmula:*

1. Dobrar o círculo pelo diâmetro e, a seguir, pelo raio, dividindo-se em 16 setores iguais.
2. Colorir ou sombrear com o lápis uma das semi-circunferências.
3. Recortar os setores resultantes da divisão do círculo.

4. Encaixar, simetricamente, a metade dos setores nos intervalos dos outros, de modo a formar uma figura muito semelhante a paralelogramo, tanto mais perfeito quanto maior for o número de setores.

5. Observar que a figura resultante contém a área do círculo.

6. Verificar:

$$\text{Base do paralelogramo} = \text{Semi-circunferência}$$

$$\text{Altura} = \text{Raio}$$

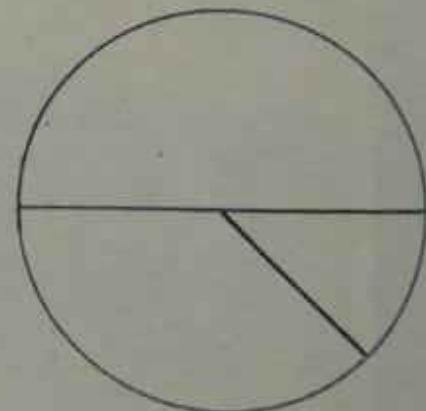
7. Concluir que  $B \times A = \frac{C}{2} \times r$ ; isto é,

se a área do paralelogramo é igual ao produto da base pela altura, a do círculo será igual ao produto da semi-circunferência pelo raio.

8. Efetuar exercícios, obedecendo a sequência da demonstração desta fórmula, em círculos de raios diferentes.

**NOTA:** A prática dos exercícios sugeridos no item IV deverá ser dosada de acordo com as necessidades individuais, a fim de assegurar a indução da fórmula pelo próprio aluno.

**FORMULAS — Demonstração —**  
**ÁREA DO CÍRCULO ( $\pi R^2$ ) (V.<sup>a</sup> Ano)**



I — *Material necessário ao desenvolvimento deste plano de trabalho:* Objetos que apresentem faces circulares (moedas, discos de vitrola, fichas, guardanapos, etc.), círculos de cartolina em cores e tamanhos diversos.

II — *Pontos que devem ser observados previamente:*

1. Círculo — área:  $\frac{C}{2} \times R$
2. Paralelogramo — área:  $= B \times A$
3. Diâmetro, Raio, D =  $2 \times R$
4. Circunferência, Semi-circunferência.

III — Utilização do material escolar comum (Cadernos, lapis etc.).

IV — Sequência racional da demonstração da fórmula:

1. Recapitular a demonstração prática da área do círculo:

$$\text{Área} = B \times A \text{ ou } \frac{C}{2} \times R$$

2. Recapitular a fórmula da circunferência:  $2 \cdot \pi \cdot R$

3. Substituir em  $\frac{C}{2} \times R$ , a CIRCUNFERÊNCIA pelo seu valor ou seja:

$$\text{Área} = \frac{2\pi R}{2} \times R$$

4. Empregar o processo de simplificação:

$$\text{Área} = \frac{\pi R^2}{2} \times R \text{, donde : Área} = \pi R^2$$

5. Aplicação das duas fórmulas:

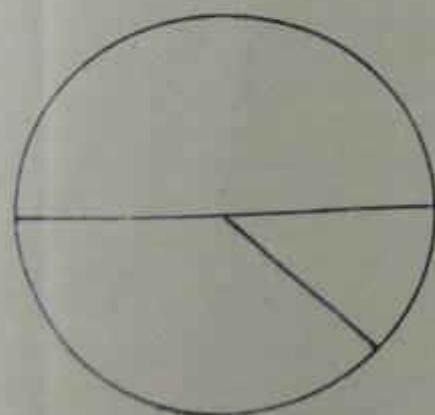
$$\left( \frac{C}{2} \times R \text{ ou } \pi R^2 \right)$$

para o conhecimento de diversas superfícies circulares.

6. Apreciação da coincidência de resultados.

NOTA: A prática dos exercícios sugeridos no item IV deverá ser dosada de acordo com as necessidades individuais, a fim de assegurar a indução da fórmula pelo próprio aluno.

#### FÓRMULAS — Demonstração — COMPRIMENTO DA CIRCUNFERÊNCIA (V.º Ano)



- 1 — Material necessário ao desenvolvimento deste plano de trabalho: Objetos que apresentem faces circulares (moedas, discos de vitrola, fichas, bolachas, etc.) ou forma circular (alianças, argolas, pulseiras, aros de metal ou arame fino, etc.). — Círculos de cartolina em cores e tamanhos diferentes. — Barbantes.

II — Pontos que devem ser observados previamente:

1. Circunferência.
2. Diâmetro.
3. Raio.
4.  $\pi$ .

III — Distribuir os círculos (de cartolina em cores e tamanhos variados um para cada aluno). Barbante.

IV — Sequência racional de demonstração da fórmula:

1. Medir, usando o barbante, o comprimento da circunferência e registrar o resultado obtido.

$$2. \text{Recordar o valor de } \frac{C}{D} = \pi$$

3. Recordar a propriedade das igualdades  $(6 = \frac{12}{2} \text{ ou } 2 \times 6 = 12)$ .

Concluir:

$$\pi = \frac{C}{D} \text{ ou } D \times \pi = C \text{ ou } 2R \times \pi = C, \text{ donde:}$$

$$C = 2\pi \times r$$

5. Comprovar, por meio do cálculo, aplicando a fórmula deduzida, a aproximação do comprimento da circunferência, conhecido de maneira prática. (Item 1).

NOTA: A prática dos exercícios sugeridos no item IV deverá ser dosada de acordo com as necessidades individuais, a fim de assegurar a indução da fórmula pelo próprio aluno.

## RETRATANDO MESTRES

Continuação da pág. 17

passei daí para a Escola Complementar de nossa Capital, em 1916, donde me afastei, para o Colégio Elementar de São Borja, por interesse particular, em 1923, até 1924, quando motivos de família me levaram a um afastamento de minhas funções, por alguns anos, em que tive a grata oportunidade de conhecer grande parte de nosso território pátrio, principalmente o Estado de Mato Grosso, onde cheguei a residir. De regresso à atividade, reiniciei-me no Grupo Escolar "Paula Soares", onde, ainda meus dias vão correndo, no doce afã de bem servir a minha Pátria, colaborando com minhas colegas na nobre tarefa de educação da nossa infância".

Na verdade, seu trabalho é ainda o mesmo: — compenetrado, assíduo, eficiente. Seu valor profissional lhe permitiria reais triunfos, se acaso envolvesse pelo ensino secundário, onde amplos horizontes se lhe abriam ao futuro. Sua modestia, porém, fez-lhe estacionar na escola primária, por considerar-se obreira obscura... Nisso, exatamente, reside o seu verdadeiro valor, que temos o prazer de exaltar nestas linhas, corroborando a assertiva evangélica: "Os que se exaltam, serão humilhados; os que se humilham, serão exaltados!".



# Recreação PÚBLICA

III

## A RECREAÇÃO NO CONCEITO DA ARTE

Nas páginas da história da recreação, por certo as lúricas que rivalizam com as instituições hodiernas, são as do ciclo de ouro da era de Péricles, da pequena República de Atenas, cinco séculos antes de Cristo, as que mais nos impressionaram.

Cabe a este povo a primazia em exaltar a recreação, de tal forma, que a nivela aos esforços de nossa era.

Num exame do currículo de seus estudos, verificamos a importância dada ao jôgo e aos folguedos, na formação do cidadão prestante, para o pleno gozo de suas horas de lazer.

Em sua primeira infância, recebia a criança ateniense, um preparo tão consciencioso que nada ficava a dever aos nossos modernos Jardins de infância.

Nêles eram encontrados os mesmos chocalhos, as mesmas bocinas com suas casinhas, os mesmos carinhos, cavalinhos de pau, pandorgas, gangorras e os mesmos balanços. Naturalmente, a rude e tóscia apresentação daqueles tempos, hoje nos encanta, porém naquela época longínqua constituiam complementos indispensáveis aos seus jogos de bola, de esconder e de pegar.

Nossos estudos se prendem ao rapaz, após esta idade infantil, uma vez que as meninas daí por diante são negligenciadas, pela exclusão da mulher da vida pública dos atenienses.

Aos sete anos era o menino entregue a um tutor que o preparava, com a ginástica, para o físico e, com a música, para a alma.

Seu aprendizado compreendia a leitura de Homero, a escrita, a aritmética, o canto, o ritmo, o uso da lira e da flauta.

No entanto, era na Palestra, uma escola de ginástica, que vemos desenvolver o verdadeiro conceito da recreação.

Aí, os rapazes, dentro de seus folguedos, recebiam instrução no correr e saltar, no arremesso do disco e do dardo e na luta. Havia igual interesse pela dança, pela natação, e pelos jogos com bolas e pelo boxe.

Aos dezoito anos, era permitido ao jovem a convivência com os adultos e, durante os dois anos se-

Prof. F. G. GAELZER

Prof. da E. S. E. F. — Diretor  
do Dep. de Recreação Pública da  
Prefeitura de P. A.

guientes, adestrava-se a fim de, só então, receber os direitos à cidadania.

Em continuação de seu preparo, abandonava a Palestra, para associar-se aos maiores, no ginásio.

Aí, em adição aos desportos já conhecidos, era ele apresentado ao pentatlo, uma combinação das cinco provas exigidas, mais o pancerário.

No ginásio, numa sã convivência com os filósofos e estadistas, recebia o moço seu aprimoramento social e intelectual.

O resultado deste preparo sistemático, era comprovado durante o maravilhoso espetáculo dos jogos olímpicos.

Calendário de sua grandeza, os jogos Olímpicos, de suprema influência na vida do Estado, produziam a trégua benfazeja dos períodos da paz.

As sábias lições dos atenienses, ainda hoje nos pregam a importância da recreação dirigida.

Citando Platão, vemos que: "a educação deve ser iniciada com a prática das atividades recreativas infantis, pois que os jogos da juventude têm suma importância para a manutenção ou o desrespeito às leis".

Péricles, em sua grande oração fúnebre, disse:

"Nós cultivamos a mente sem perda da honestidade... nós temos os nossos jogos para prover às mentes cansadas, seu lazer merecido".

A atividade assumida durante este ciclo de ouro da arte, pode ser resumida nas seguintes palavras de Platão: "O mero atleta, tornase por demais selvagem e o mero artista se abranda e narciza além do que lhe convém; devemos, portanto, amoldá-los, dam-lhes as verdadeiras proporções".

Continua na pág. 72



# HISTÓRIA

## SANTO AGOSTINHO



Prof.ª EDITH BUENO ROMERO

A figura ímpar de Santo Agostinho foi o marco de toda a Filosofia Patrística.

Nasceu na Numídia em 354-430. Seu pai era pagão e Mônica, sua mãe, cristã.

Apesar de ter sido iniciado por essa educação moral elevada e pura, entregou-se, desde cedo, a uma vida desregrada, sensual e fútil.

Convertido aos 33 anos por Santo Ambrósio, entrou para o sacerdócio, tornando-se coadjutor de Hipônico, mais tarde, bispo desta mesma cidade, por muitos anos.

Procurava retratar o perfil psicológico do eminentemente vulto, é penetrar ora por veredas sombrias, ora pontilhadas de luz; é ver ocasos e poentes, tal a mutabilidade irriqueta de sua paisagem interior.

Pensamento ágil e vigoroso, cérebro ardente, coração sedento, olhos fixos num objetivo. Agostinho percorreu os mais árduos e difíceis caminhos à busca da Verdade.

Era preciso mitigar a sede que o devorava; era preciso encontrar esse algo que ele sentia qual oasis promissor, qual montanha verde encolada, onde as fontes eram puras, os frutos sazonados; onde havia sons divinos, onde tudo era paz e serenidade.

Era preciso encontrar essa paisagem, imagem eterna do Sumo Bem.

E ausculta-se e ouve seu coração e sua inteligência; mergulha no

profundo de seu ser, sempre indagando, sempre lutando...

E dessa introspecção, surge-lhe radiosa, nítida, uma nova introversão de valores, que lhe deveriam nortear os dias todos de sua vida, bem como alicerçar as bases de toda a sua obra.

O titã descansa enfim. Sereno começa a trabalhar.

Baseia sua Lógica na existência da certeza, porque "onde há dúvida, há vida, há pensamento".

Na Metafísica estabelece a existência de Deus como a verdade primeira, alicerçando os argumentos de Sua existência, na contingência do ser, no argumento ideológico, no teológico ou das causas finais.

Na Ética Deus é o Sumo Bem e centro irradiador de toda a felicidade do homem.

"Createste-nos para Ti e estarás intranquilo nosso coração até que não desejar em Ti".

Na Psicologia admite a imortalidade da alma e nesta encontra

três princípios de vida: sensitiva, vegetativa e racional.

Procurando interpretar os textos bíblicos, foi vencendo muitas de suas dívidas. A verdade escondida cada vez se revelava mais fecunda e mais profunda, diante de seus olhos ávidos de luz...

Nessa atitude semi-cristã, foi que Agostinho sentiu atração pelo neoplatonismo, que exerceu uma influência profunda sobre seu pensamento.

Conseguiu vencer as dificuldades e hesitações dos primeiros padres da Igreja, principalmente dos latinos: "sobre a cidadania da cultura clássica no âmbito da civilização cristã, unindo uma e outra".

Retirou-se da vida pública, para entregarse à solidão, onde pudesse cultivar a meditação e a contemplação, pontos básicos não só para aquisição da cultura e do conhecimento como ainda de penetração no plano do Imutável e Verdadeiro.

Continua na pág. 11

### ATELIER "RENASCENÇA"

Alta costura — Executam-se, sob medida, com rapidez e perfeição trajes para senhoras (Modas femininas em geral). Vestidos para noivas, formaturas, bailes etc. — Preços mínimos.

RUA MAL. FLORIANO, 275 — 2.º Andar — SALAS, 22/24

PÓRTO ALEGRE — Rio G. do Sul

## III PARTE

SÉRIES ESCOLARES: 3.<sup>o</sup> anos  
R — A/1 — B/1 — A/2, do 1.<sup>o</sup>  
turmo.

DURAÇÃO: dois meses.

OBJETIVOS (para o professor): proporcionar às crianças oportunidade de conhecimento de alguns aspectos da economia regional.

OBJETIVOS (para os alunos): Chegar à solução dos seguintes problemas:

— QUAIS AS PRINCIPAIS FONTES DE RIQUEZA DO RIO GRANDE DO SUL?

— A COLONIZAÇÃO, MAIOR EXEMPLO DE COOPERAÇÃO COLETIVA, QUE RESULTADOS TROUXE PARA A ECONOMIA DE NOSSO ESTADO?

### DESENVOLVIMENTO:

A — A pecuária — 3.<sup>o</sup> ano R.

1. A criação: rebanhos bovino, equino, mular, ovino e suíno; localização dos principais centros de criação do Estado.
2. Tipos de vegetação do Rio Grande do Sul: zona das matas, dos campos, do litoral; campos de pastagem natural e cultivada; plantas forrageiras, o amendoim.

B — A agricultura — 3.<sup>o</sup> ano A/1.

1. Plantas úteis: erbáceas, arbustivas e arbóreas; caules, raízes, flores e frutos de utilidade alimentícia, medicinal e industrial.
2. A fôlha: estudo, colecionamento e presagem.

C — Os cereais — 3.<sup>o</sup> ano B/1.

1. Desenvolvimento agrícola do Estado; colônias, campos experimentais.
2. O milho, o arroz, o trigo, a aveia, a cevada, o centeio; aplicações na alimentação humana, como forrageira e na indústria.

D — A fruticultura — 3.<sup>o</sup> ano A/2.

1. Pomares: colônias, os vales do Taquari e Chui, as cidades de clima temperado.
2. Frutas riograndenses: a laranja, a uva; comércio, indústria.

ATIVIDADES: Realizar a 3.<sup>o</sup> exposição pedagógica do clube agrícola, como encerramento do ano letivo — álbum de conjunto, cadernos-registro, fichas da fôlha e do amendoim, semeadura de cereais e outras espécies orticolas, quadros sobre a árvore e coleções botânicas.

*Obs.:* Houve total realização do plano dentro do tempo previsto e com a colaboração das professôras de classe.

Prof.ª MARIA FRANCISCA  
BARCELOS DA SILVA  
Superintendente do Clube Agrícola da  
E. E. Presidente Roosevelt — P. A.

## IV PARTE

### PÓRTO ALEGRE E SUA COOPERAÇÃO NA ECONOMIA RIOLANDENSE

Esta parte, destinada aos 2.<sup>o</sup> anos, deixou de ser realizada, devido à interrupção do trabalho agrícola, por necessidade de serviço.

Os dois meses de regência de classe no 5.<sup>o</sup> ano A, os 10 dias no 4.<sup>o</sup> ano A/2 e as substituições intercaladas, em diversas classes, impediram a consecução total do plano geral, apesar de setem ministradas, embora irregularmente, aulas de prática agrícola aos 2.<sup>o</sup> anos.

### EDUCAÇÃO RURAL — Bibliografia

1. Cruz, Noêmia Sariva de Matos — EDUCACAO RURAL — Rio de Janeiro, Ed. Rio Branco
2. Fleury, Benito Séneca — EDUCACAO RURAL — São Paulo, Cia. Ed. Melhoramentos
3. Millán, Andrés — FORMACION DEL MAGISTERIO RURAL Y ORIENTACION CHANJERA EN LAS ESCUELAS — Argentina (Santa Fé) Editorial Castelví S. A.
4. Amer, Concepción S. — LA ESCUELA RURAL ACTIVA — Madrid, Revista de Pedagogía
5. Woiford, Kate V. — MODERN EDUCATION IN THE SMALL RURAL SCHOOL — New York, The Macmillan Company
6. Hall, Prof. Robert King — PROBLEMAS DE EDUCACAO RURAL — Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos — Ministério da Educação e Saúde
7. Diverso — EDUCACION RURAL — Seminário regional de educação en la América Latina — Washington, D. C. — Departamento de Assuntos Culturais Union Panamericana
8. Diverso — CONGRESO DE MAESTROS RURALES — Uruguay, Número especial de "Anales de Instrucción Primaria", 1949
9. Conclusões de IX Congresso Brasileiro de Educação — Junho de 1949
10. Antipoff, Helena — INSTITUTOS DE ORGANIZACAO RURAL — Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil — abril/junho de 1948 — II. de Janeiro
11. DICCIONARIO DE PEDAGOGIA — Espanha (Barcelona) Labor S. A.
12. Arzvedo, Fernando — A EDUCACAO E SEUS PROBLEMAS — São Paulo, Ed. Nacional
13. Santos, Teobaldo Miranda — A ESCOLA PRIMARIA — organização e administração — R. Janeiro, Ed. A Noite
14. Silva, Ruth Ivelly Torres da — A ESCOLA PRIMARIA RURAL — P. Alegre, Ed. Globo
15. Amaral, Luiz — HISTORIA GERAL DA AGRICULTURA BRASILEIRA — São Paulo, Ed. Nacional
16. Souza, Bernardino José de — O PAU-BRASIL NA HISTORIA NACIONAL — São Paulo, Ed. Nacional
17. Arzvedo, Fernando — A CULTURA BRASILEIRA — São Paulo, Ed. Nacional
18. Porto, Aurélio — DICCIONARIO ENCICLOPÉDICO DO RIO GRANDE DO SUL — P. Alegre, Ed. Minuano
19. Porto, Aurélio e outros — TERRA FARROUPILHA — parte histórica, 1933 — P. Alegre, Ed. Liv. Seibach



Sugestões para exercícios de linguagem.

### O LOBO E O CORDEIRO (para 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> anos)

- 1 — Expor a gravura à observação das crianças e deixar que elas manifestem, livremente, as suas observações; entretanto se for necessário, a professora animará a classe, fazendo algumas perguntas:
- o que é que vêem nesta gravura?
- onde se encontram os personagens?
- que pensam Vcs. que eles fazem? etc.

A professora buscará oportunidade para dizer às crianças que a gravura representa uma "fábula". Explique o que é uma fábula e, então contará a que está em estudo. Poderá, também, em vez de contar, expor à leitura dos alunos a fábula previamente escrita em cartaz ou mimeografada.

### O LOBO E O CORDEIRO

"No tempo em que o lobo e o cordeiro estavam na margem, desejava aquél que se oferecesse ocasião para os romper. Um dia em que ambos se acharam na margem de um regato, indo beber, disse o lobo, encolerizado, contra o cordeiro:

"Porque me turbais a água que vou beber?  
Respondeu ele, mansamente:

"Senhor fulano lobo, como posso eu turbar a tua mercé a fonte, se ela corre de cima, e eu estou só mais abaixo?".

Reconheceu o adversário a clareza do argumento, porém, variando de meio, instou dizendo:

"Pois se não turbastes agora, a turbastes o ano passado".

Satisfiz o cordeiro, dizendo:

"Como podia eu cometer um crime haverá um dia, se eu não tenho ainda de idade mais que seis meses?".

Então o lobo, enfadado tanto quanto mais convencido, disse:

"Pois se não fostes vós, foi fulano carneiro vosso pai. E, investindo ao pobrezinho, o levou nos dentes".

Assim fazem os ímpios e maliciosos, a quem não há inocência que satisfaça nem desculpa que contente".

## SUPLEMENTO DO MÊS

Comentário oral sobre a fábula. Explicação das palavras novas.

### II — Questionário escrito:

- quais são os personagens desta fábula?
- onde se encontram?
- que fazem ali?
- quem falou primeiro e o que disse? (reproduzir o diálogo).
- qual foi o fim do cordeiro?
- que entendes por "fábula"?

(Fábula — pequena narração fictícia, geralmente em verso, que encerra uma verdade moral e em que se introduz animais falando).

### III — Exercícios de gramática.

— 1 —

Consultar o dicionário e buscar sinônimos das palavras: trégua — ocasião — encolerizado — turbar — adversário — argumento — enfadado — ímpios.

— 2 —

Procurar no trecho 4 substantivos abstratos.

— 3 —

Dar palavras derivadas das seguintes: fábula — regato — água — ano.

— 4 —

Dizer como são, quanto ao número de sílabas, as palavras: trégua — ocasião — cordeiro — água — adversário.

— 5 —

Formar palavras novas, usando sufixos: regato — cordeiro — água.

— 6 —

Separar os elementos que formam as palavras: encolerizado — mansamente — clareza — pobrezinho.

— 7 —

Dar o plural das palavras: — ocasião — margem — senhor.

— 8 —

Procurar o seguinte no trecho lido:  
pronomes demonstrativos  
pronomes pessoais  
adjetivos possessivos  
advérbios  
adjetivos qualificativos.

— 9 —

Formar um diálogo do seguinte:

"O lobo disse ao cordeiro que ele lhe estava turbando a água e o cordeiro respondeu que isso não era possível pois ele cordeiro estava mais abaixo e o lobo estava mais acima".

Continua na pag. 72

# HIGIENE MENTAL NA ESCOLA

## CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO PROBLEMA DA CRIANÇA QUE NÃO APRENDE

Prof.º GERCY DE C. COSTA

O problema da não aprendizagem é bastante amplo; não se restringe apenas às crianças chamadas anormais ou retardadas. Como professores, sabemos que, muito mais que com alunos anormais, nos defrontamos em nossos afazeres diáriamente com alunos normalmente inteligentes, que, entretanto, não aplicam de modo desejável sua inteligência, não a colocam a serviço das necessidades da aprendizagem; mas, ao contrário, muitas vezes parecem usá-la para dificultar, para perturbar o trabalho em aula. Encontramos ainda crianças indiferentes, abúlicas, ante as quais, muitas vezes, não sabemos o que fazer para arrancá-las a sua indiferença, para sacudí-las de sua indolência, para vencer sua apatia e transmitir-lhes uma centelha de entusiasmo, um pouço de curiosidade sadia e conseguir que o aparelho intelectual de que dispõem comece a funcionar e empreenda seu trabalho de conhecimento do mundo.

Com relação às crianças propriamente retardadas ou anormais, o problema é quase sempre de assistência: basta que essas crianças se internem em um estabelecimento pedagógico especial. O que é preciso ensinar ao professor comum, ao que não se especializa nesse domínio, é proceder ao diagnóstico precoce, isto é, a reconhecer essas crianças logo nos primeiros graus escolares, a fim de fazer a devida classificação das mesmas. Uma vez classificadas e conduzidas a estabelecimentos especiais, essas crianças aprenderão com professores especializados e por meio de métodos especiais.

Em nossa clínica pedagógica particular, tivemos o caso de certa menina que freqüentara a primeira classe de uma de nossas melhores escolas primárias, dos 7 aos 16 anos, e não conseguira aprender a ler. O ensino era bem dirigido, tanto que todos os outros alunos iam vencendo, ano por ano, as várias etapas do curso primário; só nossa aluna permanecia na mesma classe e nem poderia ser de outro modo: ela não estava em condições de beneficiar-se com o ensino ministrado coletivamente... Submetida a tratamento médico especializado durante quatro meses, empreendemos após, com os recursos especiais indicados no caso, e sempre com assistência médica, o trabalho de alfabetizá-la. E, pelo fim do ano, com seis meses de estudo, nossa aluna estava lendo corretamente, se bem que não correntemente como qualquer indivíduo normal.

O importante é diagnosticar o mais cedo possível o caso, pois, a criança que não aprende será, mais tarde, o adulto que também não aprende, será o enfermo, o desadaptado social, o criminoso, o incapaz ou então será o governante de um povo e o arrastará à ruína e à guerra... A história da humanidade já está a nos apontar vários casos desse tipo, em quase todas as civilizações...

Dai a importância do problema para os educadores: passada a idade escolar já não é tão fácil diagnosticar o débil mental e ele vai conviver com os indivíduos normais, alternando com eles em todos os níveis sociais e em todas as atividades.

Devemos considerar ainda que médicos e educadores pouco familiarizados com o assunto, julgam-se deva aguardar até certo nível de idade para então iniciar a tarefa de recuperar o atraso da criança deficiente. E, quando a mãe, preocupada, procura mostrar-lhes que seu filho está atrasado em determinados aspectos do desenvolvimento, que seu filho não tem a vivacidade desejável para sua idade, que seu filho apresenta dificuldades de adaptação, que seu filho não brinca como as outras crianças, passa horas e horas quieto, indiferente, isolado... respondem-lhe tranquilizando-a:

— Deixe a criança crescer, Senhora; não se preocupe; há de chegar o momento em que recuperará o atraso e se desenvolverá como as outras.

Ora, tais conselhos fazem com que os pais passem a dar atenção ao que a criança aprende e não mais ao que deixa de aprender e, com isso, inconscientemente, estão cooperando para dificultar qualquer recuperação ulterior.

Para os casos das crianças dotadas de inteligência normal, e, contudo, desajustadas na classe, as medidas serão outras e, com os recursos didáticos de que dispõe o professor poderá, freqüentemente, resolvê-los de maneira satisfatória. Cada criança é um problema cuja solução requer o conhecimento e a compreensão de todos os seus dados, — no caso, as peculiaridades individuais (saúde, inteligência, grau de aproveitamento escolar) e sociais (constelação familiar, situação econômica da família, ambiente de recreação) do aluno, — para que a disposição harmônica de uns (dados) em relação a outros conduza a um resultado feliz.

Continua na pág. 11

# ★ EDUCAÇÃO FÍSICA ★

ORGANIZADO NA SECRETARIA DE  
EDUCAÇÃO O "SERVIÇO DE COLÔNIAS DE  
FERIAS"

Em razão do grande desenvolvimento das colônias de férias para escolares, mantidas pela Secretaria de Educação e Cultura do R.G.S. e organizadas pela Superintendência de Educação Física e Assistência Educacional, cujos dados comparativos assinalam em 1951 a existência de nove colônias com um total de 760 crianças e em 1952 dezenove colônias com mais de 1750, determinou o Sr. Secretário de Educação e Cultura, fosse organizado naquela Superintendência o SERVIÇO DE COLÔNIAS DE FÉRIAS que até então figurava como uma das seções da Divisão de Educação Física.

Nesse sentido, o Cap. João Francisco Sofia, Superintendente de Educação Física e Assistência Educacional, após ter tomado as providências necessárias fez inaugurar o novo Serviço, sem dúvida um dos mais importantes do setor de assistência à infância escolar.

As colônias de férias que até então estavam restritas às escolares da Capital, passarão a ter atuação, como já se fez, em caráter experimental, neste ano, em muitos municípios do interior do Estado. A colônia de férias de Itai, estação de água mineral situada no município de Ijuí, de acordo com os planos elaborados pelo novo Serviço, será ampliada, podendo abrigar, em cada temporada, quatro turmas de 120 crianças pertencentes a nove municípios vizinhos. Da mesma forma, a colônia de mar de Casino, município de Rio Grande, terá suas instalações ampliadas nas mesmas condições de seu congénere de Itai. Serão ainda instaladas mais duas colônias no interior do Estado, visando atender as populações escolares do centro e da fronteira, ambas com capacidade para 500 colonianos em quatro turmas. Ainda, para crianças dos municípios próximos de Porto Alegre, funcionarão as colônias de Belém Novo e Guaíba ampliadas em capacidade para mais de 700 escolares.

Para a Capital está previsto o aumento no prédio onde funciona a Colônia de Férias "Marcílio Dias" em Torres, de forma a poder abrigar 1200 crianças em quatro turmas e a transformação da Colônia de Férias de São Francisco em "Centro de Recuperação", com capacidade para 500 crianças.

O Serviço de Colônias de Férias recentemente inaugurado consta de cinco seções a saber: ORIENTAÇÃO, ORGANIZAÇÃO, SELEÇÃO, ALMOXARIFADO e DIVULGAÇÃO.

A seção de ORIENTAÇÃO estão afetos os estudos e pesquisas indispensáveis a assegurar ao trabalho o caráter nitidamente social e educativo, dentro dos princípios pedagógicos modernos e de acordo com as exigências psicológicas infantis; fornecerá instruções, regulamentos e diretrizes a todo o trabalho educativo e social realizado nas colônias de férias, bem como à recreação e disciplina, com a finalidade de uniformizar o tra-

DR. NEY DUARTE LUZ  
S.E.F.A.E

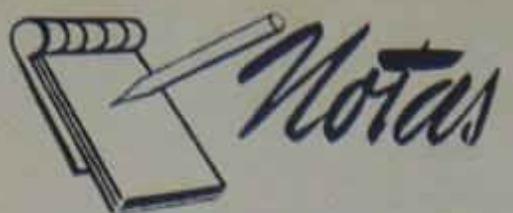
mento dispensado às crianças e prever a solução de problemas relacionados com a coabitacão de menores oriundos dos diferentes meios sociais; determinará o critério a ser utilizado na seleção de crianças; realizará palestras informativas às pessoas interessadas no trabalho de colônias de férias, recolhendo sugestões, idéias e críticas a respeito, bem como, promoverá intercâmbio entre as organizações similares do país e do estrangeiro; receberá dos diretores os relatórios e prestações de conta e fiscalizará todo o trabalho para melhor adequar as colônias de férias a sua legítima finalidade de recuperação e recreação das crianças, incluindo nessa atividade a supervisão das demais seções.

A seção de ORGANIZAÇÃO compete os estudos preliminares e básicos para a instalação de novas colônias de férias, tais como: verificação de locais e estudo das condições naturais de clima, recursos, salubridade, etc., água, luz, esgotos, adaptação de prédios, instalações de cozinhas, refeitórios, dormitórios, sanitárias, etc.; a dotação do material fixo e permanente às colônias, parques de recreio, meios de transporte e todas as provisões relacionadas com as condições materiais indispensáveis ao funcionamento das colônias e seu reaparelhamento.

A seção de ALMOXARIFADO terá suas atribuições em conexão com o Almoxarifado da S.E.F.A.E. e a ela compete a compra e distribuição de todo o material de consumo e uso nas colônias — gêneros de alimentação, material de cozinha, copa, refeitório, dormitório, limpeza e higiene, etc. Em conexão com o Serviço de Vestuário da S.E.F.A.E., realizará ainda o Almoxarifado a compra e distribuição de roupas, calçados e agasalho para as colônias, dotação de material destinado aos gabinetes médicos de uso e consumo; levantamento e carga do material fixo e móvel de cada colônia, escrituração e controle de todo o patrimônio.

A seção de SELEÇÃO em conexão com a Divisão de Serviço Social da S.E.F.A.E., fará a seleção dos escolares para as colônias, de acordo com o critério estabelecido pela Seção de Orientação, no tocante às condições econômico-sociais da família e, em conexão com a Divisão de Saúde da S.E.F.A.E., no tocante às condições de saúde; determinará o número de crianças a ser selecionado para cada colônia de férias; a percentagem que couber a cada estabelecimento de ensino da Capital e aos vários municípios do interior do Estado; organizará um fichário das crianças que concorrem às colônias de férias com as anotações referentes a pesquisa

Continua na pág. 71



# Notas de PORTUGUÉS

YARI DE ABREU LIMA

Prof.º G. E. Paula Soares, P. A.

(Continuação do n.º 7)

## VI exercício:

Que expressão de tratamento usaria você com referência:

a)

- |   |   |
|---|---|
| 1) ao Presidente da República?  | Vossa Exceléncia<br>Sua Exceléncia (sem abreviar)                             |
| 2) às altas autoridades (Ministros, Parlamentares, Diplomatas, Generais)? | V. Ex. <sup>as</sup> ou S. Ex. <sup>as</sup>                                  |
| 3) ao Santo Papa?   | (Sua Santidade — Encontramos a abreviação S. S. que significa Sua Santidade). |
| 4) ao Senhor Cardeal?   | (Sua Eminência)   |
| 5) a um Arcebispo ou Bispo?   | (Vossa Exceléncia Reverendíssima — V. Ex. <sup>as</sup> Rev. <sup>as</sup> )  |
| 6) a um Sacerdote?  | (Vossa Reverendíssima — V. Rev. <sup>ma</sup> )                               |
| 7) a um Príncipe?   | (Vossa Alteza — V. A.<br>Sua Alteza — S. A.)                                  |
| 8) a um Rei ou Imperador?   | (Vossa Majestade — V. M.<br>(Sua Majestade — S. M.)                           |

b)

- Se tivesse de te dirigir, por meio de carta, cartão, etc.:
- |                                |   |
|--------------------------------|---|
| 1) ao Chefe da Nação?          | (Excelentíssimo Senhor Presidente da República ou: Excelentíssimo Senhor...<br>Digníssimo Presidente da República)  |
| 2) ao Chefe do Estado?         | (Ex. <sup>as</sup> Sr. Governador do Estado ou<br>Ex. <sup>as</sup> Sr.<br>Dig. <sup>as</sup> Governador do Estado) |
| 3) a um Arcebispo ou Bispo?    | (Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Arcebispo)  |
| 4) a um Diretor de Repartição? | Il. <sup>as</sup> Sr.<br>Dig. <sup>as</sup> Diretor<br><br>ou   |
| 5) a uma Diretora...           | (Ex. <sup>as</sup> Sra.<br>D.<br>ou Il. <sup>as</sup> Sra.)   |

**NOTA** — Com referência às expressões de tratamento V. S., V. Ex.<sup>as</sup>, V. M., etc., empregamos os verbos, os pronomes pessoais, pronomes e adjetivos possessivos que a elas se referem, na 3.<sup>a</sup> pessoa.

## EXERCÍCIO

Corrija e justifique:

(1) (2) (3)  
Lá vai três meses que V. S. me pediu que vos  
(4) enviasse uma Tábua de Logaritmos. (5) (6)

Não comprei aqui nenhuma, por que, a única li-  
vraria que aqui existe, não possue.

(7) (8) (9) (10)  
Si procurardes, ai, talvez sejais mais feliz. Ptzas  
(11) aos céus que assim aconteça.

(12) Espero vossas ordens.  
1) Devemos dizer: vão, porque o verbo deve con-  
cordar com o sujeito simples em número e  
pessoa.

2) Mês é acentuado, mas o seu plural (meses) não  
leva acento.

3) Com as expressões de tratamento V. S., V. Ex.<sup>as</sup>,  
V. M., etc., devemos usar na 3.<sup>a</sup> pessoa os pro-  
nomes pessoais que a elas se referem.

4) A palavra Tábua deve ser escrita: Tábua, porque  
as palavras graves terminadas em semidítongo  
sao acentuadas.

5) porque e não por que. Escrevemos porque:

1.<sup>a</sup>) Quando substantivo:  
"Os difíceis porquês dos exames".

2.<sup>a</sup>) Quando conjunção causal:  
"Não falo, porque não quero".

3.<sup>a</sup>) Quando conjunção final:  
"Atrairam com festas, porque (= para  
que) os companheiros..."

Como, no exemplo dado, a palavra porque é  
conjunção causal, devemos escrevê-la porque.

6) As palavras proparoxitonas devem ser acentua-  
das: única.

7) Devemos escrever SE (com e e não com i), por-  
que é conjunção.

8) Com as expressões de tratamento V. S., V. M.,  
o verbo fica na 3.<sup>a</sup> pessoa.

9) Talvez e não talves, porque vem de talivor  
(ce = z).

10) Ver o n.º 8.

11) O e do ditongo eu, quando aberto, deve ser  
acentuado.

12) ... suas ordens. O pronome possessivo que  
se refere às expressões de tratamento V. S., V.  
Ex.<sup>as</sup>, etc., devem ser da 3.<sup>a</sup> pessoa.

# O CIVISMO

Continuação da pág. 23

icas, galerias de artes, discotecas, bibliotecas, rádios, transportes rápidos, tudo que pode auxiliar, predispor os espíritos e ativar as inteligências para melhor compreensão da Pátria, a que devem os brasileiros amar e bem servir.

Creamos e afirmamos que o sentimento de amor à Terra em que nascemos é inato em qualquer criatura humana. A criança, cuja inteligência desperta em estes de compreensão, vai se integrando no seu papel de brasileiro, ciente de que lhe é reservada, na vida, a missão de bem viver e bem servir a sua Pátria, cogitando na maneira eficaz de retribuir e agradecer as dádivas com que seu terrão natal a agracia, compreenderá a necessidade do estudo, do trabalho, enfim, do cumprimento de seus deveres na Escola ou no lar. Sentir-se-á como o filho que deseja honrar sua mãe, amando-a e engrandecendo-a.

Que os mestres patriotas continuem sempre a largar a semente que se deve desenvolver fértil e criadora.

Não deixemos de lembrar, porém, que os educadores de há 40 ou 50 anos, sem os recursos das concepções modernas, nos legaram exemplos de educação patriótica, em que levavam os alunos, por todos os meios a seu alcance, a presarem sua Terra, segundo o lema preconizado: Educar pelo Brasil e para o Brasil. Em confirmação disso destaco, a seguir, uma poesia de autoria de minha mãe, Maria Adelalde de Sá Brito, (já falecida), professora em um núcleo colonial do município de Montenegro, a qual, ardorosamente, nacionalizava seus alunos, dando-lhes a verdadeira compreensão de brasiliade, com que se sentiam honrados. Para suas festividades escolares escrevia as poesias patrióticas que os alunos declamavam, demonstrando sua preocupação máxima de educar, como nós hoje, pela Pátria e para a Pátria — o Brasil:

*Brasileiro e riograndense!  
Oh! grato e suave alento!  
Por mais que procure e pense  
Não descubro o monumento  
digno da fama alcançada  
pela minha Pátria amada.*

*Terra de nobres valentes,  
de guerreiros destemidos,  
que vivem sempre contentes,  
que jamais foram vencidos.  
Sim, contentes, que na História  
quando um herói altaneiro  
logra mais uma vitória,  
já se diz: É brasileiro!...*

*Se do passado, orgulhoso,  
eu venho aqui animoso  
lembrar os feitos potentes,  
é que pretendo estudar  
e mais louros conquistar  
do Brasil, os descendentes!*

# EDUCAÇÃO FÍSICA

Continuação da pág. 69

econômico-social da família, exame médico, e permanência na colônia. Compete ainda a seção de SELEÇÃO as providências junto ao Serviço Odontológico da S.E.F.A.E para o tratamento preventivo dos escolares selecionados. Da mesma forma esta seção se encarregará do recrutamento de elementos humanos para o funcionamento das colônias, escolhidos entre os funcionários públicos, elementos do magistério e pessoas interessadas nesse serviço, organizando igual fichário com dados pessoais e relativos ao desempenho de suas funções.

A seção de DIVULGAÇÃO compete o registro cinematográfico das atividades das várias colônias de férias; organização de quadros estatísticos e comparativos, entre o montante das despesas e o número de crianças beneficiadas, etc.; a projeção de filmes educativos e recreativos nas colônias e estabelecimentos escolares; publicação de notícias, avisos e informações; manutenção do serviço de rádiocomunicação entre as colônias e a sede do serviço; correspondência entre as crianças e os pais; propaganda e demais informações relacionadas com o Serviço de Colônias de Férias.

O Serviço recém inaugurado funcionará no prédio da Secretaria de Educação e Cultura, na Superintendência de Educação Física e Assistência Educacional, sito à sua Sarmento Leite, 55, em Porto Alegre.

# HIGIENE MENTAL NA ESCOLA

Continuação da pág. 68

O turbulento tanto pode ser o aluno adiantado demais para a classe, como pode ser o fruto de uma educação doméstica excessivamente tolerante ou excessivamente rigorosa, como pode ser ainda o portador de alguma doença ou de algum defeito orgânico que cumpre ao médico identificar.

O instável, o desatento, o borboleteante, que passa sem cessar de uma para outra atividade sem concluir nenhuma, também é freqüente entre as crianças que não aprendem; a causa tanto pode residir em um grau insuficiente de auto-controle por falta de direção adequada na fase anterior da vida, como pode estar ligada a uma disfunção glandular ou a qualquer outro distúrbio orgânico ou funcional só identificável pelo médico.

Estamos considerando, em todos esses casos, o professor devotado, competente, conhecedor de todas as minúcias do processo da aprendizagem e dos recursos que a motivação oferece para um ensino eficiente.

Para resolver o problema da criança que não aprende o professor precisa ter espírito aberto, livre de idéias pré-concebidas... precisa ter capacidade de amar e compreender os alunos difíceis... precisa ter visão larga e horizontes espirituais amplos para abranger os múltiplos aspectos que o mesmo envolve... precisa, enfim, estar certo de que sua colaboração, embora modesta, há de beneficiar tanto aos alunos em particular como à obra universal de todos os educadores do mundo.

## RECREAÇÃO PÚBLICA

### A recreação no conceito religioso

Continuação da pág. 61

Ao desmantelar-se o Império Romano, A. D. 436, um grande caos avassalou o mundo civilizado.

Hordas de bárbaros invadiram o sul da Europa e os povos sacrificados, recolheram-se a uma vida espiritual. Todos os sacrifícios eram feitos para a salvação da alma, desprezando-se o corpo, tirando-lhe todo conforto, ao ponto de flagelá-lo com a maior das torturas.

Com este desprezo ao corpo, seguiu-se o combate aos folguedos da infância, que eram, naturalmente, julgados frívolos e fora da austerdade exigida naquela época de agruras.

Esta despreocupação pelo físico trouxe males inúmeros e foram necessários os esforços de muitos séculos, para anular a ideia de que com o cuidado do corpo, descuidava-se o da alma. Hoje, graças aos grandes iluminados de diversas épocas, já temos um conceito religioso sobre a recreação, bem mais compassivo.

De um abandono completo do físico, para cuidar da alma, passamos a enobrecer o corpo, transformando-o em templo digno de uma alma nobre, espiritualista e religiosa.

Até o puritanismo incuto da proibição dos folguedos infantis, transformou-se num afan dignificante, propugnando por um uso das horas de lazer do povo.

As últimas resoluções dos dirigentes religiosos enaltecem a educação física voluntária, que é a recreação, como um fator preestimoso para o equilíbrio das atividades malsãs do mundo contemporâneo.

## O SUPLEMENTO DO MÊS

(Continuação da pág. 67)

— 10 —

Passar para o tratamento da 2.ª pessoa do singular:

"Porque me turbais a água que vou beber?".

"Pois se não turbastes agora, a turbastes no ano passado".

— 11 —

Dar outras expressões de tratamento usuais, como Vossa Mercê.

— 12 —

Conjugar o verbo turbar nos tempos dos Modos Conjuntivo e Imperativo.

IV — Ditado do trecho lido e comentado.

Correção do ditado.

V — Composição escrita.

VI — Interpretação gráfica: Desenhar a cena estudada.

*Nota:* — Os exercícios estão preparados para o nível de 4.º e 5.º anos. As professoras de 2.º e 3.º após fazerem observar a gravura, pedirão às crianças que inventem uma história. Se preferirem poderão



Por esta coluna responderemos às cartas que nos forem dirigidas sobre assuntos que não tenham coluna especializada.

Nosso endereço: "Correio da Revista" Revista do Ensino, Andradina, 1428 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul.

*Prof.ª Aurora Rodrigues Pinto — Itajaí — Pern.* — Muito gratas pelo entusiasmo demonstrado. Transmitemos ao departamento Comercial o assunto assinaturas.

*Prof. Valmor Rosa — Rio Negrinho.* — Muito gratas pelas referências elogiosas. O material para festas vai sendo publicado aos poucos. Breve publicaremos orientação para a organização das festas de que fala.

*Sociedade de Quadros Bernardes — Jodo Rodrigues — R. G. S.* — Breve publicaremos as regras do Jogo a que fizer referência em sua carta.

*Maria F. de Souza — São Félix — Bahia.* — Seu pedido de assinatura foi encaminhado ao Departamento Comercial.

*Helena Araújo — São Salvador — Bahia.* — Apressem saber que o caráter prático que imprimimos à Revista agradou realmente às colegas. Multissimo gratas pelas postais. Serão aproveitados mais tarde, pois no número de outubro focalizamos a Bahia.

*Laura Geny Kochenberger — Ibitiúba — R. G. S.* — Seu trabalho "Folia Rio Grande" será publicado em março.

*Maria Amélia de Abreu Prates — Cozinha do Fogo R. G. S.* — Lamentamos não poder atendê-la publicando a relação a que faz referência. A orientação desta revista é a de publicar assuntos de interesse geral. A publicação solicitada interessaria a um grupo muito limitado em nosso Estado. Quanto ao trabalho de seus alunos se vier acompanhado do plano que procedeu a sua realização e se for aprovado pelas nossas revisoras técnicas, será publicado.

*Lúcia Braga Libório — Remanso — Bahia.* — Muito gratas pelo entusiasmo e pela propaganda; continuem assim. Encaminhamos o pedido de assinaturas ao Departamento Comercial.

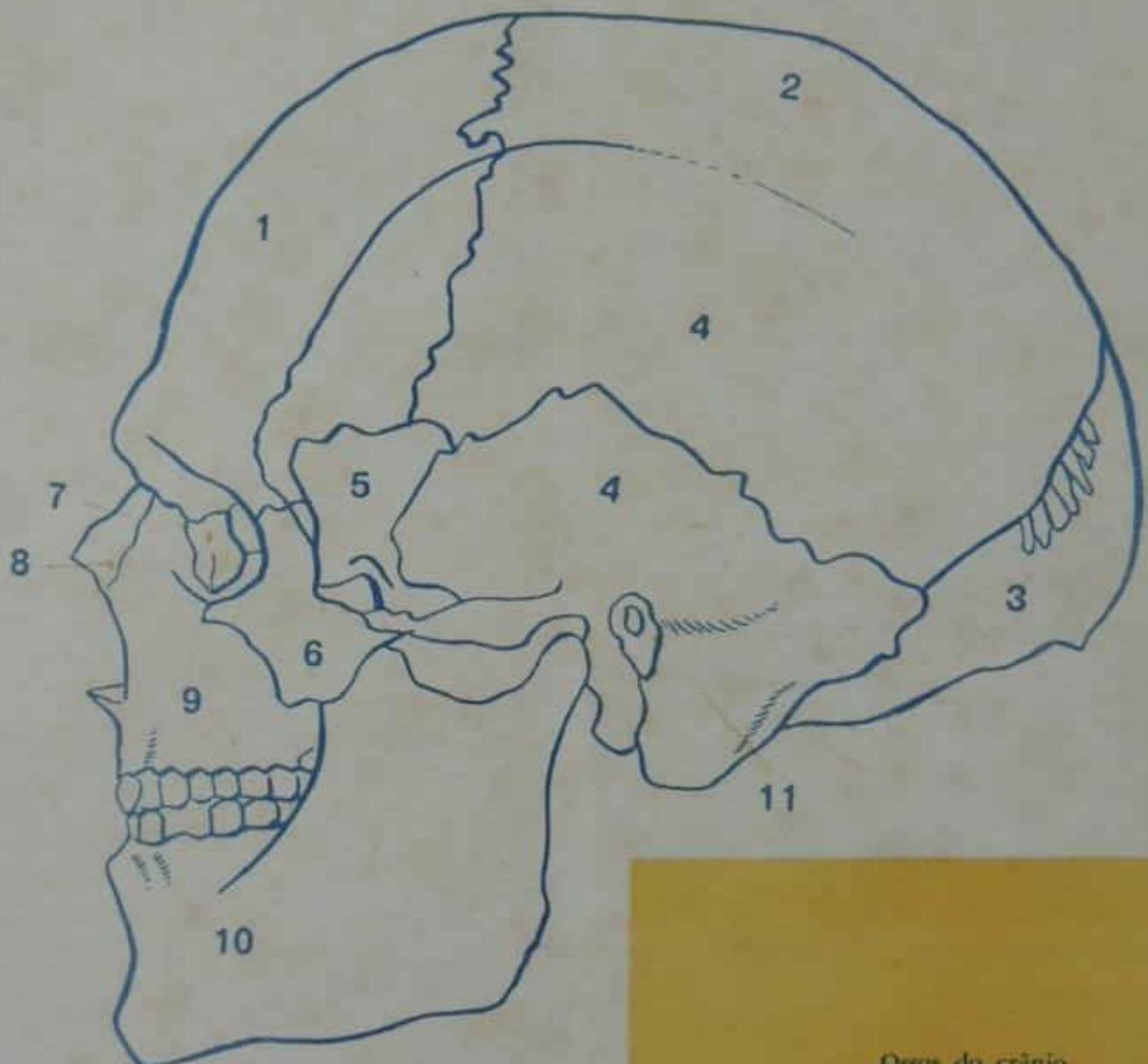
*Prof.ª Maria Madalena Pisa — Secretaria de Educação — Estado de Espírito Santo.* — Muito gratas pela relação enviada. Fizemos nova remessa da Revista.

*Prof.ª Sílvia F. Latini — Capital — R. G. S.* — Muito gratas pelas palavras de estímulo. O trabalho será publicado em março.

contar, simplificando o vocabulário, a "história" do lobo e o cordeiro. Farão questionário oral e exercícios adequados ao nível. Deverão fazer ditado de frases sobre a história e a composição também será de frases.

Interpretação gráfica: desenhar um lobo e um cordeiro.

# CRÂNIO



Ossos do crânio

1 - frontal. 2 - parietal. 3 - occipital.  
4 - temporal. 5 - estenóide. 6 - maior.  
7 - lacrimal. 8 - nasal. 9 maxilar super.  
ior. 10 - maxilar inferior. 11 - conduto  
auditivo.

A Editora Globo

PUBLICARÁ EM BREVE A 1.ª EDIÇÃO DE



Bela apresentação gráfica  
com inúmeras ilustrações  
impressas a quatro cores.



# Estudos Sociais e Naturais

PARA O 1.º ANO PRIMÁRIO

por Maria de Lourdes Gastal



Nesta conhecida série didática, que obteve a mais entusiástica acolhida quando do aparecimento dos volumes anteriores, aparecerá em breve, pela primeira vez, o volume relativo ao 1.º ANO PRIMÁRIO, com rica apresentação gráfica, inúmeras exercícios e experiências, e sugestivas ilustrações, das quais muitas impressas a 4 cores.

Pedidos à  
**EDITORIA GLOBO**  
Caixa Postal, 1520 - P. Alegre

No mesmo série - **ESTUDOS SOCIAIS E NATURAIS** - volumes à venda:  
PARA O 2.º ANO PRIMÁRIO - 5.ª EDIÇÃO      PARA O 3.º ANO PRIMÁRIO - 9.ª EDIÇÃO